

teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 3 - Número 18 - Junho de 1998

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil
Analy Alvarez
Efrén Colombani
Luiz Amorim
Vera Nunes
Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 3 - número 18 - Junho de 1998

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Jônatas Junqueira de Mello

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar

Praça Júlio Prestes São Paulo - SP

CEP 01028-907

EDITORIAL

Aconteceu no Rio de Janeiro, em maio último, um encontro dos mais importantes dramaturgos nacionais e internacionais, promovido pela SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Entre os brasileiros, Chico de Assis, Lauro César Muniz, Cesar Vieira, Augusto Boal e outros. Discutiu-se muito a dramaturgia e descobriu-se que, no mundo todo, está havendo um resgate da palavra. A profusão de efeitos tecnológicos deixou de surpreender e, embora continue atraente, o que está prevalecendo é a palavra, o texto correto, inteligente, bem estruturado.

Essa edição da TEATRO DA JUVENTUDE, portanto, não poderia ser mais oportuna à publicação do texto premiado **Chapéu, Chapelão e Cia**, de Ivan J. C. H. Cunha e Fausto Brunini Júnior, e o **Cala a boca já morreu**, de Luís Alberto de Abreu, um dos nossos melhores dramaturgos da atualidade. A peça, retrato vivo de um nordestino em São Paulo na década de 60, conta, de forma lúdica, o dia-dia da classe operária e, ao mesmo tempo, resgata os acontecimentos históricos no país na década de 30.

O terceiro texto, o **Como se fazia um deputado**, de França Júnior, é um clássico do teatro de costumes, no qual se criticava os valores sociais e políticos vigentes. O autor, um dos continuadores da obra de Martins Pena, o escreveu por volta de 1890 com o título original "Como se faz um deputado" mas, devido a censura, teve que ser trocado para "Como se fazia um deputado". Entre seus textos destacam-se: "A república modelo"; "Meia hora de cinismo", "Ingleses na costa", "Direito por linhas tortas"; "Os candidatos"; "A maldita parentela", "O beijo de Judas" e muitos outros mais.

Assinada pelo super cenógrafo e figurinista J.C. Serroni, a seção "Depoimentos" traz a trajetória deste ilustre personagem das artes cênicas que, para nosso orgulho como brasileiros, recebeu o prêmio máximo na última Quadrienal de Cenografia, Indumentária e Arquitetura Teatral de Praga, na República Tcheca.

Na seção "Livros", a obra "A Arte Secreta do Ator - Dicionário de antropologia teatral", de Eugenio Barba e Nicola Savarese. Trata-se de um estudo da importância do equilíbrio corporal no desenvolvimento do ator. Essencial a quem escolheu trilhar o apaixonante caminho das artes cênicas, exhibe as técnicas teatrais do oriente e do ocidente e induz à reflexão e a busca de novas linguagens. Até breve.

Erné Vaz Fregni

PARABÉNS A TEATRO DA JUVENTUDE E SOLICITAÇÃO DE EXEMPLARES



Sou professora de Sociologia e atriz e estou formando um grupo de teatro e também uma escolinha de interpretação para crianças aqui na minha cidade - Campinas - SP e gostaria de receber a revista TEATRO DA JUVENTUDE para poder trabalhar com essas crianças os textos publicados e, também usufruir com elas, as dicas e os textos de história do teatro que vocês trazem em cada edição. Se possível, gostaria de receber desde o primeiro número. Conheci a publicação através de um amigo de São Paulo e parablenizo esta iniciativa que, com certeza, trará o teatro para mais perto das pessoas que carecem de cultura e informação. Só acho que esta publicação poderia ser mais divulgada, pois quanto maior o número de pessoas que a conhecerem, maior será o retorno para vocês que se preocuparam em editar obra tão pertinente, oportuna e bem vinda!!!!

*Silvana Di Blásio - professora
Campinas - SP*



Vimos solicitar o envio para esta unidade de ensino de todos os números (do 1 ao atual) da Revista TEATRO DA JUVENTUDE. Ficamos eternamente gratos e temos certeza de

que serão de muita ajuda para montar peças de teatro infantil na Escola.



Sou jornalista e ator e solicito os números anteriores e o atual da revista TEATRO DA JUVENTUDE.

*Antônio Augusto Paiva Silveira
Cia de Pesquisa Teatral Baba Chumbo
São Paulo - SP*



Gostaria muito de continuar recebendo a Revista TEATRO DA JUVENTUDE porque a escola a qual dirijo foi municipalizada em dezembro e estou preocupado de não poder continuar recebendo os exemplares, pois trabalhamos constantemente com teatro e a revista tem nos auxiliado bastante. Teatro faz parte da Educação! Parabéns à equipe e ao Governador Mário Covas.

*Antônio Carlos Rocha Botelho - Diretor
Cotia - SP*



Como autor, ator e produtor, gostaria de parabenizar a Secretaria da Cultura pelo excelente trabalho e também fazer um pedido aos autores através dela. Que os autores deixassem um meio de contato para facilitar que um autor possa conversar com outro. Isso, além de proporcionar debates, etc., facilita nas possíveis montagens. Quando o produtor conhece o autor o trabalho flui com

*mais segurança e facilita o diretor ter mais liberdade de criação.
Parabenizo também pelas dicas de iluminação, cenário, figurino, etc.*

*Pedro Cosmos - Grupo Teatral
Tropeço São Paulo - SP*

 *Solicito o envio, se possível, de todos os números publicados da revista "Teatro da Juventude" como também de todos os que vierem a ser lançados.
Serão de grande valia para todos nós funcionários do Centro Cultural Santa Catarina e SCTV Produções.*

*Ricardo Antônio Domeneghetti - Assis.
Departamento de Comunicação
São Paulo - SP*

 *Sou ator e participo em minha cidade do grupo teatral "Pau-a-pique". Tanto eu como meus colegas atores temos notado a falta de materiais de trabalho, inclusive de textos.
Tomamos conhecimento da revista "Teatro da Juventude" e nos encantamos por ela, pela forma como o trabalho é feito. Assim, solicitamos que nos enviem exemplares da revista, pois será de grandíssima utilidade, já que também desenvolvemos trabalhos teatrais com crianças em escolas.
Também sou estudante de magistério e me relaciono com crianças de modo que o material seria de grande utilidade para montagens com elas.*

*Eduardo Bartolomeu
Grupo Teatral Pau-a-pique
Jales - SP*

 *Quero parabenizá-los pela qualidade que permanece a cada edição dessa*

revista, tão importante no meio teatral, principalmente no interior, onde temos uma carência em relação a Banco de Textos.

Além dos cumprimentos, tenho o intuito de registrar uma sugestão: que dediquem um espaço a grupos teatrais; uma coluna onde vocês possam apresentar grupos, estilos e trabalhos desenvolvidos por eles, divulgando seus trabalhos e propiciando experiências através deles.

Muitos grupos trabalham exaustivamente em suas montagens, com pesquisas e elaborações, para depois serem pouco vistos. Acredito que com um espaço na "Teatro da Juventude", haverá um maior interesse neles, pois saberão o caminho que trilham e em que podem ser interessantes para os outros.

*Nilceu Bernardo
Grupo Teatral Atos e Cenas
Lençóis Paulista - SP*

 *Aprecio muito a revista "Teatro da Juventude" que me é muito útil nas atividades do nosso grupo de teatro. Gostaria de receber os números atrasados (8 à 10) e continuar a recebê-la.
Uma sugestão: que tal incluir uma sinopse das peças publicadas junto com o roteiro? Seria interessante, pois teríamos, antes de ler, uma idéia geral do enredo.*

*Pércio Colletti - Casa de Timóteo -
Grupo Teatral "Sementes do Amanhã"
São Bernardo do Campo - SP*

Resp.: Agradecemos a sugestão e estamos analisando a possibilidade.

 *Solicito todos os números da publicação "Teatro da Juventude", pois para meus*

estudos e pesquisas serão de grande importância.

*Israel Monteiro - Cia. Teatral Meceni
São Paulo - SP*



Sou uma arte-educadora e desenvolvo um trabalho na disciplina de Educação Artística em escolas públicas das redes estadual e municipal. Nesses últimos anos venho realizando vários cursos de capacitação, sejam eles destinados a educadores, arte-educadores ou pesquisadores de artes. E, nesse ano de 1998, minhas perspectivas estão voltadas para o Teatro na Escola. Portanto, escrevo a vocês no intuito de me enviarem o material conhecido como Revista Teatro da Juventude. Tenho alguns projetos na área teatral, tanto para crianças como para adolescentes, e este material iria me ajudar muito na elaboração de uma apostila com termos técnicos, ou melhor dizendo, com uma linguagem teatral,

onde os educandos possam ter um profundo e real contato com esta tão maravilhosa linguagem artística.

*Sandra Cristina de Carvalho -
arte-educadora
São Paulo - SP*



Gostaria de parabenizar o bonito trabalho que vocês vêm realizando durante esses anos. Foi com grande satisfação que no ano de 1997 eu tive a oportunidade de conhecer a revista "Teatro da Juventude"; é através dela o nosso pequeno grupo de teatro, que ainda não tem nome, vem a cada dia ganhando forças para continuar, pois em minha cidade não temos livros com peças de teatro para que possamos realizá-las. Assim, peço encarecidamente que enviem ao nosso grupo todas as edições atrasadas ou as que forem possíveis.

*Rodrigo César Zanetti
Divinolândia - SP*

ESCREVA PARA **CARTAS**

A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

MUDOU O ENDEREÇO, AGORA É:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
RUA MAUÁ, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP
CEP 01028-907

SUMÁRIO

Depoimento

Refletindo sobre Cenografia	10
J.C. Serroni*	

Livros

A Arte Secreta do Ator	15
Eugenio Barra e Nicola Savarese	

Textos

Infantil

Chapéu, Chapelão & Cia	17
Ivan José Cardoso Henrique da Cunha e Fausto Brunini Júnior	

Adolescente/Adulto

Cala a boca já morreu	37
Luís Alberto de Abreu	

Como se fazia um deputado	83
França Júnior	

DEPOIMENTO

REFLETINDO SOBRE CENOGRAFIA

J.C. Serroni*

Cenografia, do grego, é a “grafia da cena”. Segundo o dicionário do Aurélio é “a arte e a técnica de projetar e dirigir a execução de cenários para espetáculos teatrais”. Pode ser a corporização do espaço cênico. A casa onde mora o ator. Pode ser, segundo o diretor e cenógrafo de teatro Gabriel Villela, “a ação de, a partir do nada, do vazio, do neutro, sob um estímulo dado, (re)criar-se um espaço ideal, uma atmosfera correta, capaz de emoldurar, abrigar, justificar, dimensionar, delatar, caracterizar e expor o homem”.

Particularmente, vejo alguma dificuldade em definir cenografia. Precisamos analisar sob que ponto de vista estamos vendo-a. Existe o lado estético, o funcional, o conceitual, o técnico. Ela pode apenas cumprir o papel de ambientar, decorar ou fortalecer os significados de um texto, de um roteiro, ilustrando visualmente aquilo que se compreende somente pelas palavras.

Por outro lado, a cenografia pode adquirir expressividade estética e autonomia de linguagem quando ela cria significados novos e imprevistos. Do ponto de vista técnico, ela pode

ser apenas a estrutura espacial onde se desenvolve a cena.

Mas como ficamos, ao ver um espetáculo realizado na “caixa preta”, no vazio do palco, sem elementos, aparentemente sem cenografia? Entramos aí no plano conceitual, em que a cenografia é definida pelos movimentos dos atores, pelos fachos de luz, por uma fumaça, e até por significados sonoros. É possível ter um espetáculo sem cenários, mas ele sempre terá uma cenografia.

Poderíamos ficar discutindo longamente sobre o assunto, mas imagino que estas poucas questões abordadas acima possam registrar um pouco a complexidade dessa arte.

Por falar em arte, vale a pena tentar entender onde se enquadra a cenografia como tal. Certamente, cenografia não é apenas pintura, embora em alguns momentos da história, pintores se aventuraram a colocá-la no palco como tal. Não é escultura, não é arquitetura. Talvez, até por isso, nem todo arquiteto pode se tornar um bom cenógrafo.

Talvez, cenografia seja um pouco de tudo isso junto, adicionando-se um

outro componente, o teatral, que dará a ela climas e atmosferas que lhe conferem uma autonomia de linguagem.

Cenografia, por outro lado, não é uma arte autônoma, individual. Ela só pode acontecer em conjunto, associada a outros criadores do espetáculo, como o diretor, o ator, o iluminador, o figurinista.

E quanto mais essas áreas de criação se integram, mais possibilidades existem de se ter um bom espetáculo.

Cenografia é arte de conjunto, mesmo na sua realização, já que ela envolve diferenciadas linguagens, passando da marcenaria à pintura, da serralheria à costura, ou da luz a adereços cênicos.

A cenografia no Brasil, enquanto linguagem autônoma, é, de certa forma, recente. O marco de início da cenografia como tal é considerado, pela maioria de estudiosos dessa linguagem, o espetáculo "Vestido de Noiva" de Nelson Rodrigues, com direção de Ziembinsky, cuja cenografia foi realizada por Tomás de Santa Rosa em 1943. O uso de planos múltiplos, da luz, de mudanças de cena de um ato para o outro, fizeram desse espetáculo nosso primeiro grande momento de espacialidade cênica.

Mas é só a partir dos anos 60 que a cenografia deixa de ser um

acontecimento isolado de algum espetáculo ou de algum cenógrafo. É com o surgimento do Teatro Oficina, do Arena, da maturidade do trabalho do T.B.C (Teatro Brasileiro de Comédia), ou seja, de grupos mais estáveis, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, que ela vai se firmar e começar a solidificar seus caminhos.

Surgiram já nessa década nossos maiores artistas da cenografia. Podemos citar, entre outros, Flávio Império, Hélio Eichbauer, Luis Carlos

Ripper, Lina Bo Bardi e mesmo Gianni Ratto, que já vinha exercendo essa atividade desde o começo da década de 50.

Apesar desse fortalecimento há mais de 30 anos, continuamos, ainda hoje, a enfrentar

inúmeros problemas relacionados a esse ofício.

Não temos no Brasil uma escola de nível universitário que forme cenógrafos. Não existe um curso completo, por exemplo, como os existentes no exterior, com duração de 04 anos, em que todas as matérias necessárias a esse ofício são vistas com profundidade. Um curso de cenografia deve conter as matérias teóricas, como projeto, estética, história da arte da arquitetura, história do teatro, evolução da cenografia, do edifício teatral, bem como matérias técnicas como desenho, computação e

"Cenografia é arte de conjunto, mesmo na sua realização, já que ela envolve diferenciadas linguagens."

resistência dos materiais. Não pode, de forma alguma, deixar de dar ênfase à formação prática com as aulas de atelier, modelagem, modelos e maquetes, pintura, resinas, estruturas, texturas, etc. Tudo isso aliado à vivência prática de algumas montagens. É no palco, ou do projeto para a cena que o amadurecimento se dará. Temos no Rio de Janeiro duas universidades, UNI-RIO e UFRJ, que mantêm em seu curso de teatro uma especialização na área de cenografia, sem ter, contudo, uma escola de formação específica.

Em São Paulo, até hoje, infelizmente, nenhuma universidade ou faculdade de nível superior oferece aos interessados um curso dessa natureza. Tanto UNICAMP, como ECA-EAD-USP, mantêm cursos para formação de ator ou direção, onde a estrutura geral do currículo traz um semestre ou dois que trata do assunto. As faculdades de arquitetura poderiam, ao meu ver, ter algumas disciplinas direcionadas ao assunto, complementando o lado já existente da arquitetura, que forma, parcialmente, um cenógrafo.

Se não temos escolas de cenografia, o que dizer dos cursos técnicos referentes à mão de obra utilizada na cenografia? Nada existe mesmo. Vivemos uma situação de gravidade nesse aspecto. Quase todos os nossos bons profissionais já morreram e não se formaram outros. Não temos escolas. O

que será do futuro dessa atividade? A tudo isso agrava-se o fato de não termos publicações em português sobre o assunto. São raras as que existem, e nem sempre tratam o assunto com profundidade.

Nosso cenógrafo é quase sempre um autodidata na formação específica da cenografia. Eu, por exemplo, posso dar o meu testemunho nesse sentido.

Trabalho nessa atividade há 22 anos. Comecei minha formação, empiricamente, pintando alguns telões para a cenografia de um espetáculo

amador em São José do Rio Preto, no início dos anos 70.

Casualmente, fui convidado para isso, porque a minha atividade, até então, era de artista plástico, já tendo participado naquela época de

algumas exposições nos salões de arte da cidade e até do Estado. Me aventurei na empreitada, sem nenhum conhecimento específico para a nova linguagem que me era solicitada.

Gostei da idéia, me envolvi completamente, e esse é um perigo do teatro, é um mundo fascinante, capaz de absorver horas e dias a fio. Até como ator participei desse espetáculo. Fiz outros em seguida, e resolvi alguns anos depois, procurar uma faculdade que por proximidade me desse uma formação mais completa para desenvolver meu trabalho. Não que eu tivesse clareza da minha futura profissão.

“Nosso cenógrafo é quase sempre um autodidata na formação específica da cenografia.”

Acabei vindo para São Paulo e cursei a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. A partir do curso comecei a ter mais clareza e informação sobre o assunto.

Costumo dizer sempre que algumas coincidências foram importantes na minha formação de cenógrafo. Conheci e cursei matérias com Flávio Império na FAU. Considero até hoje esse artista nosso maior representante. Herdei dele a visão múltipla da cenografia, a necessidade de ser um pouco artesão e o estímulo de tentar realizar e deixar alguma coisa para a cenografia brasileira.

Paralelamente à FAU, acabei trabalhando na TV Cultura, onde tive contato por vários anos com o cenógrafo José Armando Ferrara, de quem tive muita influência sobre as necessidades de projeto e de muita disciplina no trabalho.

Tive a oportunidade de realizar trabalhos para Escolas de Samba por 5 anos, e percebi que isso foi um útil aprendizado à minha profissão. Fiz muito teatro infantil, onde em termos de espaço e de produção, temos um grande desafio a enfrentar, como contornar as dificuldades, que até hoje vejo que são muitas nessa área.

Tudo isso foi feito de forma empírica. Uma constante experiência de erros e acertos. Mas sempre foi muito clara a

necessidade de pesquisa, da busca de informações, do trabalho de garimpo, junto aos materiais, às referências, ao aprendizado. Sempre tentei aprender sozinho, vendo muito teatro, lendo muitos livros de arte, viajando, vendo cinema, museus etc; e isso não seria tão produtivo se não tivesse já a formação da Escola de Arquitetura.

Sempre fui um profissional preocupado com a infra-estrutura da cenografia, com os problemas da formação, da mão-de-obra, da discussão sobre

novos espaços, sobre novas possibilidades cênicas e técnicas. Desse modo, sempre gostei de trocar experiências, de passar informação, de formar pessoas.

Gostaria muito que as próximas gerações não encontrassem o

mundo da cenografia no mesmo estágio, com as tantas dificuldades que eu encontrei 25 anos atrás. Gostaria de contribuir para mudar esse estado de coisas.

É por isso que gostaria de encerrar esse artigo, resumindo de certa forma aquilo que penso da cenografia hoje, falando um pouco do Espaço Cenográfico. Tive uma primeira década de trabalho voltada de certa forma ao "Teatro Comercial". Fiz de tudo: cenário para teatro, dança, shows, ópera, televisão, cinema, etc. Um trabalho sem continuidade, cada produção em um espaço, um novo

"Gostaria que as próximas gerações não encontrassem o mundo da cenografia, com as tantas dificuldades que eu encontrei."

diretor, uma nova linguagem. Minha segunda década centrou o trabalho num projeto mais aprofundado de pesquisa cenográfica dentro do CPT-SESC(Centro de Pesquisas Teatrais), coordenado por Antunes Filho. Minha terceira década, agora, com um trabalho mais reflexivo, mais centrado em outros aspectos importantes da cenografia, se inicia com a criação do "Espaço Cenográfico".

Esse espaço é um laboratório permanente de estudos da cenografia e outras linguagens e atividades correlatas. A idéia da criação desse centro de estudos nasceu da crescente necessidade de alternativas para os interessados em pesquisar e fazer cenografia no Brasil. Embora o Brasil faça parte da elite internacional cenográfica, tendo inclusive recebido o prêmio máximo na última Quadrienal de Cenografia, Indumentária e Arquitetura Teatral de Praga, na República Tcheca, muitos problemas, como os levantados anteriormente, dificultam uma evolução mais rápida da cenografia.

O trabalho desenvolvido no C.P.T. prioriza, e com razão, o trabalho de ator. Achei, para o bem da cenografia, que era o momento de criar um espaço onde a prioridade fosse uma discussão cenográfica. Onde se pudesse encontrar uma infraestrutura que propiciasse o avanço na pesquisa e conhecimento do assunto. Nesse sentido, o primeiro passo foi montar uma oficina onde se pudesse trabalhar na prática com os materiais, com as maquetes, com os experimentos. Aliado a isso, há a

criação de uma biblioteca especializada, rara no Brasil, onde cerca de 500 títulos já estão à disposição dos interessados nessa leitura. Com a oficina e a biblioteca, o caminho para um curso de formação está próximo. E é por isso que estruturei um curso baseado nas aulas práticas, na constante visita a teatros, na discussão de cenografias e espetáculos em cartaz e acompanhamento junto a diretores e grupos de teatros.

Paralelamente a essas primeiras atividades, outras estão em andamento. A realização de uma publicação mensal abordando o universo cenográfico, a iluminação, figurinos, etc., e um ciclo de palestras em que um técnico de teatro fará seu depoimento acompanhado em seguida de uma discussão com o público.

A idéia, enfim, é criar um ponto de encontro para o profissional da área. Um laboratório em constante movimento onde a troca de idéias e informações poderá, mesmo que a longo prazo, mudar as referências cenográficas brasileiras.

* **J. C. Serroni**, cenógrafo e figurinista, recebeu o prêmio máximo na última Quadrienal de Cenografia, Indumentária e Arquitetura Teatral de Praga, na República Tcheca. Tem participado de diversos festivais internacionais já recebeu inúmeras premiações. Entre seus trabalhos, *Sonhos de uma Noite de Verão*, *Hamlet*, *Paraíso Zona Norte*, *Raposas do Café* e dezenas de outros. Informações sobre o **Espaço Cenográfico**: tel.: (011) 256-4619.

LIVROS

A ARTE SECRETA DO ATOR

Técnicas do equilíbrio corporal na representação teatral
no oriente e no ocidente

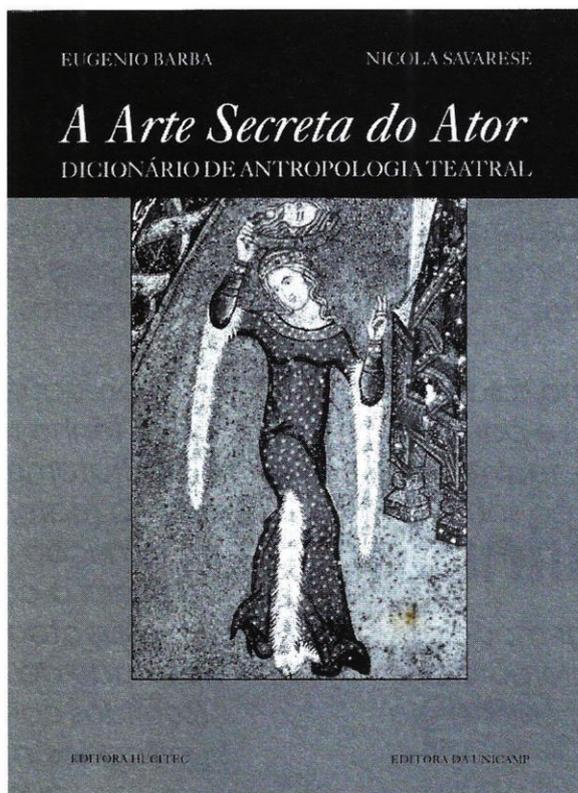
A arte secreta do ator - Dicionário de antropologia teatral, de Eugenio Barba e Nicola Savarese, das editoras Hucitec e Unicamp, 272 págs. Dirigido a atores, estudantes das artes cênicas e todos aqueles que buscam conhecer as técnicas da representação teatral. Um verdadeiro dicionário de A a Z, o livro mostra, em tópicos inteligentes e inusitados, a importância do equilíbrio corporal no desempenho do ator, além dos elementos co-

relacionados, como cenografia, figurinos etc. Atual e atuante, a obra traça um paralelo entre as técnicas corporais do teatro oriental e ocidental, atravessando épocas, apresentando crenças e tradições e chega aos dias atuais

formulando caminhos integrados e fascinantes que superam o conhecido e estimulam a reflexão.

Eugenio Barba hoje é uma referência básica e essencial do processo de criatividade transformadora e reveladora do teatro contemporâneo. Nascido na Itália, estudou teatro na Polônia e, em 1963, na volta de uma viagem à Índia, escreveu um longo ensaio sobre o Kathakali, forma de teatro ainda não estudada no Ocidente. Em 1964 fundou o Odin Teatret, em Oslo e, em 1965 foi

agraciado com o título de mestre em Literatura Francesa e Norueguesa e História das Religiões pela Universidade de Oslo. Fundou também, em 1979, o ISTA - International School of Theatre Anthropology - e recebeu



o título de doutor honoris causa em filosofia pela Universidade de Arthus, em 1988, na Dinamarca. Quanto a **Nicola Savarese**, também é italiana, e leciona História do Teatro na Universidade de Lecce (Itália). Trabalhou durante muitos anos no Oriente e publicou textos sobre a relação entre o teatro oriental e ocidental. Entre esses, *il teatro al di là del mare* (Turim, 1980) e *Teatro e spettacolo fra Oriente e Occidente* (Bari, 1989)

Trechos do livro

"Há alguns atores que atraem o espectador com uma energia elementar que 'seduz' sem mediação. Isso ocorre antes que o espectador tenha decifrado ações individuais ou entendido seus significados."

"Quando se diz ritmo, fala-se também de silêncios e pausas. Pausas e silêncios são, realmente, a rede de sustentação sobre a qual se desenvolve o ritmo."

"A maneira de evitar modelos esquemáticos e os estereótipos é criar silêncios dinâmicos: energia no tempo."

"O problema é: como o ator, que conhece a sucessão de ações que devem ser executadas, pode estar presente em cada ação e fazer a próxima parecer uma surpresa para ele e para o espectador?"

"As artes de representação e os esportes espetaculares são parcialmente baseados na organização e valorização de movimentos biológicos."

"Quando uma parte do corpo executa um impulso numa dada direção, outra parte executa um impulso na direção oposta. Isto tem conseqüências importantes ao nível muscular, especialmente com respeito à contração e ao relaxamento. Em certas escolas de representação diz-se que a chave para tudo é o relaxamento. Mas a chave não é o relaxamento, é o relacionamento entre a contração e o relaxamento. Num ator que está completamente relaxado, nada acontece; por outro lado, as contrações completamente cegas, que são contrações neuróticas, são, como sabemos, impedimentos."

"A conseqüência da dinâmica que tenho tentado descrever abstratamente (mas que é o próprio material do teatro) é que na transição do trabalho do ator para a compreensão do espectador ocorreu uma vicissitude de intenções e sentidos (sentidos compreendidos como significados, mas também como o que se sente)."

"Um teatro no qual tudo é previsível, que é codificado e precisamente decodificado pelo espectador, é um laboratório que não desempenha suas funções, é um monumento a si mesmo."

Infantil

Chapéu, Chapelão & Cia.

Ivan José Cardoso H. da Cunha e
Fausto Brunini Júnior

CHAPÉU, CHAPELÃO & CIA.

Ivan José Cardoso Henrique da Cunha
Fausto Brunini Júnior

1º lugar no IV Concurso Nacional de Dramaturgia Infantil

PERSONAGENS

3 Atores

3 Atrizes

Chapéu

Chapeu-Gigante

Cartola

Filisbino

Muitos outros

(Inicia. O terceiro sinal foi dado. Público acomodado. Há um black-out. No mesmo instante ouvem-se os primeiros sons da música inicial. É uma introdução muito leve, toda a base de flautas diversas que deverão, seguindo os movimentos que ocorrerão em cena, crescer em volume e colorido. No mesmo instante, também, em que iniciou o primeiro dueto das flautas, acende-se um foco de luz forte que passa a varrer o palco, como que procurando algo. Ele "dança" ritmicamente e acompanhado em volteios e velocidade pela velocidade e volteios das flautas; do alto do palco desce, preso ao urdimento, um chapéu preso por fios de nylon. Este chapéu está preso de tal maneira que possa ser manipulado, por fios, como um marionete. O foco o encontra. Deste ponto em diante é que se estabelece a verdadeira primeira cena, composta pelo movimento do chapéu, acompanhado pelas flautas e seguido pelo foco de luz. A música dá a entender como que um passeio do chapéu. Em dado momento entra no arranjo um som forte de tuba. O chapéu treme. Música prossegue. Novo som de tuba. E de trás, acende-se inteiro, um enorme chapéu que ocupa quase todo o cenário (este chapéu gigante irá transformar-se, logo mais, também, num teatro de fantoches.) O foco abre e acende-se as luzes gerais. Vemos então todo o cenário composto, até aqui, pelo chapéu-gigante, o pequeno chapéu-marionete e ainda um terceiro chapéu, lateral do palco e em primeiro plano, ao estilo de uma cartola estilizada, bastante alta. A música se amplia e outros diversos instrumentos passam a fazer parte do seu arranjo. Sempre motivados por esse "diálogo musical" passam a surgir, descendo do teto, presos a fios e atirados pelas coxias, diversos outros tipos de chapéus, de variadíssimas formas, cores e materiais. É uma autêntica "coreografia

de chapéus". A música cessa, repentinamente. O palco está cheio, coloridíssimo e iluminado. O som ouvido de agora em diante é o de uma única flautinha picollo. Ela "fala" com o público, como sendo esta a voz do pequeno chapéu do início que se movimenta junto com este som. É uma "fala" relativamente curta. "Fala, então o chapéu-gigante, som de tuba, movendo uma engraçada língua grande que estava antes posta como uma espécie de tapete que dava acesso à boca do chapéu, na realidade o futuro teatro de fantoches. Ao arbítrio do compositor da música, algumas falas acontecerão, do pequeno e do chapéu-gigante, dando a entender que ambos falam ao público. Ouve-se, então, ao mesmo tempo em que cessa a música, o seguinte diálogo. Falado pelos atores que estão sentados junto com as crianças.)

NOTA: Os atores que estão na platéia, em número de seis, sendo três atores e três atrizes, serão chamados, aqui, simplesmente por números. Na representação do espetáculo cada qual deverá usar o seu próprio nome.

1 (um ator, levantando-se): Eu não estou entendendo nada!

2 (uma atriz, também se levantando em outro ponto da platéia): Nem eu!

3 (outra atriz, idem): É uma música, não é pra entender mesmo.

4 (um ator, idem): Que história é essa? Como que música não é pra entender?

5 (outra atriz, idem): Eu é que não estou entendendo mais nada!

6 (outro ator, sentado): Porque vocês não entendem mesmo é nada!

1: Quem falou isso?

6: Eu! (Levanta-se.) Por quê?

2: O que é que você quer dizer dizendo que a gente não entende nada?

6: O que eu disse! Que vocês não entenderam nada!

OS 5: Como não entendemos nada?... Que negócio é esse?... Quem é esse cara?... Etc...

(Coisas desse teor, ditas emboladamente pelos cinco atores ao mesmo tempo.)

6: Posso explicar?...

5: Por favor, se não for incômodo!

6: Eu queria dizer que vocês não entenderam nada...

OS 5 (cortando-o): Como não entendemos?... Ele insiste em ficar aí dizendo que a gente não entende nada...?

(Idem à balbúrdia anterior.)

6: Espera... Me deixa explicar!

4: Deixa o moço falar!

1: Psiu!...

2: Fica quieta, que coisa...

5: Ói lá o moço falando...

(Silêncio.)

6: Obrigado.

4: Mas fala de uma vez, também.

6: Vocês não entenderam nada... (Os 5 principiam nova interrupção.)

(Cortada por 6.)

6: Eu disse que vocês não entenderam nada porque vocês disseram que música não é mesmo para entender!

1: Quem disse isso...?

2: A (3)!

(Diz o nome da atriz que representa 3.)

Esta forma, entre parênteses o número, será usada em todo o texto daqui para frente.)

3: Eu disse?!

4: Disse.

3: O que foi que eu disse?

5: Você disse... Sei lá o que você disse!

4: Mas do que é que a gente está falando, afinal?

CHAPÉU *(A flautinha, tocando, "explica". Marionete se move.)*

6 *(ao Chapéu):* Claro!

1: Claro o quê, rapaz...?

6: O que ele disse.

GIGANTE *(A tuba, idem; o Chapéu-Gigante, sempre movendo a grande língua quando fala, intervém na conversa.)*

6 *(ao Gigante):* Pois é... Só que eles não entendem.

CHAPÉU *(Flautinha responde.)*

6: É...

(Ator 6 vem para o palco.)

4: Ah... Eu acho que entendi!

CHAPÉU e GIGANTE *(Flautinha e tuba, felizes, som rápido.)*

4: Entendi!

(Vem também para o palco.)

CHAPÉU *("Fala" com 4.)*

GIGANTE *(Idem.)*

CHAPÉU *(Idem.)*

4: Evidentemente!

6 *(aos outros quatro):* E vocês? Ainda não entenderam?

OS 4: Eu não! Nem eu!

(Todos vêm vindo para o palco.)

6: É... Venham para cá.

(Todos os seis no palco.)

1: Olha aqui, antes de mais nada...

6 *(cortando):* Antes de mais nada meu nome é *(Diz seu nome.)* Muito prazer!

4: Eu sou o.

(Fala o nome.)

1: Oi, meu nome é

(Idem.)

5: Eu sou a

(Idem.)

3: O meu nome é. *(Diz o seu nome completo.)* Muito prazer em conhecê-los.

2 *(fala o seu nome):* Oi.

6: Bom, agora que a gente já se conhece eu queria apresentar o...

CHAPÉU *(Intervém.)*

6: Então, você. Como é o teu nome?

CHAPÉU *(Uma nota fá, aguda.)*

6: E o senhor?

GIGANTE *(Uma nota fá, grave. E mais uma intervenção.)*

6: Ah, tá legal. *(Aos outros.)* Vocês entenderam?

2 *(após pausa):* Hum... Não! Traduz.

6: Mas que traduzir...? Não é questão de traduzir... Eles falam, quem nem a gente... Só que nós falamos com palavras, assim... Com palavras: Eu, você, nós, eles... Certo? E eles falam com sons, com notas musicais, eles falam... Hã... Tocando, assim:

(Imita a flautinha, o chapéu.)

CHAPÉU *(Intervém, rápido.)*

6: Isso.

5: Ah, sei... Muito interessante... Só que eu continuo não entendendo o que eles querem dizer.

6: É que...

4 *(cortando):* Posso tentar explicar pra eles? É que você, a gente, não pode querer entender o que eles dizem como se estivesse ouvindo pessoas conversando. Uma pessoa a gente procura entender, porque ela fala. Agora, eles... Tocam... Então a gente não pode querer "entender"... A gente "sente" o que eles falam.

GIGANTE (*Intervém, doce, melodioso.*)

4: Sentiu...?

5: Eu... Eu acho que sim!

TODOS (*Uma fusão de interjeições de alegria dos atores com notas "alegres" dos dois bonecos.*)

6: Vocês viram?... Todos nós falamos a mesma coisa... Ou melhor, todos nós sentimos a mesma coisa.

4 (*a 3*): Você não ficou feliz?

3: Sim!

(*Diz isso agudo como uma nota si aguda.*)

4 (*ao Chapéu*): E você?

CHAPÉU (*Emite uma vibrante e aguda nota si, enquanto se agita da mesma forma que a atriz 3 fizera. Eles na realidade movem igual e "falam" igual.*)

1: Eles fizeram igual...

2: E disseram a mesma coisa...

6: Viu?... Viu como é fácil a gente entender o que eles dizem e conversar com eles?

5: Nossa!... Mas isso tem muitas vantagens...

OS 5: Que vantagens etc...

5: Por exemplo: *te voglio tanto bene!*

1: O quê...?

4: Ela falou em italiano.

1: Mas eu não entendo italiano.

2: Nem eu!

5: *Aprés deux mois et demis de deliceuses vacances me voici de nouveaux parmi mes professeurs et mes camarades!*

6: Francês, agora?...

3: Que foi... Ficou louca?

5: *When the war was over Mr. MacDonald left the navy.*

3: Pára com isso, (*5.*)!

5: Fides, honor, labor... (*Ri.*)

3: Pára!

5: Psapbe po pque peu pque pdi pzer? Sabe o que eu quero dizer? Você entende italiano?

(*Ao 4.*)

4: Não, italiano não. Só inglês.

6: Eu entendi o que você falou em francês, mas só.

2: Eu só entendo português, mesmo!

5: Pois então... Olha aí as vantagens deles sobre a gente...

6: Claro.

3: Escuro. Claro o quê?

5: Se eu falo uma língua que você não fala, você simplesmente não me entende. Mas eles, qualquer língua que a gente fale, sempre se entende o que eles querem nos dizer.

CHAPÉU (*Intervém, concordando.*)

3 (*ao Chapéu.*): Certo.

1: Escuta... Mas tem tantos chapéus aqui... Só vocês dois falam, é?

CARTOLA: Não. Absolutamente. Eu também falo!

(*Quem fala isto é a cartola, antes já descrita como integrante do cenário. Um ator está dentro dela e a veste, estando totalmente coberto por esta.*)

4: Mas você fala...!

CARTOLA: Falo.

2: Mas você fala falando.

CARTOLA: E como é que alguém deveria falar?

1 (*pausa*): É... Falando!

3: Mas eles, que são chapéus também, falam diferente de você.

CARTOLA: Bem... Talvez é porque eu seja uma cartola, não é?

GIGANTE (*Uma nota grave, desafinada e longa.*)

CARTOLA (*ao Gigante*): Dispensó os comentários.

6: Mas senhor... Como é que a gente deve chamar o senhor?

CARTOLA: É... Cartola... Não é?

3: Muito prazer...

(Começa a dizer seu nome todo.)

5: Fica quieta, (3.)... Que coisa!

6: Bom, seu Cartola, o que é que o senhor está fazendo aqui?

CARTOLA: Mas eu é quem deveria perguntar o que é que vocês estão fazendo aqui!

4: Por quê?

CARTOLA: Vocês estão num teatro. E estão justamente no palco do teatro. E o palco deste teatro está cheio de chapéus, eu acho que vocês perceberam isso...

CHAPÉU *(Intervém, rápido.)*

4 *(concordando com o chapéu):*

Como ele disse: só um bobo não vê isso, né?

CARTOLA: E então, vocês querem fazer o favor de sair imediatamente do palco porque nós pretendemos começar uma peça de teatro de chapéus e vocês estão atrapalhando...!

GIGANTE *(Intervém, discordando.)*

CHAPÉU *(Intervém, idem.)*

CARTOLA *(aos dois):* Mas, como?

CHAPÉU *(“Conversa” com ele.)*

GIGANTE *(Idem.)*

CARTOLA: É... Acho que vocês tem razão...

6: Desculpa... Agora vocês falaram meio depressa e eu não consegui entender direito.

CARTOLA: Nós vamos fazer um teatro de chapéus. Mas, como todos aqui podem notar, nós, os chapéus, temos um pequeno e sério problema para fazermos uma peça...

1: Que problema?

CARTOLA: Nós não temos pés?

2: E daí?

CARTOLA: Daí que fica um pouco difícil da gente sair sozinho dos lugares.

4: E então... Vocês estavam pensando que... Se nos ajudássemos vocês...

CHAPÉU, GIGANTE E CARTOLA *(Notas e falas de confirmação, de alegria.)*

4: Que é que vocês acham? Eu topo!

6: Eu também.

1: Bom... Tô com vocês.

2: Eu também.

5: Não sei se eu tenho muito jeito, não... Mas, vá lá.

3: Eu não sei... Trabalhar numa peça... Ser atriz? *(A cara dela se transforma numa máscara de êxtase.)* Eu? Atriz...? Aparecer numa peça... Ser famosa...

1: Pára com isso. (3.)

3 *(normal):* Eu creio que vou aceitar.

CHAPÉU E GIGANTE *(Intervêm.)*

CARTOLA: Muito bem, então... Todos preparados? Todos aqui agora, vocês e todos os chapéus, somos atores. Aqui é o palco, este é o cenário. Música... *(Começa a introdução musical.)* Luzes... *(As luzes mudam para coloridíssimas.)* Atores... *(Os seis e os chapéus-marionetes se ajeitam.)* Respeitável público... Vamos começar... A História dos Chapéus!

(A música cresce, vários instrumentos no arranjo. É cantada pelos atores, cartola, com intervenções da flauta picollo e da tuba. A coreografia é geral, de atores, bonecos e marionetes.)

Música da História dos Chapéus

TODOS: Atenção! Atenção!

Uma história vamos contar
esperamos que possa lhes agradar

e com as necessidades que foram surgindo, pareceram todos esses chapéus que estão aí e todos os outros que não estão aí mas que estão por aí.

5 (*andando entre os chapéus, pegando um e outro, examinando-os*): E quantos tipos de chapéus, não?

CARTOLA: É... Existem chapéus para todos os tipos. Podemos dizer que todo homem é o seu chapéu.

1: Como? Acho que eu não entendi.

CARTOLA: Todo homem é o seu chapéu. Quero dizer: pelo chapéu se conhece o que é o homem. Por exemplo... Hã... Quem é que vai me ajudar?

6: Eu!

CARTOLA: Lá no fundo... (*ó vai.*) Aí! (*ó pára.*) No chão! (*ó olha.*)
Apanhe e ponha na cabeça!
(*ó apanha no chão uma coroa e põe sobre sua cabeça. Começa música. ó, com a coroa, dança e canta.*)

Música do Rei

6: Senhoras, Senhores, façam o favor de se abaixar, porque é seu soberano quem por aqui vai agora passar!
(*Cessa a música. Todos riem.*)

CARTOLA: O que ele é?

TODOS: Um rei... Um rei!

CARTOLA: Certo. Só pela coroa, que é o chapéu de um rei, a gente já fica sabendo que ele é um rei ou que está querendo ser um rei ou que está fingindo que é um rei.

3: Eu quero fazer outra...!

TODOS: Vai, vai...

(*3 corre entre os chapéus. Apanha um de cangaceiro, coloca na cabeça.*)

Começa música nordestina, ela dança o xaxado e canta.)

3 (*música nordestina*): Olê, meus companheiros,

Vamo agora assossegá,
Ôceis vão vê Maria Rita
Que vai pra oceis cantá.

(*Aplausos. Música cessa. Todos riem e brincam.*)

4: Agora eu, agora eu ...

(*Corre entre os chapéus. Apanha um de guarda de trânsito. Põe na cabeça. Canta e dança. A música sugere um misto de marcha com sons de trânsito congestionado.*)

Música do Guarda de Trânsito

Um, dois, um, dois,
Sim senhor, Sim senhor,
Automóvel pra cá, pedestre pra lá,
muita atenção quando eu apitar
senão uma multa eu vou te aplicar.
(*Cessa música. Mais aplausos, brincadeiras.*)

2 (*dengosa*): Ai... Agora é a minha vez...

(*Apanha um chapéu de flores e coloca.*)

1: O que é isso?

2: Espera. Não tá pronto, ainda...
Ajuda aqui, (*5*)?

(*5 vai ajuda-lá. Predem uma cauda longa de tulê branco ao chapéu. Começa a Marcha Nupcial que depois se mescla à música da noiva.*)

Música da Noiva

Ai que bom,
Enfim me casei
Porque de ser titia
Eu já me cansei.
(*Assobios, aplausos.*)

5: Falta eu...

CARTOLA: Você...

GIGANTE (*Cortando... Longa nota grave.*)

4: É... Eu também acho... Chega dessa brincadeira. Vamos saber mais coisas. Fala, Cartola.

CARTOLA: Mais coisas...? Me pareço com um professor?

Os 6: É, até que dava... Quem sabe... Alargando um pouco a aba... Etc...

CARTOLA: Não falo mais, hein! (*Silêncio.*)

CHAPÉU (*Nota aguda, breve.*)

CARTOLA: Tá, já falo, já falo. Por exemplo: podemos dividir os chapéus por utilidade... Ou seja, há tipos diferentes de chapéus, mas vários deles servem para as mesmas coisas... (*Os 6 se transformam em bonecos-mímicos. Passam a realizar o que Carlota fala.*) Existem, por exemplo... Como eu falo por exemplo, não?... Existem os chapéus de trabalho. (*Os 6 apanham e colocam chapéus, a saber: capacete do Metrô, de guarda, de cozinheiro, de padre, de pintor e de jornal, tipo pedreiro.*) Aí está. (*Eles estão estáticos.*) Trabalhem! (*Os 6, como bonequinhos, passam a exercer as funções, mimicamente, referentes aos chapéus que usam.*) Chega. Trocar chapéus. (*Eles trocam. Colocam agora chapéus comuns, a saber: chapéu de passeio, boina, gorro de lã etc.*) Há os chapéus comuns, desses que a gente usa todo dia, pra passear, ir à escola, cobrir a cabeça da chuva e do frio. Andem! (*Idem à*

cena anterior, eles "vivem" seus chapéus.) Chega. Trocar chapéu outra vez. (*Nova troca. Ficam estáticos enquanto ele fala.*)

Agora, existem chapéus que servem só para ostentação. Quer dizer, chapéus que as pessoas usam para mostrar... Entendem? Eu sou um exemplo desse tipo de chapéu. E eles, também... (*Os 6 exibem seus chapéus que são, agora, coisas e arranjos enormes, cheios de plumas, caudas, lantejoulas etc. Criações parafernáticas.*) Pronto. (*Eles vão trocando os chapéus.*) E ainda há um outro tipo de chapéu, aquele que mostra o tipo característico da pessoa que o usa... Sabem, quando a gente usa um chapéu de cowboy, ou aquele capuz do Batman, coisas assim... Assim... (*Os 6 fazem cena usando os chapéus de tipos. Cessam.*) Pronto. (*Todos voltam ao normal.*) Agora chega de explicar coisas. Cansei de verdade. Afinal um chapéu não fala e eu estou aqui falando há horas. Isso cansa, vocês vão concordar comigo, não é?

6: Claro.

2: É... pra quem nunca falou...

5: E falando tanto, agora...

4: Deve ser mesmo muito cansativo!

3 (*abraçando a Cartola*): Eu tenho tanta pena de você!

CARTOLA: Ih ...

GIGANTE (*Intervém, consolando.*)

CHAPÉU (*Idem.*)

CARTOLA: Vocês, também?

1: Você não quer água com açúcar?

CARTOLA: Chega! está certo... Eu posso continuar falando, se é o que vocês querem... Afinal, eu

não estou tão cansado, assim.
Que é que vocês querem, agora?

3: Sabe... Quando a gente estava ali pondo e tirando chapéus e chapéus... E fazendo de conta que era isso, querendo ser aquilo... Me deu mesmo uma vontade de ser uma coisa...

6: Como é que é...?

3: A gente não estava fazendo personagens? Punha um chapéu e fazia a personagem que fosse o chapéu?

6: É... Você tá falando meio atrapalhado, mas eu entendi. O que é que tem?

3: Pois é... Enquanto a gente estava pondo os chapéus, me deu uma vontade de pôr um chapéu e fazer de conta que eu era uma coisa que eu quero tanto ser...

1: O quê?

3: Vocês não vão rir se eu mostrar...?

TODOS: Não, claro que não... etc.

CHAPÉU E GIGANTE (*Mesma nota, grave e aguda.*)

CARTOLA: Ninguém ri. Pode dizer.

3: Olha aqui... (*Vai a um lugar do palco e apanha um capacete de astronauta.*) Um capacete de astronauta! (*Põe na cabeça.*) É isso. Eu queria tanto ser astronauta, viajar pelo espaço, ver a Terra assim pequenininha e estar bem longe dela, bem longe...

2: Ué... Então... Astronauta. Por que é que a gente ia rir de você?

5: Claro. (*Gozando.*) Mas ela tá gozada, né?

(*Todos riem.*)

1: Sabe que a mesma coisa que aconteceu com ela aconteceu comigo? Eu também, andando aí

pelo meio, achei o chapéu exatamente daquilo que eu queria ser...

6: O que é que é?

1 (*apanhando e pondo o chapéu*): Marinheiro. Já pensou? Ter um barco e viver aí pelos mares, navegando, conhecendo mil lugares diferentes, mil pessoas, enfrentando tempestades e tubarões e ...

CARTOLA: Não precisa exagerar também, não é?

1: Não aconteceu isso com vocês, também?

6: Bom, eu não pensei nisso, na hora... Mas tem um chapeuzinho aí que bem que eu gostaria de ser...

CARTOLA: Qual é?

CHAPÉU (*Intervém, idem.*)

6: Este aqui. (*Apanha o chapéu.*) Chofer de táxi. Sabe, eu adoro dirigir e, já pensou...? Chofer de táxi! Passar o dia inteirinho dirigindo, acelerando, mudando a marcha, buzinando...

CARTOLA (*aos três restantes.*): E vocês?

2: Eu não pensei em nada.

4: Nem eu.

5: É, eu também não.

6: Ué... Vocês podem escolher agora!

4: Pra quê?

6: Ah, sei lá... Pra todo mundo ter um personagem.

2: Posso escolher? (*Ela passa a andar pelos chapéus.*) Chapéu de cozinheira... Nem pensar... Chapéu de malandro... Não... Chapéu de cowboy... Não ia ficar bem né?... De freira... Também não. Ah, olha aqui. (*Apanha e põe na cabeça.*) De formatura!

1: Você quer usar chapéu de formatura? Pra quê?

2: Não sei... Meu pai e minha mãe que sempre dizem que o dia mais feliz da vida deles é o dia que eu puser um chapéu de formatura na cabeça. Ué... Tô pondo!

4: E você, (5.)?

5: Escolhe você, primeiro.

4: Ah, não, escolhe você. Eu ainda estou pensando.

5: Bom... Deixa ver... *(Anda entre os chapéus.)* Ah, está aqui, achei um. *(Põe na cabeça.)* Chapéu de Mulher Maravilha! Ai, ela é tão bonita! Tão corajosa!

CARTOLA: Mulher Maravilha...?

GIGANTE *(Uma longuíssima nota grave, desafinada.)*

CHAPÉU *(Idem, notas breves que parecem um chorinho fino.)*

5: Da televisão... É tão bonita...

4: Bom, a gente não vai agora querer proibir dela ser e fazer o que ela quiser, né? *(Pausa.)* Posso escolher, agora? Eu já pensei... Só preciso ver se tem aí um chapéu disso que eu ainda não vi. *(Procura.)* Aqui, achei. *(Põe na cabeça.)* Pronto. Eu vou ser eu mesmo.

(Todos ficam olhando, sem entender. Ele, na verdade, só fez a mímica de por um chapéu. Não há nada sobre sua cabeça.)

3: Não tem nada na tua cabeça.

4: Claro que tem.

5: Tem o quê?

4: O meu chapéu.

5: E de que é o teu chapéu?

4: De idéias.

6: Ah...

CHAPÉU *(Uma nota, idem ao "ah" anterior.)*

2: E você, Cartola?

CARTOLA: O que é que tenho eu?

2: O que é que você quer ser?

CARTOLA: Como chapéu?

2: É.

CARTOLA: Mas eu já sou uma cartola.

6: E você tá feliz com o que você é?

CARTOLA: Bem... Eu sou uma cartola... Aliás, eu sou uma cartola, sabem... Mas... Pra falar a verdade...

TODOS: O quê...?

CARTOLA: Eu bem que queria ser uma outra cartola...

4: Outra cartola...?

CARTOLA: É... Eu quero dizer, um outro tipo de cartola.

1: Que tipo?

CARTOLA: Aquela cartola... Vocês sabem... Aquela...

1: Aquela, qual?

CARTOLA: Aquela... Que todo mundo gosta... Aquela interessante!

1: Sei lá do que é que você tá falando!

CARTOLA: Aquela...!

5: Dá uma pista.

CARTOLA: Aquela... Você dá três batidinhas e faz assim... E... Plaff!

4 *(achando a Cartola louca):* E... Plaff...?

CARTOLA: É... E aí... Atenção... Tchuns!

4: ...Tchuns...?

CARTOLA: E depois ...

1: Que cartola é essa?

CARTOLA: De mágico.

1: Mágico...?

CARTOLA: Pois é... Plaff: um ramo de flores! E daí... Tchuns: um papagaio! E aí...

3 *(cortando):* Já entendemos, já entendemos...

4: O que é que deu, então?

3: Eu sou astronauta.

1: Eu, marinheiro.

6: Chofer de táxi.

2: Formanda, tirei meu diploma

agorinha mesmo.

5: Eu... Sou a Mulher Maravilha!

CHAPÉU (*Pequena intervenção.*)

4 (*ao Chapéu*): Sem comentários! E eu sou eu mesmo, o meu chapéu de idéias.

1: E a Cartola é uma cartola de mágico.

CARTOLA: Isso.

1: (*aos demais chapéus*): Vocês não entram nessa porque vocês já são chapéus, né? (*Todos os marionetes, num movimento sincronizado, concordam. Chapéu e Gigante emitem uma nota cada.*) E... Posso continuar falando? (*Todos consentem.*) Eu tive uma idéia... Cada um com seu chapéu, agora, é uma personagem, certo? E se a gente montasse uma pecinha?

3: Que lindo!

5: Que peça?

1: Ah, sei lá...

4: Uma peça juntando Mulher Maravilha com chofer de táxi, astronauta com formatura e...

1 (*cortando*): Ué, por que não?

4: Eu não disse que não...

2: Então vamos fazer...

4: Eu conto, pode ser, afinal eu é que sou as idéias... Posso? (*Todos, atores e chapéus, concordam.*) Muito bem, então... Preparem-se! (*Os cinco se preparam. Apanham panos pelo cenário e se enfeitam com eles. Penduram flores e um papagaio na cartola. Aos chapéus.*) Vocês ajudam? Fazem os sons e a música da peça, tá? (*Todos os chapéus assentem, sincronizadamente.*) Então... Música! (*Começa uma música. Alguns chapéus fingem tocá-la,*

movendo-se.) Era uma vez...

Cartola, você pode fazer o papel de professor, um pouco?...

(*Cartola vai fazer.*) Uma formatura! (*A música sempre acompanha o que acontece.*) A formanda se formou e sua mãe muito chorou. (*Eles vão representando tudo o que é narrado, pondo e tirando os chapéus, conforme o caso.*) Seu pai estava muito contente. O professor disse: meus parabéns!

CARTOLA: Meus parabéns!

4: Isso. Daí eles saíram e foram chamar um táxi para ir pra casa.

(*Cena chamando o táxi.*)

2: Táxi ...

4: Tomaram o táxi e pediram para ir para casa, ou melhor, para irem para um restaurante almoçar porque a filha tinha se formado e quando as filhas se formam a gente deve ir almoçar num restaurante. Estavam quase chegando quando... (*Tambores.*) O táxi bateu num navio que vinha atravessando a avenida com o sinal fechado. (*Fazem a cena. Música. Chapéus participam ativamente da colisão.*) Alguém se machucou? Não? Ótimo. Mas, vejam: nossa! Estragou todo o táxi. Estragou todo o navio. O chofer de táxi começou a chorar... E o marinheiro começou a chorar... E a formanda esqueceu que estava contente porque seus pais estavam contentes porque ela tinha se formado e começou a chorar... E compuseram a sinfonia do choro coletivo! (*Música que é tocada pelos chapéus e*

"cantada" apenas com sons engraçados e forçados de choro pelos atores. Trecho relativamente curto. Volta ao tema principal no ponto em que havia parado.)

Mas eis que...

5: Surge a Mulher Maravilha! tchan, tchan, tchan...!

(Play back que se sobrepõe à música com aplausos efusivos. Ela agradece, grandiloqüente.)

4: Surge a Mulher Maravilha para salvar a situação. Ela com a sua força especial conserta o táxi... E o chofer de táxi fica feliz... Depois conserta o navio... E o marinheiro fica feliz... E a formanda volta a ficar feliz como os pais dela... E todos ficam felizes, agradecem a Mulher Maravilha e ela grita Shazam...

5: Mulher Maravilha não grita Shazam...

4 *(cessa a música. Pausa.):* Não?

5: Não.

4: Mas eu pensei que ela gritasse Shazam.

5: Mas ela não grita Shazam. *(Pausa.)*

4: Enfim. Música! *(A música reinicia no ponto em que havia parado.)* Todos agradecem a Mulher Maravilha. Ela vai pra casa e todos vão pra casa.

(A música vai atingir o auge final. Todo o clima entre atores, som e o movimento das marionetes é de apoteose.)

CARTOLA: E eu? *(Música decresce e morre, como um disco em rotação inferior parando no prato da vitrola. Cessa.)* Vocês me esqueceram.

5: Ih... *(Reunindo os outros cinco.)*

Esquecemos... E agora?

CARTOLA: Psiu... Vocês me esqueceram na história.

4: Imagina... Por que você pensou isso?

CARTOLA: A história não tinha acabado?

4: Acabado...?

1: Estava acabando, sim...

4: Tava nada.

6: Como não? Tava indo todo mundo pra casa...

4: É... Todo mundo ia pra casa.

3: E a Cartola?

CARTOLA: E eu?

CHAPÉU *(Idem.)*

GIGANTE *(Idem.)*

TODOS OS CHAPÉUS *(Idem, todos os instrumentos.)*

4: Vocês me deixam continuar ...? *(É evidente que ele só agora teve nova idéia.)*

CARTOLA: Continuar...?

4: Claro... Vocês me cortaram...

(Silêncio. Todos se entreolham. Volta, silenciosamente, aos seus lugares onde a cena foi cortada. Ri.) Música! *(Música reinicia.)* E então... *(Quase na apoteose musical.)*

Todos foram para suas casas trocar de roupa e se encontraram na pracinha da cidade onde estava... *(A última nota da apoteose musical dá a entrada para uma música de circo.)* O circo Mágico Cartola... E todos se sentaram comendo pipocas para assistir ao circo.

CARTOLA: E agora, respeitável público... Chega de música, senão ninguém me ouve. *(Música pára.)* Obrigado... E agora... Eu vou fazer aparecer um ramo de flores. *(Tenta, elas estão*

penduradas nele. Não consegue.)
Quem me ajuda? (5 vai.) Um ramo de flores. (5 tira as flores e mostra. Todos aplaudem.) Muito obrigado. E agora... Eu vou fazer aparecer... Um papagaio. (*Idem. É um boneco-papagaio.*) E ele fala, senhoras e senhores.

(5 faz o boneco.)

5: Currupaco... Eu sou o papagaio Pacopaco!

(Aplausos. Grande alegria e algazarra.)

CARTOLA: E agora... E agora... E agora? Eu não tenho mais nada pra fazer.

4: Inventa.

CARTOLA: E agora... Eu não sei...

1: Claro que sabe, seu... Inventá!

CARTOLA: E agora... (*Percebe-se por sua voz que ele conseguiu.*) E agora eu vou fazer uma transformação... A minha assistente, por favor, vai me ajudar... Agora os senhores vão ver a maior maravilha do mundo. Minha assistente vai apanhar aqueles dois chapéus iguaizinhos, ali... (*Ela apanha.*) Os senhores podem ver que são apenas dois chapéus comuns, iguaizinhos... Podem ver... Querem examinar? (5 os leva ao público, cena típica de mágico de circo.) Pois muito bem, os senhores vão ver que estes dois chapéus iguaizinhos não são dois chapéus iguaizinhos nem tampouco dois chapéus... Eles são... O Filisbino!

(Aparece na boca do Gigante, como fantoche.)

FILISBINO (5 o representa. Os dois chapéus, movidos por 5, transformam-se num boneco):

Olá...

CARTOLA: Fale com eles Filisbino.

FILISBINO (fala para a Cartola, bravo):

Olá...

CARTOLA: Fala...

FILISBINO: Mas eu estou falando: Olá...

CARTOLA: Fala outra coisa...

FILISBINO: Como é que eu vou falar outro coisa se eu só sei falar olá...?

CARTOLA: Ah, desculpe... Então fala olá.

FILISBINO (ao público): Olá...

CARTOLA: Muito obrigado... (5 desfaz Filisbino, guarda os chapéus.) E até logo, até logo...

4 (*música recomeça*): E assim, todos voltaram felizes para suas casas, para seu táxi, para seu barco, e, em homenagem a um amigo nosso, "entrou por uma porta, saiu pela outra e quem quiser que conte outra".

(*Música arremata e acaba. Todos se aplaudem, felizes.*)

2: Que legal!

6: Foi mesmo, né?

CARTOLA: Eu estive bem?

3: Eu sou uma atriz!

1 (a 5): Gostei do Filisbino.

5: Filisbino.

1: É... Do Filisbino.

4 (a Cartola): E eu gostei da tua idéia de transformar os chapéus em bonecos, meio fantoche, né?

CARTOLA: Afinal, pra que serve um chapéu...?

2 (*levando a sério*): Pra pôr na cabeça.

CARTOLA: Não só.

1: Com, não só?

CARTOLA: Eu falei não só?

1: Falou.

CARTOLA: Eu nunca tinha pensado nisso...

1: Mas falou.

CARTOLA: Serve, mesmo?

4: Ué... Você quem deu a idéia.

CARTOLA: Dei...?

6: Você não fez dois chapéus virarem um boneco?

CARTOLA: Sim... Mas é como eu ia dizendo...

1 (*apanhando um chapéu velho*):
Olha... Um chapéu serve pra pedir esmolas...

(*Representa.*)

2 (*apanhando um capacete*): E quando a gente tá num lugar, acho que no deserto, sem ter trazido um copo, e com muita sede, e a gente acha um poço de água... A gente enche o chapéu e bebe...

3 (*apanha um chapéu de pluma*): E aí se acabou a tinta da nossa esferográfica a gente pega a pena do chapéu e assina todos os papéis, assim...

4 (*apanha um gorro de lã grande, enfia na cabeça até cobrir o rosto*): E a gente pode enfiar o gorro assim na cabeça e fingir que é um pingüim!

5 (*apanha dois capacetes de lata*): E se os chapéus são de ferro ou de lata a gente pega e toca assim, que nem pratos, na banda da escola, do desfile...

6 (*apanha um chapéu comum*): E quando a gente vai numa festa onde tem um monte de doces e sanduíches deliciosos, a gente enche o chapéu da gente de doce e de sanduíche e depois come!

CARTOLA: E ainda inventar o chapéu que a gente quiser, não é?

CHAPÉU (*Intervém, concordando.*)

GIGANTE (*Idem.*)

TODOS OS CHAPÉUS (*Idem, todos os instrumentos.*)

1: Como assim?

CARTOLA: Ué... A gente também pode inventar chapéus...

4: O que você quer dizer?

CARTOLA: O que eu estou dizendo. A gente não precisa se contentar apenas com os chapéus que nos dão, nos vendem, com os chapéus que já estão prontos. A gente pode inventar e fazer os próprios chapéus da gente.

1: De que jeito?

CARTOLA: Ora, de que jeito... Do jeito que vocês queiram. Olhem, apanhem aquele monte de papéis ali naquele canto (*Os 6 apanham folhas de papel.*) Tragam para cá. Com esses papéis, por exemplo... Pronto, falei por exemplo, de novo... Enfim... Por exemplo, com essas folhas de papel vocês podem inventar milhões de chapéus. E depois usá-los na cabeça, ou fazer bonecos com eles, ou guardar entradas de teatro dentro deles, ou dá-los de presente, ou depois rasgar e jogar fora... Qualquer coisa. Experimentem.

4: Vamos, lá ...?

(*Começa música. É uma música que acompanha toda a confecção dos chapéus pelos atores. É entremeada por momentos com letra e outros exclusivamente musicais. Inicia-se com uma introdução que possibilite tempo do primeiro ator já terminar seu chapéu. É 2. Ela fala.*)

2: Pronto. Acabei o meu! Música de confecção dos chapéus novos (A

introdução transformou-se num minueto. 2 canta.) eu acabei agora o meu chapéu e vejam que bela confecção todinho feito do melhor papel sou uma dama dos tempos de então. *(A música do minueto vai se transformando, através de uns sons graves, tremulantes. 1 acabou seu chapéu, que manipula como um fantoche, e que representa uma bruxa estilizada. Ele canta, já na música com o tema da bruxa.)*

1: Bruxa, bruxa, bruxa eu sou a bruxa Chapelão e quando eu chego, chego, chego todos fogem, é uma confusão. *(Como no processo anterior, a música do tema da bruxa vai se fundindo. Desta feita são sinetas, acompanhadas por sirenas imitadas pelos atores. A música, propriamente, pelos instrumentos, fica em suspenso. Os sons são emitidos pelos demais atores. 6 confeccionou um chapéu de bombeiro e canta com ele, fingindo um carro de bombeiros.)*

6: Abram alas, sai da frente, saiam todos que eu preciso passar um incêndio, que acidente, eu preciso logo, logo apagar. *(Reinicia música instrumental. Mescla-se o som dos sinos do bombeiro a outros de introdução de música oriental. 4 tem seu chapéu e imita um chinês.)*

4: Senhor, senhora, vocês cumprimento: orá, como vai? Como che vê eu sou um chinês e ensino vocês a dançá. *(Trecho musical com coreografia de dança chinesa. Nova fusão. A música oriental, sempre tendo por base os sinos, dá a introdução de música*

característica de natal. 3 tem um gorro de Papai Noel. Canta.)

3: É Natal, é Natal, é Natal, é Natal... *(A música prossegue, sempre se repetindo.)* É Natal, é Natal é Natal ...

(Os outros falam, em cima da música.)

1: Continua...

3: Eu não sei ...

2: Não sabe o quê...?

3: Continuar...

6: Então, termina!

(Música prossegue. Ele estica as notas e termina.)

3: É Naaaataaaa!!!!!!!

(Nova fusão. Os sons finais do "taalll" transformam-se num batuque cadenciado de marcha rancho, e 5, usando um chapéu semelhante à peruca de escola de samba, canta.)

5: Muita atenção ao que eu vou cantar

eu sou de samba, eu quero passar no meu desfile, só chapéus podem entrar

na minha escola a ordem é cantar. *(Num curto momento de samba final, esvai-se a música.)*

2: Que bonito!

3: Gostei da tua bruxa aí, viu... ?

CARTOLA: Tá, tá, tá... Só que agora chega. Já se brincou demais. E olhem... Olhem essa confusão de chapéus aí... Venham cá... Me ajudem a arrumar tudo isso por aqui que já são chapéus demais para uma peça só.

5: Ah ... Jááá ... ?

CARTOLA: Jáááá ... !!!

(E este "já", como uma nota fá, dá o início à música final. Os seis atores e Cartola vão apanhando todos os chapéus que estão pelo palco. Eles cantam.)

Musica Final

TODOS: O chapéu é uma idéia e toda idéia tem o seu fim recolhe aqui, pega aquele ali, vamos saindo ...

(Os seis atores ainda se demoram um pouco, sempre no final de coreografia e com a música de fundo. Finalmente saem os seis atores e a Cartola, carregando todos os chapéus que estavam em cena. A música, agora, retoma o mesmo tema do começo da peça. No mesmo tema com que surgiram os chapéus-marionetes do início, eles sobem para o teto, como surgiram, e também somem. No momento em que eles somem resta apenas no arranjo musical, as flautas e o som da tuba. Estabelece-se um pequeno "diálogo" de despedida com o público com a

flauta "falando" pelo chapéu e a tuba pelo Chapéu-Gigante. O gigante se despede. Apagam-se as luzes do Chapéu-Gigante. No mesmo instante apagam-se todos os refletores. Resta, como cena, o foco de luz inicial, inteiramente aberto e, como música, a flauta que "fala" pelo Chapéu. O Chapéu se despede "falando" musicalmente. Ele vai subindo para o teto num movimento rítmico com o foco que o acompanha e ao mesmo tempo vai se fechando sobre o Chapéu. Quando ele está já no limite mínimo de visão do público no teto a flauta emite um som próximo a um "flim". O Chapéu some. Resta um ponto de luz do foco aceso. Este ponto desce até o centro do palco. Novamente ouve-se o "flim" e o foco imediatamente se apaga completamente.)

FIM

Adolescente/ Adulto

Cala a boca já morreu

Luís Alberto de Abreu

Como se fazia um deputado

França Júnior

CALA A BOCA JÁ MORREU

Luís Alberto de Abreu

Abertura

João Gregório parte para a cidade grande. João Gregório de chapéu de lavrador, guarda-chuva e malas está postado, ao centro do palco, rodeado pelo coro.

CORO: Ano bissexto, dia treze
Sexta-feira, lua cheia
Veio a luz do sete meses
Disse o pai, velho José
Cre'm Deus Padre, ô coisa feia!
Onde vai, João Caburé?

JOÃO: Vou pra São Paulo.

CORO: Dos cinco aos dez de idade
Teve tudo que é problema
mijo frouxo, encefalite
lombriga mais de centena
nó nas tripas e meningite
Pra que vai, João Saquarema?

JOÃO: Vou pra ficar rico.

CORO: Dos dez aos quinze anos
Era magro, pobre e seco
o bucho inchado e oco
as pernas como graveto
cabeça, miolo pouco
quando volta, João Caboclo?

JOÃO: Nunca mais.

CORO: Dos quinze aos vinte anos
deu lucro pra terceiro
plantou pra se sustentar
trabalhou como meeiro
inventou de namorar
Com quem vai, João Roceiro?

JOÃO: Vou sozinho.

CORO: Quieta o facho, assenta a

bunda

A vida é rasa, a morte é funda
Vira e mexe, mexe e vira
Deixa o sonho e a partida
Deixa disso, aceita a vida
Fica aqui, João Caipira

JOÃO: Eu vou.

CORO: Boi é vaca em pasto alheio
Macho fora vira frouxo
Andarilho vira coxo
Sonhador fica sem glória
Tu tens vinte e cinco anos
Vai, completa a sua história.

CENA 1 A estação

(Na estação constam alusões às eleições para presidente de 1960.)

LOCUTOR: Boa noite, São Paulo. Eu te cumprimento, cidade que mais cresce no mundo neste 28 de janeiro de 1960. Eu te homenageio São Paulo, cidade que do alto dos seus arranha-céus contempla esses milhões de laboriosos paulistanos que agora voltam do trabalho para um merecido descanso. Boa noite, São Paulo, a cidade que mais progride, que mais se expande. Mas, e existe sempre um, um porém, um todavia, um entretanto, um no entanto, um senão. São Paulo não é só suas

luzes, seus prédios, sua pujança. São Paulo guarda em si também um outro lado, escondido, confinado, mal percebido, suas ruas mal iluminadas onde grassam os vícios.

PEDINTE: Uma esmola pra uma ceguinha!

MARCELA: Deixa de ser besta, sou eu!

PEDINTE: Marcelona! Que andou fazendo esse tempo todo?

MARCELA: Comendo grama.

PEDINTE: Já viu o Casca?

MARCELA: Eu quero aquele chifrudo morto!

PEDINTE: Fala baixo!

(Com gesto de cabeça, indica Marisinha.)

MARCELA: Aquela é a mineirinha da xoxota de ouro? Já me falaram. Otária! É você mesma, menininha!

PEDINTE: Você arranja enrosco.

MARCELA: Não tenho medo dessa putinha nem do macho dela. Ô otária, você vai se fuder com o Casca. Ele vai tomar toda a sua grana, como tomou a minha.

MARISINHA: Isso é da minha conta.

MARCELA: A vaquinha caipira tem a boca dura. Eu vou tacar a mão nela pra ver se amolece.

(Faz menção de investir contra Marisinha que se encolhe. É detida pela pedinte. Entra João Gregório, meio assustado, medindo o ambiente, os prédios.)

PEDINTE: É a menina do Casca! Deixa disso. Olha o freguês.

(Marcela olha.)

MARCELA *(para Marisinha):* Depois do expediente a gente conversa.

(Para João). Ô garotão, vamos? É, você mesmo. Vamos, broto?

JOÃO: Aonde?

MARCELA: Lá em cima, fazer nenê.

JOÃO: Não senhora. Agradecido. Eu queria uma informação.

(Entra Casca-Grossa. Jeito de malandro, farsesco, se dirige a Marisinha.)

LOCUTOR: Estamos na rua dessa megalópole pra mais um programa da série "Cenas do dia-a-dia". Como sempre estamos no *bas-fond*, o reduto dos decaídos, dos marginais, das mulheres de vida airada, dos proxenetas, no mundo cão, no submundo desta cidade grande. Os personagens desta cena são reais e o diretor implacável é a própria vida!

CASCA-GROSSA *(com gestos e fala maneiros):* Você tá falseando, garota. Eu não gosto disso. Você tem o rostinho lindo. eu não quero amarrotar.

LOCUTOR: Casca-Grossa, o bandido, o marginal, o xerife da zona, o cafetão e sua vítima. Vítima da sociedade que se nega a olhar suas mazelas.

PEDINTE *(para João):* Uma esmola pra uma pobre cega.

MARCELA: Não empata, porra! Espera a tua vez!

JOÃO: A senhora é cega desde quando?

PEDINTE: Desde quando eu fiquei parálitica, ó.

(Mostra o braço.)

JOÃO: E quando foi isso?

PEDINTE: Quando meus pais morreram.

JOÃO: Faz tempo?

PEDINTE: Não me lembro direito. Não sei se foi antes de eu ter ficado com a espinhela caída ou depois do ataque do coração.

JOÃO: Que coisa, meu Deus!

PEDINTE: Nem me fale. E pensar que eu já estava quase sarando do aleijão que eu peguei nesse pé, olha. *(Mostra o pé aleijado.)* Dê uma ajuda pra eu inteirar o dinheiro da passagem.

JOÃO: Que passagem?

PEDINTE: Para Campos do Jordão, tratar da minha tuberculose.

JOÃO: Tuberculose?

PEDINTE: Você sabe... O corpo vai ficando fraco. É o açúcar...

JOÃO: Açúcar?

PEDINTE: Açúcar no sangue. Sou diabética.

JOÃO: Dia o quê?

PEDINTE: Diabete, doença perigosa, principalmente quando a pessoa é epilética.

LOCUTOR: E do meu lado esquerdo temos outros tipos que bem caracterizam o mafuá, que é esse subterrâneo de nossa sociedade: o caipira, o laranjinha, o pato que logo será depenado pelos espertalhões, pelos aproveitadores, pelos pungistas que pululam nessa camada social que todos se negam a olhar, mas no entanto existe.

MARISINHA: Que você quer que eu faça?

CASCA GROSSA: Que dance. Que entre na roda e ponha pra dançar, essa xota, porra! Olha pra minha cara. Essa carinha não sustenta vagabunda não.

MARISINHA: Vagabundo é você! *(Casca Grossa sorri.)*

LOCUTOR: É agora que Casca Grossa vai destilar sua fealdade. Ele bate.

CASCA GROSSA *(ajeita o perfil do rosto de Marisinha, muito mansamente, confere o ângulo e desfere-lhe um tapa.)*

LOCUTOR: Bate-lhe novamente.

CASCA GROSSA *(faz gestos para Marisinha, como se ela fosse integrante de uma barreira de futebol e bate-lhe novamente.)*

LOCUTOR: E mais. E mais. E mais.

(Casca Grossa bate-lhe sempre, farsescamente, repetindo o jogo anterior.) E a vítima, senhores, presa da fúria incontrolável do vagabundo nem reage, apenas grita.

MARISINHA: Covarde!

CASCA GROSSA: Pssssiiiiu!

MARISINHA: Lazarento! Filha da Puta!

LOCUTOR: Grita palavras de baixo calão, termos impúblicáveis, vocábulos não radiáveis, senhores. E o bandido, o marginal sabendo-se impune, bate-lhe *(Casca Grossa o faz)*, castiga-a, pune-a, estrangula-a e ela, senhores, ela, a pobre vítima, a inocente menina que veio de Minas e foi engolida pela cidade grande, ela, a menina não tem por quem clamar, não tem lei que ampare, pois no submundo a única lei é a lei do cão!

PEDINTE: Olha lá, Marcelona.

MARCELA: Dá-lhe, Casca!

JOÃO: Meu Deus. alguém ajude a pobre mocinha.

PEDINTE: Todo dia, a mesma hora, Casca lhe dá um corretivo.

CASCA GROSSA: Quero trabalho, garota. Quero profissionalismo. Eu quero sua xota rosa, vermelha, fumegante. Quero faturamento!

MARCELA: Samba, otária, samba!

LOCUTOR: Os que passam, não olham e se olham não interferem. Esta cidade está desumana, de-su-ma-na. *(Receosamente, João se aproxima de Casca Grossa que*

continua tentando estrangular Marisinha. Timidamente, chama atenção de Casca Grossa.)
(*Casca Grossa solta Marisinha e fixa João.*)

CASCA GROSSA: Fora, otário (*volta rapidamente para Marisinha espancando-a com fúria. João, outra vez, timidamente interfere. Casca, que segurava Marisinha pelo pescoço, solta-a. Esta cai.*). Você é padre, herói ou otário?

JOÃO: Olha, eu não quero incomodar. Mas se o senhor é o marido pode até ter razão, mas não envergonha a moça na rua.

CASCA GROSSA: Marido? (*Ri.*) Fora, otário!

(*Faz menção de continuar batendo em Marisinha.*)

JOÃO: Não faz isso não, moço!
(*Casca volta-se irritado para João.*)

CASCA GROSSA: O quê?

JOÃO (*assustado. Outro tom*): Não faz isso não, moço.

CASCA GROSSA: Sabe quem sou eu?
Casca Grossa!

JOÃO: João Gregório. Encantado.

CASCA GROSSA (*tirando um canivete*):
Eu não fui com a sua cara.

JOÃO (*amedrontado*): Eu até que fui com a sua.

CASCA GROSSA: Brincando, não é?
(*Cotuca-lhe com o canivete.*)

JOÃO: Seu moço, isso fura!

CASCA GROSSA: É mesmo?
(*Faz menção de golpeá-lo.*)

MARISINHA: Não, Casca.

CASCA GROSSA: Cala a boca, Guria.

JOÃO: Cala não, moça!

MARISINHA (*se colocando ao lado de João. Convincente*): Deixa o homem comigo, Casca. Por na roda pra dançar!

JOÃO: Deixa eu com ela, moço. Sem

desavença.

CASCA GROSSA (*rindo*): Táí, garota, gostoi. Você não é tão trouxa. Mas você otário, toma cuidado.

(*Sai.*)

MARISINHA (*baixo*): Desgraçado!

JOÃO: Ele é seu marido, moça?

MARISINHA: Marido? Só se eu fosse doida. É um sujeitinho à toa que pensa que manda na minha vida. Estamos quites. Você me salvou da surra e eu te salvei da facada. Segue o teu caminho. Ou você quer alguma coisa comigo?

MARCELA: Ô ordinária! Esse é freguês meu.

MARISINHA: Te enxerga.

MARCELA: Sujeitinha! Eu vou...

PEDINTE: Vai não, Marcelona, tu te enrosca.

JOÃO: Acho melhor a gente ir indo...

MARISINHA: Eu não tenho medo.

MARCELA: Você precisa é de umas porradas, sua franguinha.

JOÃO (*indo na direção de Marcela*):
Não faz isso, dona, fica feio brigar na rua.

MARISINHA: É despeito dela. Velha não consegue homem.

JOÃO (*indo em direção a Marisinha*):
Não fale assim. Tem que respeitc os mais velhos.

PEDINTE: Deixa pra lá, Marcelona.

MARCELA: Não vai ser a primeira que eu estrago, putinha à toa.

JOÃO (*indo em direção a Marcela*):
Não ofende a moça, dona.

MARISINHA: Vaca velha!

JOÃO: Não vamos dar vexame.

MARCELA: Cala a boca você também, paspalho!

MARISINHA (*segurando João*): Vamos.

JOÃO: Pra onde?

MARISINHA: Pra minha cama.

JOÃO (*brejeiro*): Vô não.

MARISINHA: Como é que não vai?
Tenho cara de trouxa para você
tomar meu tempo de graça?

MARCELA: Tomou, otária?!

MARISINHA: Cala a boca, rampeira
velha.

MARCELA (*abrindo a bolsa*): Vou te
riscar na gilette.

PEDINTE: Vai sobrar pra mim.
(*Sai.*)

MARISINHA (*se afastando*): Casca!
Casca!

MARCELA (*investindo*): Corto você e
corto ele. Vocês vão ter carreira
curta. Ninguém samba na minha
caveira!

(*Marisinha sai perseguida por
Marcelona*)

JOÃO: Eita cidade doida, sô!...

CENA 2

Os delírios de Afílio Ronchetto

(*Do lado contrário de onde saíram as
duas, irrompe Afílio acompanhado de
assobios, vaías, gritaria e risos.*)

ATÍLIO: O que se vaia hoje se aplaude
amanhã! Da discussão nasce a
luz e (*voltando em direção à
turba*) sai porrada e vai sair
tabefe se não pararem de me
encher o saco!

VOZ: Vai pro hospício, velho!

ATÍLIO: Não! Nem na prisão, nem
hospício! Todo mundo na rua! Em
casa só mulheres e criança.
(*Grita.*) O nosso destino vai ser
decidido na rua, não dentro de
casa! Se esta cidade pega fogo
temos que sair à rua para apagar
o fogo ou pra ver a cidade
queimar!

VOZ: Aí, deputado! Meu voto é seu!

ATÍLIO: Todo mundo à rua porque o
chão que o homem pisa é por
direito seu!

VOZES: Cala a boca, velho. Peixe
morre é pela boca.

ATÍLIO: Silêncio.

VOZ: Cadê sua mulher?

ATÍLIO: Tá na zona com tua irmã.
(*Risos.*)

VOZ: Fala mais, velho!

ATÍLIO: Nas voltas que o mundo dá,
gavião vira sabiá. Vocês não
sabem nada! Se vocês não
sabem da caminhada de ontem,
como vão saber a direção a
seguir amanhã? Penso, logo,
existo! Não me lembro, logo, sei!
Quem tiver ouvidos que ouça,
quem tiver pernas que corra
porque para mau entendedor
meia palavra é bosta! (*Para João,
que ouvia espantado o discurso.*)
Entendeu?

JOÃO: Não senhor.

ATÍLIO (*depois de estudar João*): Outro
Saquarema! Que é que você veio
fazer aqui? Todo dia o trem
despeja gente na estação. que é
que você veio fazer aqui,
Saquarema? (*João dá de
ombros, humilde.*) Mas já que está
aqui, fica. É aqui que as coisas se
decidem. Fora daqui não tem
salvação. (*Cumprimentando
João.*) Afílio Ronchetto, prazer.

JOÃO: João Gregório, prazer...

ATÍLIO (*cortando*): Corri todo esse país,
fiz de tudo, fui até o que não
devia ter sido, mas um dia atrás
do outro é que é a vida.
(*Cochichando.*) Em 17 teve a
maior greve que eu já vi. Aqui.
(*Pausa.*) Você não fala nada?

JOÃO: Eu não queria...

ATÍLIO: Chegando de viagem? Eu levo

tua mala.

JOÃO: Pode deixar.

ATÍLIO: Não se preocupe, fui com a sua cara. Você é de onde? De um cú de Judas qualquer? Veio tentar a vida, não conhece nada desta zorra aqui e procura uma cama de pensão, não é? Vamos.

(Pega a mala de João e inicia a saída.)

JOÃO: Não carece.

ATÍLIO: Deixa comigo. Já passa da meia noite. Esta cidade é uma selva e sem guia os homens perecem. Quem não está comigo, está contra mim. Vamos.

JOÃO: Cidade esquisita!

ATÍLIO: Esquisito é político pobre, criança quando nasce e água fria na bunda!

CENA 3

Pensão de Dona Maria

(Em cena Dona Maria. Entra Artidônio com rosto sonolento, trazendo um jornal.)

MARIA: Sem sono outra vez, seu Artidônio? Eu queria falar com o senhor.

ARTIDÔNIO: E eu posso dormir com a saca de café a esse preço?

MARIA: Seu aluguel está atrasado.

ARTIDÔNIO: Esse país precisa de alguém que o coloque nos eixos. Com o preço do café caindo desse jeito vamos falir de novo.

MARIA: Se o café cai o senhor vende seus bilhetes, se sobe o senhor continua vendendo seus bilhetes. Se preocupe em vender os seus bilhetes, porque com o café caindo ou subindo, eu quero o aluguel do quarto em dia!

ARTIDÔNIO: A senhora devia se importar mais com os destinos do país!

MARIA: Não vem com conversa fiada! O senhor é vendedor de bilhetes de loteria e não um barão do café!

ARTIDÔNIO: Mas quase fui! Se não fosse a quebra da bolsa de Nova York...

(Maya treina escala. Inicia a travaiata.)

MARIA: E vem ela! Eita pensão da Dona Maria, só dá louco, ladrão e vadia! Ô dona Maya, abaixa o volume que o meu ouvido não é pinico! *(Maya cessa o canto.)* Respeita o horário.

ARTIDÔNIO: A senhora não devia falar assim. Ela é uma artista.

MARIA: Ela é tão artista como o senhor é fazendeiro.

MAYA *(entrando):* A senhora deveria respeitar um pouco mais o meu passado.

ARTIDÔNIO: Se não fosse a crise de 29...

MARIA *(para Maya):* E a senhora devia respeitar o dia do aluguel!

MAYA: A senhora sabe a minha história.

MARIA: Sei e não quero ouvir de novo! *(Sai.)*

MAYA: Se não fossem os bolcheviques *(cospe de lado)* eu não estaria ouvindo desaforos!

ARTIDÔNIO: Se não fosse a crise do café...

MAYA: Eu estava sendo preparada para ser a primadona da ópera de Moscou.

ARTIDÔNIO: Eu estava pensando em comprar um palacete no Ipiranga.

MARIA *(voz em off):* E eu estava livre de vocês, cambada de caloteiros.

MAYA: Eu estava em Petrogrado

quando veio a notícia que os comunistas tinham derrubado o Czar Nicolau e tomado o poder...

ARTIDÔNIO: O preço do café caiu..

MAYA: Bolcheviques!

(*Cospe.*)

ARTIDÔNIO: Bolsa de Nova York!

(*Cospe.*)

(*Entra Afílio juntamente com João.*)

ATÍLIO: Vamos entrando, João. A casa não cheira muito bem, também as pessoas que moram nela são tão velhas que cheiram a naftalina.

JOÃO: Boa noite.

(*Os dois não se viram.*)

ATÍLIO: A companhia não é muito recomendável, mas pelo preço até que vale a pena. Aquela ali diz, mas não prova, que foi da nobreza russa e o outro também diz, mas não prova, que foi fazendeiro do café.

MAYA: Fui da nobreza russa e a cantora favorita do Czar.

ATÍLIO: Na Rússia eu não sei, mas aqui no Brasil a senhora foi a favorita da estiva de Santos.

MAYA: Insolente!

ARTIDÔNIO: Respeite o nosso passado!

ATÍLIO: E você, vai vender bilhete de loteria e fazer ponto de bicho!

JOÃO: Seu Afílio... A gente procura outro lugar!

ATÍLIO: Não! A gente fica é aqui!

MAYA: Hoje qualquer um pode ir abrindo a boca e dizendo grosserias. Em outros tempos...

ARTIDÔNIO: Em outros tempos isso seria caso de polícia!

ATÍLIO: Caso de polícia é *trottoir* e jogo de bicho! Hoje eu não tô bom.

MARIA (*entrando*): Eu nunca te vi bom, seu Afílio. Que é que o senhor quer?

ATÍLIO: Boa noite, dona Maria. Eu só estava colocando no devido lugar os que perderam a corrida da história. Bela frase!

MARIA: Vai, diz o que quer e some!

ATÍLIO: Está bem. Eu vim trazer um amigo meu (*apresentando*), João Gregório. Boa pessoa. Quero atendimento de primeira.

MARIA: Não dá. A pensão está lotada!

ATÍLIO: O João não faz questão. Qualquer lugar serve.

JOÃO: A gente procura outro lugar, seu Afílio.

ATÍLIO: Não, você fica. Deixa comigo que eu resolvo. Como é, dona Maria, não atrasa o proceso. A senhora...

MAYA: São Paulo está cheia de pensões!

ATÍLIO: Fecha essa trombeta! (*Para Maria.*) Como é, dona Maria? (*Para João.*) É preciso persistência. Só com persistência é que se vai pra frente!

ARTIDÔNIO: O nível dessa pensão está caindo cada dia mais!

MARIA: O senhor fica quieto, seu Artidônio!

ATÍLIO: Tome, cego!

MARIA: O senhor também, seu Afílio. Toda vez que vem aqui, arruma encrência.

ATÍLIO: Eu não gosto de narizinho empinado! Vamos resolver esse assunto logo que o meu amigo está cansado da viagem.

MARIA: Só se ele aceitar o quarto dos fundos.

ATÍLIO: Ele aceita. Mas vai pagar só 60 cruzeiros por dia.

MARIA: Cento e quarenta.

ATÍLIO: Oitenta.

MARIA: Cento e vinte.

ATÍLIO: Está resolvido. Cem cruzeiros e

não se fala mais no assunto.

MARIA: Está bem, está bem.

Pagamento adiantado!

ATÍLIO: Paga João. (*João paga. Atílio puxa João.*) João, vem cá. Você não teria uns trocados, uns vinte cruzeiros pra cerveja? Não é exploração sobre os menos favorecidos, mas todo trabalho tem que ser remunerado! Não se pode... Não se pode ficar com a nossa mais valia (*alucinando*) em 17...

MARIA: Não, seu Atílio! Pelo amor de Deus! Vai ter seus acessos de loucura lá na rua!

ATÍLIO: Aqui em São Paulo, os trabalhadores...

MARIA: Calma... Calma... Eu sou a dona Maria, reconhece? dona Maya... Seu Artidônio...

ATÍLIO (*tentando se localizar no tempo*): Seu Artidônio... Barão do café... Presidente Arthur Bernardes...

MARIA: Não... Seu Artidônio... Ex-barão do café... Estamos em 1960... Presidente Juscelino Kubistcheck... 1917 foi há muito tempo atrás!

ATÍLIO (*se restabelecendo*): Isso acontece até nas famílias mais aristocráticas. Boa noite Dona Maria. Boa noite João. E uma noite cheia de pesadelos de quebra de café e de bolcheviques para vocês dois. Ai dos vencidos!

(*Sai.*)

MAYA: Torpeza!

ARTIDÔNIO: Vileza! Plebe ignara!

ATÍLIO (*voltando*): Parasita! Sangue-sugas sociais! É isso o que vocês são: uns inúteis!

(*Discussão cresce entre eles. João olha espantado. Dona Maria tenta intervir*

enquanto luz cai.)

CENA 4

João percorre a cidade em busca de emprego

(*Encontro com a suicida no viaduto do Chá.*)

SUICIDA: Não! Ninguém se aproxime!

RELIGIOSA (*em altos brados*): Está escrito no livro sagrado. Só a Deus é permitido dar ou tirar a vida! Os suicidas não encontrarão lugar à direita de Deus. Aleluia, irmãos.

RADIALISTA: Alô, Edgard?! Espaço pra mim, daqui do viaduto do Chá, onde uma jovem mulher tenta se suicidar. Qual a razão de seu tresloucado gesto?

MULHER (*a popular*): É o terceiro, só esta semana.

POPULAR: É onda. Ela não se joga.

SUICIDA (*desesperada, teatral*): Eu me jogo! Eu me jogo. Quer ver?

(*Faz menção de se jogar.*)

RADIALISTA: Não! Diz primeiro a razão de seu tresloucado gesto.

SUICIDA: Pra morrer não é preciso razão. Basta cansar de estar vivo.

POPULAR: É onda. Se ela quisesse se jogar já teria feito. (*Começa a vender bilhetes de loteria.*) Vaca, macaco, borboleta! Vaca, macaco, borboleta! O premiado está na mão.

RADIALISTA: As razões, minha senhora. O público quer saber o que leva uma pessoa jovem como você ao suicídio.

RELIGIOSA: Deus te ama, Aleluia irmãos (*canta.*) "Foi na cruz, foi na cruz onde um dia eu vi, meus pecados castigados em Jesus".

MULHER: Larga de besteira, desce daí,

dona!

SUICIDA: Não! Do alto do viaduto do Chá as pessoas do vale do Anhangabaú me contemplam.

RADIALISTA: Contemplam sim, ouvintes. Milhares de pessoas se reúnem no Anhangabaú, o trânsito está praticamente parado na Prestes Maia. Nos prédios as pessoas assomam à janela e gritam: “Não se jogue”, “A esperança só morre com a vida”!

POPULAR: Ela se joga nada. Ela quer é aparecer!

SUICIDA: Razões, razões. Me pedem razões pra morrer! *(Grita.)* Me dêem razões pra viver.

RELIGIOSA: Deus te ama!

SUICIDA: Ele não paga meu aluguel. Ele não aumenta o salário do meu marido.

RELIGIOSA: Bem-aventurados os que sofrem, porque verão a Deus.

RADIALISTA: Diga alguma coisa aos nossos ouvintes.

(Entra João Gregório. Assunta o ambiente.)

SUICIDA: Eu me mato.

RADIALISTA: Diga alô aos nossos ouvintes.

SUICIDA: Alô ouvintes.

MULHER: Faça isso não, dona.

POPULAR: Como é? Se joga de uma vez! Vaca, macaco, borboleta!

JOÃO: Que ela está fazendo?

RADIALISTA: Ela vai se jogar, ouvintes. Dentro de instantes acontecerá o trágico desfecho. Edgard, ainda temos alguns segundos, pode soltar a mensagem de nosso patrocinador. Fique ligado amigo ouvinte, dentro de instantes, mais detalhes sobre esse possível trágico desenlace.

SUICIDA: Eu me jogo.

RADIALISTA: Ainda não, por favor.

RELIGIOSA: É o materialismo. São os pecados do mundo que trazem essas desgraças e afastam o homem do senhor!

POPULAR: Desempata, porra!

RADIALISTA: Pronto, dona. Alô, ouvintes, está chegando o momento dramático. Ela está sobre o parapeito do viaduto e entrará nas páginas de nossos jornais.

MULHER: Vocês aí, sai de baixo que ela vai pular.

SUICIDA: Eu não queria. Eu juro que não queria.

(Chora.)

MULHER: Pula de cabeça! Morre na hora e não sofre.

JOÃO: Gente, não deixa não!

RADIALISTA: Ela se prepara para o salto final. Eu sei que o meu tempo está se esgotando, Edgard, mas ela tá demorando, espere mais um pouco. Atenção dona...

TODOS: Vai, vai, vai, vai...

SUICIDA: Não, eu tenho medo.

JOÃO: Me ajuda a segurar ela.

RADIALISTA: Fica quieto!

JOÃO: Ela vai se jogar.

POPULAR: Sai daí, caipira.

SUICIDA: Não, eu não quero me matar!

POPULAR: Agora não! Tem que se jogar sim. Pensa que a gente é trouxa. Que a gente tá plantado aqui de graça.

RELIGIOSA: Sua morte é um aviso dos céus. Fé em Deus.

POPULAR: E pé na tábua.

MULHER: Vamos, coragem.

RADIALISTA: Meu tempo está se acabando. É o maior furo que eu dou. Não me faz uma coisa dessa. O público inteiro te espera, te aplaude, aplaude seu heroísmo, sua denúncia contra as

injustiças sociais desse mundo. Vai.
(*Suicida faz menção de se atirar. João corre em sua direção.*)

JOÃO: Não! (*Agarra a mulher e a traz.*)
Não faça isso.

RADIALISTA: Quem é esse cara?

POPULAR: Corta! Que é que você está fazendo idiota.

SUICIDA: Me larga! Me solta!

JOÃO: Não se mate. Não carece disso.
Fica calma.

SUICIDA: Ninguém vai se matar.

POPULAR: Estragou tudo.
Meeeeeeeeeeeeerdaaaaa!

(*Arranca os cabelos, joga o boné ao chão.*)

RELIGIOSA: Solta a Miriam.

JOÃO: Você conhece ela? E por que estava deixando ela...

POPULAR: Tudo por água abaixo por causa desse imbecil. Contra-regra! Minha melhor cena! Quem deixou esse imbecil entrar?

SUICIDA (*para João*): Viu o que você fez? Estragou o filme.

POPULAR: Filme, imbecil! Filme! Cinema Novo!

JOÃO: Ela não ia se matar de verdade?

POPULAR: Não, idiota. Essa seria a melhor cena do meu melhor filme. Você sabe quanto custa um metro de filme virgem? Quanto custa o aluguel das câmeras? Está me dando vontade de modificar um pouco a cena. Filmar agora uma cena de homicídio.

(*Vai em direção de João.*)

JOÃO: Eu não tive intenção. Desculpe.
(*Corre, outros correm atrás.*)

CENA 5

Boteco de uma portuguesa

(*A dona da casa limpa o ambiente.*)

(*Entra João.*)

JOÃO: Dá licença? É aqui que precisa de empregado?

PORTUGUESA: O que sabes fazer?

JOÃO: De tudo, um pouco.

PORTUGUESA: Sabes ler e escrever?

JOÃO: Um pouco.

PORTUGUESA: Sabes diferenciar uma sardinha de um bacalhau? Queijo de Parma de queijo de Minas? Sabes pesar? Sabes servir no balcão?

JOÃO: Um pouco.

PORTUGUESA: Amanhã comesas a trabalhar.

JOÃO: Quanto a senhora paga?

PORTUGUESA: No começo pouco, depois um pouquinho mais.

JOÃO: Quanto é, em dinheiro?

PORTUGUESA: Mais do que eu quero dar, menos do que você imagina.

JOÃO: Pra começo, está bem. E o serviço?

PORTUGUESA: Vender, comprar, limpar, arrumar. Um pouco de tudo.

JOÃO: O horário de trabalho.

PORTUGUESA: Da hora que abre à hora que fecha.

JOÃO: Entendo.

PORTUGUESA: Aos sábados, abre um pouco mais cedo, mas em compensação...

JOÃO: Trabalha também de sábado?

PORTUGUESA: Mas domingo só se trabalha até às duas da tarde.

JOÃO: Melhor.

PORTUGUESA: Tens carteira de trabalho?

JOÃO: Ainda não.

PORTUGUESA: É bom, porque eu não registro. Se te perguntarem, fala que você é meu sobrinho.

JOÃO: Tem horário de almoço?

PORTUGUESA: É claro que tenho. Eu tenho duas horas, tu comes

quando não tem freguês. Tu gostas de política? Política aqui não se discute. Em quem votaste na última eleição?

JOÃO: Não sei.

PORTUGUESA: Como não sabes?

JOÃO: O seu Deolindo, grandão lá da minha cidade, dava pra gente o papel já fechado.

PORTUGUESA: E tu não perguntavas em quem estava votando.

JOÃO: Um dia eu perguntei em quem tava votando, mas ele falou que o voto era secreto, que ninguém podia saber. Então...

PORTUGUESA: Depois falam dos portugueses! Então estamos combinados. Amanhã tu me apareces dez minutos antes da hora de abrir.

JOÃO: Que horas a senhora abre?

PORTUGUESA: Dez minutos depois que tu chegares. Mas antes de te contratar, deixa-me perguntar umas coisitas. Tu respeitas as mulheres?

JOÃO: Sim, senhora.

PORTUGUESA: E as donzelas?

JOÃO: Sim, senhora.

PORTUGUESA: E as viúvas? Não respondas ainda. Eu te pergunto isso porque já faz cinco anos que meu finado marido morreu. E tudo quanto é gajo pensa que uma viúva é louca para que alguém es quente o lugar do marido na cama.

JOÃO: É sim, senhora.

PORTUGUESA: Que queres dizer?

JOÃO: Que os outros pensam que uma viúva é louca para que alguém es quente o lugar do marido. Eu não penso.

PORTUGUESA: Não pensas? Nunca te passou pelo toutiço que uma

mulher perde marido mas não perde o fogo? Que se enterra o marido mas não se enterra as... partes?

JOÃO: Não senhora.

PORTUGUESA: Bom, porque eu não gosto de confianças. Porque eu sei como são essas coisas: uma beliscadinha nas ancas (*belisca João*), uma gracinha nas orelhinhas e pronto: a viúva traiu o finado. Tu percebes? Ahh? (*João tímido.*) Bem, estamos conversados. Não quero que me olhes ao pé da escada quando eu subir pra pegar lata de óleo na prateleira, percebes?

JOÃO: Sim, senhora.

PORTUGUESA: Não gosto quando às vezes que tenho que sentar assim (*senta-se*) e o gajo fique me olhando as pernas quando o vestido desce, assim (*descobre as pernas*). E principalmente, não gosto que os gajos segurem meus peitos (*pega a mão de João e a coloca sobre seu peito*) e os amarfanhem assim (*aperta a mão de João sobre seu peito*) como tu estás fazendo. Entendeu o que eu quero?

JOÃO: Sim, senhora.

PORTUGUESA: Que queres dizer com sim, senhora.

JOÃO: Com sim senhora, eu quero dizer não senhora. Que a senhora não quer nada disso.

PORTUGUESA (*com um leve traço de desânimo*): Percebes bem. (*Se solta de João.*) E por último, não gosto de mãos nas ancas, especialmente quando as mãos, das ancas descem um bocadito... (*Excitada.*) Mais... Abaixo... Naquele sítio íntimo... Porque me

dá um calafrio, depois sobe um fogo nas orelhas e eu me desfaleço... E me estendo ao comprido no solo. *(Persuasiva.)* Percebes? Não quero isso, principalmente depois que os fregueses já se joram e ficamos aqui dentro nós, só nós dois, sozinhos, para conferir a féria. Percebestes bem?

JOÃO: Sim, senhora.

PORTUGUESA *(desanimada):* Raios, que com esta cara és bem capaz de ter compreendido mesmo! Vai-te embora e me apareça aqui amanhã para o trabalho.

JOÃO *(tentando entender):* Dez minutos antes da senhora abrir.

PORTUGUESA: Exatamente.

JOÃO: E como eu sei a hora que a senhora abre?

PORTUGUESA: Eu abro dez minutos depois que tu chegares.

JOÃO: Ah, certo. Eu tinha esquecido. *(Saindo.)* Ela abre dez minutos depois... E eu devo chegar dez minutos antes... Que confusão.

CENA 6

Variados encontros

(Alípio entra em cena carregando um ponto de ônibus. Coloca-o no centro do palco e se posta esperando a condução. Abre um jornal e começa a lê-lo. Atílio entra, coloca-se ao lado de Alípio e lê o jornal por sobre o seu ombro. Alípio sente-se incomodado e olha rapidamente para Atílio, pensa e olha novamente para Atílio como que tentando lembrar-se. Atílio faz o mesmo.)

ATÍLIO: Eu não te conheço?

ALÍPIO: Você também não me é

estranho.

ATÍLIO: De onde?

ALÍPIO *(pensando):* Não sei, mas tenho certeza que te conheço de algum lugar.

ATÍLIO: Como é seu nome?

ALÍPIO: Alípio, e o seu?

ATÍLIO: Atílio.

ALÍPIO: Atílio... Atílio... não. O nome não me lembra nada.

ATÍLIO: Mas tenho certeza que nós já nos encontramos muitas vezes. Já sei! Em 52 você fazia comício na campanha do Petróleo é Nosso! Você lembra? Grande vitória!

ALÍPIO: Eu nunca fiz comício na Campanha do Petróleo.

ATÍLIO: Não? Então devia ser outra pessoa parecida. *(Breve pausa.)* E por quê? Você era contra a nacionalização do petróleo. Era um entreguista? Contra a Petrobrás, seu Alípio?

ALÍPIO: Não é isso. É que nunca fiz comício na vida.

ATÍLIO: Nem participava de manifestações de rua?

ALÍPIO: Uma vez só, em 37, pela causa integralista.

ATÍLIO: Causa integralista? Você foi um direitista, um galinha verde?

ALÍPIO: Coisas do passado. Arroubos juvenis.

ATÍLIO: Não era você que, em 33, dizia que era preciso derrubar Getúlio, instaurar uma democracia popular? Você virou a casaca, Alípio.

ALÍPIO: É isso! Agora me lembro de você! Em 32 nós dois fomos nos alistar como voluntários na Revolução Constitucionalista.

ATÍLIO: Fique o senhor sabendo que eu nunca participei da Revolução de 32.

ALÍPIO: É isso. Depois que perde, ninguém quer assumir a responsabilidade. Se a gente tivesse ganho em 32 tava todo mundo falando que era constitucionalista.

ATÍLIO: Eu te conheci na grave dos gráficos em 29 fazendo agitação pro partido comunista! O senhor está louco!

ALÍPIO: Você bebeu!

ATÍLIO: Você é que está velho, caducando! quem diria, hein, seu Alípio, a gente se conhece esse tempo todo e só agora eu percebo essas sua faceta.

ALÍPIO: Pelo que você falou, eu estou até duvidando que a gente tenha se conhecido!

ATÍLIO: Quer passar uma borracha no passado? Não basta negar os princípios? Quer apagar da lembrança os amigos? É sempre assim...

(Entra mulher apressada.)

MULHER: Os senhores poderiam me dar uma informação? Eu preciso ir num lugar, estava com o endereço na mão, mas perdi. Eu preciso ir lá.

ATÍLIO: Lá onde?

MULHER: Não sei.

ALÍPIO: Como é que a senhora sai de casa para ir num lugar que não sabe onde é?

MULHER: Eu sabia. A rua era não sei o quê de julho.

ALÍPIO: 9 de julho?

MULHER: É isso!

ATÍLIO: Não era 5 de julho?

MULHER: Agora não sei.

ALÍPIO: Não confunda a dona. É rua 9 de julho, dia da revolução de 32.

ATÍLIO: Podia ser 5 de julho, dia da revolução de 1924.

ALÍPIO: 9 de julho.

ATÍLIO: 9 de julho não foi revolução que se prezasse.

ALÍPIO: E a de 5 de julho, foi?

ATÍLIO: A de 5 de julho tinha apoio popular.

MULHER: Por favor, eu estou com pressa. A 9 de julho e a 5 de julho são muito longe uma da outra?

ATÍLIO: São duas direções totalmente contrárias. 9 de julho foi em 32, feita pelos aristocratas contra Getúlio. 5 de Julho foi em 24 contra Arthur Bernardes, com apoio do povo.

ALÍPIO: Vai na 9 de julho.

ATÍLIO: Você é um vira-casaca, conservador, Alípio. Por isso quer que ela vá numa revolução da aristocracia cafeeira.

ALÍPIO: E você?! Um populista, um anarquista, um comunista. Por isso está indicando a revolução de 5 de julho. Em 32 nós caímos, mas caímos de pé. Não fugimos como as tropas de Isidoro fizeram em 24.

ATÍLIO: Isidoro teve que fugir porque desprezou o apoio popular. Aí, então, minha senhora, as tropas de Arthur Bernardes tomaram a cidade.

MULHER: Pelo amor de Deus! O senhor *(Para Alípio.)* me diz onde é a 9 de julho, e o senhor *(Para Atílio.)* me diz onde é a 5 de julho. Eu vou em uma, se não for lá eu vou na outra.

ATÍLIO: Não senhora! Isso é oportunismo! Então a senhora vai numa revolução, perde e depois passa pro outro lado? Se decida minha senhora, a senhora quer uma revolução com o apoio popular ou uma com o apoio da aristocracia?

MULHER (*exasperada*): Eu não quero revolução nenhuma!

ATÍLIO: Imobilista! Quer ficar em cima do muro! É uma posição muito típica!

MULHER: Vocês são loucos!
(*Sai.*)

ALÍPIO: Ela vai pra onde?

ATÍLIO: Sei lá! Com certeza vai se asilar em alguma embaixada estrangeira antes que a coisa estoure. Onde é que você vai agora?

ALÍPIO: Cansei de esperar o ônibus, vou pra casa a pé mesmo. Tchau seu Afílio.

ATÍLIO: Tchau seu Alípio (*Alípio dirige-se à saída.*) Lembranças pra sua mulher, dona Altina.

ALÍPIO: Ela se chama Maurinha.

ATÍLIO: Trocou de partido, de ideologia e de mulher! (*Vai saindo em direção contrária, encontra mulher chorando.*) Aconteceu alguma coisa?

MULHER: Meu marido morreu.

ATÍLIO: Sujeito tão bom.

MULHER: O senhor conhecia.

ATÍLIO: Como era o nome dele?

MULHER: Antônio.

ATÍLIO: Meu Deus! O Antônio morreu? Onde é o velório?

MULHER: Ali perto.

ATÍLIO: Eu vou com você. (*Entra João Gregório.*) João! (*Corre em direção de João e o abraça efusivamente.*) Com está?

JOÃO: Ô, seu Afílio, que casa de doido o senhor me levou! O pessoal lá parece que bebe.

ATÍLIO: Eu conheço uma outra pensão ótima. Vamos pra lá.

JOÃO: Não, obrigado. Eu estou trabalhando numa venda e a dona, uma portuguesa, fez que

fez pra que eu fosse morar num quartinho lá no serviço.

ATÍLIO: Arranjou emprego? Ótimo. Vamos comemorar. (*Faz menção de sair, mulher soluça.*) Esse é o João Gregório. Essa é a mulher do falecido. Acabou de perder o marido inda agorinha.

JOÃO (*que já havia estendido a mão*): Satisfração... (*embaraçado*) Meus pêsames.

ATÍLIO: Vamos indo pro velório.

JOÃO: Desculpa, seu Afílio, mas eu não posso ir. Sabe o que é? Não é que eu não esteja querendo ir pro velório, não; eu quero. Mas é que a dona da venda, a portuguesa, falou que ia passar, logo mais à tarde lá na venda pra conferir uma mercadoria.

ATÍLIO: Um pouco mais de respeito, João! Você não vê a dor dessa mulher. O marido acabou de morrer.

JOÃO: Só que eu...

ATÍLIO: Isso! A gende dá uma passadinha lá, cumprimenta a família, dá o último adeus ao morto, toma uma cachaça pra lavar a alma, come uns bolinhos pra forrar o estômago, fecha o paletó de madeira e vamos embora. Combinado? (*Sem esperar a resposta.*) Então vamos!

CENA 7 O velório

(*Um morto estendido sobre a mesa. Duas mulheres velam o morto, juntamente com o irmão do morto.*)

MULHER 1: Velório concorrido! Três pessoas contando com nós duas. Nem os parentes vieram.

MULHER 2: Também! Por quem morreu! Sujeitinho ruim e ordinário está aí. Quando foi comerciante roubava no peso, quando era carcereiro batia nos presos.

MULHER 1: Enganou mulheres, despejou viúvas. Era capaz de vender a mãe e dar o pai de troco.

MULHER 2: Capaz de bater mãe com soco inglês.

MULHER 1: Martelar dedo de recém nascido.

MULHER 2: Espanhol safado.

MULHER 1: O mundo não perdeu nada.

(Irmão soluça.)

IRMÃO: Meu! Irmão! Meu pobre irmão!

MULHER 2: Isso é falsidade.

IRMÃO: Por que não morri em seu lugar?! Deus, Deus, Deus!

MULHER 1 *(consolando o homem):* Não fique assim! Os bons sempre vão primeiro. Agora ele está melhor que nós aqui na Terra.

MULHER 2: Ele passou dessa para melhor.

(As duas conduzem o irmão a uma cadeira.)

MULHER 1: Tudo falso.

MULHER 2: E a viúva?

MULHER 1: Até agora não veio. Sabe Deus o que está fazendo!

(Entra a viúva acompanhada de Atílio e João.)

JOÃO *(tentando ser agradável):* Boa noite pra todos

(Todos olham espantados.)

ATÍLIO *(cutucando João):* Em velório não se dá boa noite!

JOÃO: É. Acho que não é uma noite muito boa.

VIÚVA *(apresentando):* Dois amigos do Antônio.

ATÍLIO *(põe a mão direita sobre o peito*

e curva a cabeça

respeitosamente): Meus pêsames, senhoras. Meus pêsames, senhor.

MULHERES E HOMEM: Igualmente.

JOÃO: Igualmente eu também.

MULHER 2: Que coisa! Eu nunca sube que o Antônio tivesse um amigo sequer, agora me aparecem dois!

VIÚVA *(como se, de repente, se lembrasse do morto, um misto de farsa e comédia):* Antônio! *(Vira-se para o morto cobrindo o rosto.)* Eu não quero ver! Porque meus olhos não são cegos, senhor, para não ver essa desgraça. *(Abre os olhos.)* Meu marido! *(Joga-se sobre o morto.)* Meu adorado marido!

ATÍLIO *(tentando afastá-la):* Calma, minha senhora!

VIÚVA: Eu quero ser enterrada com ele.

ATÍLIO: Minha dor é também a sua.

Deus chamou o pobre homem.

MULHER 2: Até que não seria má idéia enterrar também essa sirigaita hipócrita!

MULHER 1: Por quê?

MULHER 2: Traía o marido com o próprio cunhado e agora fica aí fazendo fita.

MULHER 1: Ela fazia isso?

MULHER 2: Com aquele sujeitinho ali. *(Aponta para o irmão.)*

VIÚVA: Antônio! Meu Antônio!

IRMÃO: Irmão! Meu irmão!

VIÚVA: Cunhado! Meu cunhado! *(Abraçam-se.)*

ATÍLIO: Gente! Minha gente! Não vamos ficar assim! *(Toma a viúva.)* Uma bebida lhe fará bem.

(Leva a viúva para dentro juntamente com mulher 2.)

VIÚVA: Não! Eu não quero beber!

MULHER 2: Um conhaque vai te reanimar.

VIÚVA: Não! Por favor, conhaque nacional, não! Arranje um conhaque francês!

IRMÃO: Meu irmão!

MULHER 1 (*para João*): Morte é uma coisa tão triste!

JOÃO: É, sim senhora!

IRMÃO: Ainda ontem estava forte, vivo, cheio de saúde...

MULHER 1: O que é a vida!

JOÃO: Pois é.

IRMÃO: Pra morrer basta estar vivo.

MULHER 1: Que a terra lhe seja leve.

JOÃO: Que Deus o receba.

IRMÃO: A vida é uma chama. A morte é um sopro.

ATÍLIO (*volta seguido da viúva e da mulher 2. Para João*): Vai lá na cozinha que tem bebida e salgadinho. Vai que é de graça.

JOÃO: Eu preciso voltar na venda, trabalhar.

ATÍLIO (*dando um gole na bebida*): Isso é uma exploração. Onde já se viu trabalhar também de noite. A jornada de trabalho deve ser de oito horas! Nada além de oito horas!

JOÃO (*ressabiado*): V'ambora, seu Afílio. Daqui a pouco o senhor faz uma confusão aqui dentro.

ATÍLIO: Tem mais é que fazer confusão.

JOÃO: Calma, seu Afílio! Tá todo mundo olhando.

ATÍLIO: Calma nada! Como é que eu posso ter calma. Como é que alguém pode ter calma quando olha o morto, o meu amigo,...

(*Descobre o morto e olha, pausa, puxa João.*) João! Eu não conheço ele.

JOÃO: O senhor não conhece o morto?

ATÍLIO: Não conheço agora que está morto, nem conheci quando era

vivo. Eu confundi.

JOÃO: Seu Afílio, vam'borá!

VIÚVA: Faça a oração fúnebre, senhor!

JOÃO: Eu vou embora.

ATÍLIO (*segurando-o*): Espere. Eu falo umas coisinhas e a gente sai. (*João fica.*) Meus amigos, estamos aqui reunidos para pedir a Deus pela alma de seu servo Anselmo...

VIÚVA: Antônio.

ATÍLIO: Antônio. Ainda ontem eu o via sereno, andando pelas ruas.

MULHER 1 (*para mulher 2*): Estava de cama fazia dois meses!

ATÍLIO: ... E hoje está aí, fulminado por um ataque cardíaco.

VIÚVA: Pneumonia, senhor.

ATÍLIO: Sim, a pneumonia fez parar para sempre esse coração generoso. (*Começando a se inflamar.*) Quem vai sustentar seus filhos!

IRMÃO (*se levantando*): Ele não tinha filhos.

ATÍLIO: Quem o matou que sustente sua família!

VIÚVA (*para João*): De quem é que ele está falando?

JOÃO: Do amigo dele.

ATÍLIO: E nesta hora devemos todos perguntar: até quando suportaremos estes desmandos? Até quando nossos olhos vão ver os assassinatos frios?

MULHER 1: Ele é louco!

JOÃO: Fica quieto, seu Afílio!

ATÍLIO: Não podemos ficar quietos. Saíamos às ruas! Que o cortejo atravessasse toda a São Paulo. Que ninguém fique em casa!

IRMÃO: Quem são vocês? Que vieram fazer aqui? Quem são eles cunhada?

VIÚVA: Não sei. Falaram que eram amigos de Antônio.

ATÍLIO: É preciso mostrar quem somos!

Que não nos intimidamos ante a brutalidade!

JOÃO (*assustado*): Seu Atílio... Por favor...

ATÍLIO: Por favor não que agora não pedimos. Agora exigimos!

VIÚVA (*ao cunhado*): Faz ele calar a boca.

MULHER 2: Meu Deus!

IRMÃO (*a João*): Sai já daqui.

JOÃO: Sim senhor.

(*Vai saindo e é segurado.*)

IRMÃO: Leve esse louco também!

ATÍLIO: Exigimos nada além de oito horas de trabalho! Fim da jornada noturna para mulheres e crianças! Aumento de salário.

MULHER 1: Segura ele!

VIÚVA: Chama a polícia!

ATÍLIO: Que venha!

JOÃO: Pelo amor de Deus, seu Atílio!

ATÍLIO: Hoje não temos mais medo. Morreu o anarquista! Via o anarquismo! (*O irmão do morto o segura, Atílio se debate e solta frases entrecortadas.*) Não vão nos parar. Não existe prisões em número bastante para todos nós.

MULHERES: Minha nossa Senhora! Segura! Polícia! Socorro que ele é louco! Etc...

(*Luz cai em resistência.*)

CENA 8

Prisão e perda do emprego

ATÍLIO: Eu quero sair! Eu exijo *habeas corpus*! Quero falar com Sobral Pinto. Com o presidente da OAB!

JOÃO: Que coisa, siô! Parece que bebe!

ATÍLIO: Quero falar com o presidente da OAB!

JOÃO: Home, fica quieto! O guarda já

prometeu dar borrachada em nós!

ATÍLIO: A gente não pode ficar calado. (*Grita.*) Exigimos nossos direitos constitucionais!

JOÃO: Fica quieto que o senhor arruma mais confusão!

ATÍLIO: É na confusão que está o caminho!

JOÃO: Me desculpe, mas o senhor não é meio esquisito, não? Fala uma coisa, depois fala outra, uma misturada...

ATÍLIO: Que misturada?

JOÃO: Lá no velório começou a falar uma coisa... Parecia até que tava com o danado no corpo, fez confusão.

ATÍLIO: Bah! Uma confusãozinha à toa!

JOÃO: Confusãozinha à toa, mas já estamos presos faz dois dias. O senhor parece que bebe, seu Atílio!

ATÍLIO: Dois dias?

JOÃO: É.

ATÍLIO (*gritando para fora*): Não se pode prender um cidadão por mais de 24 horas sem culpa formada! (*Voltando-se rapidamente para João.*) Sabe o que acontece... Essa minha cabeça. Eu vi o corpo do homem lá e comecei a ver coisas...

JOÃO: O senhor tem que rezar pras almas do purgatório!

ATÍLIO: Me lembrei da greve de 17. Você precisava ter visto.

JOÃO: Não dava. Eu nasci em 35.

ATÍLIO: Não, em 35 foi a intentona comunista. Eu estou falando de outra coisa, da greve anarquista de 17. Mais de 70 mil trabalhadores na rua. Nós paramos São Paulo inteira. Porque não é possível viver com esse

salário que a gente ganha. Todo mundo na rua!

JOÃO: Ih, vai começar de novo! Seu Afílio! Seu Afílio! Que coisa!

ATÍLIO (*voltando à lucidez*): Dois dias de cadeia! Já sei. Vamos fazer uma greve de fome!

JOÃO: Mas se estamos aqui há dois dias sem comer nada...

ATÍLIO: Não faz mal. Essa não é a primeira vez. A cadeia nos tempera para a luta. Eu me lembro que no Estado Novo...

JOÃO (*meio revoltado*): Se tempera ou não tempera, o senhor é que sabe. Eu prefiro comer sem tempero! Olha, seu Afílio, não leve a mal, não é que eu não goste do senhor; gosto. Mas o senhor só me arruma encrenca. Eu já tava empregado, tava numa pensão boa...

ATÍLIO: Eu sei que tenho uma dívida com você. E vou pagá-la. Eu nunca deixo de cumprir meus compromissos! Sou homem de uma palavra só!

JOÃO: Mas sua cabeça parece até que tem seis ou sete pensamentos. Parece que bebe!

GUARDA: Vão levantando o rabo! Cai fora! Essa pensão já tem novo inquilino!

ATÍLIO (*afrontado*): Sabe que o povo francês fez com a prisão de Bastilha?

GUARDA: Enfiou na bunda.

ATÍLIO: Enfiou na bunda do rei!

JOÃO: Fica quieto seu Afílio!

GUARDA: Vai dando o fora que eu não estou pra muita trela, não.

(*Afílio vai saindo digno, superior.*)

ATÍLIO (*falando baixo, mas como se estivesse fazendo um discurso*): Um dia as bastilhas vão cair!

JOÃO (*puxando Afílio*): Vam' bora,

home.

(*Arrasta Afílio.*)

ATÍLIO: O povo unido...

JOÃO (*revoltado*): Mai fica quieto, sô!

ATÍLIO: Tá bem, tá bem!. A provocação não leva a nada, eu concordo. É preciso, primeiro, nos unir pra depois desafiar. Pra onde você vai?

JOÃO (*amuado*): Pra onde eu vou! Vou ver se consigo meu emprego de volta.

ATÍLIO: Eu vou com você!

JOÃO: Olha, seu Afílio, eu acho melhor que o senhor não vá, não.

ATÍLIO: Não. Nem mais uma palavra. Afinal de contas você entrou nessa enrascada foi por minha conta.

JOÃO: Seu Afílio...

ATÍLIO: Eu sei que você não quer abusar da minha boa vontade, mas eu faço questão.

JOÃO (*desanimado*): Tá bom, tá bom! Mas deixa eu falar com a dona.

ATÍLIO: Está bem. Eu vou ser mudo.

CENA 9

Venda, briga e separação

JOÃO: Dá licença, dona?

PORTUGUESA: Com o quê, o gajo, depois de uma semana de trabalho já tira férias!

JOÃO: Foi férias não. Eu tive uns problemas.

PORTUGUESA: Arranjou mais um. Estás desempregado.

(*Afílio vai falar, mas consegue se conter a custo.*)

JOÃO: Não faz isso comigo, dona.

PORTUGUESA (*intencional*): Tu faltaste no dia em que eu estava mais necessitada dos... seus serviços.

(*Despeitada.*) Com certeza já arranjaste patroa melhor do que eu. (*Irritada.*) Quem pensas que és? Como tu tem três ou quatro todo dia aqui na minha porta procurando emprego!

(*Atílio novamente vai falar, mas se contém.*)

JOÃO: Por favor, dona, me deixa no emprego.

PORTUGUESA: Comigo tu poderias ir adiante. Mas não quisestes.

JOÃO: Não é que não queria. Queria, mas...

PORTUGUESA: Deixe-me pensar... Se te empregar novamente (*intencional*), farás serão hoje?

JOÃO (*contente*): Sim, senhora.

PORTUGUESA (*intencional*): E todas as vezes que eu pedir?

JOÃO: Sim senhora.

PORTUGUESA: Além disso descontarei os dois dias que perdestes mais o domingo e o feriado!

JOÃO: Está bem!

ATÍLIO: Não, não está bem não senhora!

JOÃO: Fica quieto, seu Atílio!

ATÍLIO: Fico quieto, não senhor!

PORTUGUESA: Quem é esse velho?

JOÃO: Ele é...

ATÍLIO: Eu sou amigo, protetor, conselheiro e advogado do João.

JOÃO: Seu Atílio...

PORTUGUESA: És advogado?

ATÍLIO: Advogado! CREA 295, barra 59, traço 561. (*Para João.*) É pra impressionar. Faça as coisas direito senão a questão vai ser discutida na Alçada do Júri.

PORTUGUESA: É essa então a paga que eu tenho, João?

JOÃO: Não é não, dona. Seu Atílio, não faz confusão!

ATÍLIO: Agora é que eu faço! A

senhora especula a lei da oferta e da procura, se aproveita da sua condição de proprietária pra explorar um pobre proletário (*aponta para João*) que só tem sua força de trabalho para vender.

JOÃO: Pelo amor de Deus, seu Atílio! Eu vou perder o emprego!

PORTUGUESA: Começo a perceber. Bela coisa tu me saíste!

JOÃO: Não é isso não, dona. Ele que quis vir atrás de mim. Ele faz misturada com as coisas.

ATÍLIO: Vou denunciá-la ao sindicato. Vamos fechar esta espelunca! O João não quer mais o seu emprego.

JOÃO: Quero sim!

PORTUGUESA: Mas nem que quisesses! Estás desempregado novamente. (*Pega a mala de João.*) E procuras outro canto para morar.

JOÃO: Minha senhora...

PORTUGUESA: Raspa-te daqui ou chamo a polícia.

ATÍLIO: Quando la forza e la razion contrasta, vince la forza la razion non basta.

JOÃO: Fica quieto, seu Atílio! Dona...

ATÍLIO (*puxando João*): Não vamos entrar em negociação, não, João. Isso vai ser decidido pelo sindicato!

PORTUGUESA: Eu vou chamar a polícia.

JOÃO: Vamos embora, seu Atílio.

PORTUGUESA (*jogando a mala de João*): Leve as suas coisas.

(*João pega as coisas e arrasta Atílio.*)

ATÍLIO: E os dias que ele trabalhou?

PORTUGUESA (*pegando o dinheiro*): Eu pago porque sou honesta. Tome. E saiam daqui.

JOÃO (*pegando o dinheiro*): Vamos embora, seu Atílio. A gente

acaba preso de novo!

ATÍLIO: A exploração do homem pelo homem vai acabar! (*João já se adiantou, Atílio fai atrás.*) Espere aí, João. (*Com João.*) Ela te pagou os dias, uma pequena vitória. Vamos à vitória total!

JOÃO: Que vitória, seu Atílio? Perdi o emprego.

ATÍLIO: Isso não vai ficar assim. Vamos fazer greve. Vamos pedir o apoio de outras categorias, do CGT. Vamos aos jornais.

JOÃO: Greve de um desempregado e de um aposentado, seu Atílio?

ATÍLIO (*pausa*): É. Acho que não vai dar. Mas não se preocupe, eu arranjo as coisas pra você.

JOÃO: Sozinho em consegui arrumar emprego. Com o senhor eu consegui ser preso. E consegui ser despedido duas vezes em cinco minutos!

ATÍLIO: Esse emprego não valia nada. Você não pode aceitar qualquer coisa!

JOÃO: Eu falei pro senhor ficar quieto. Eu tinha emprego e dormida, agora taí! Só tenho três mil réis no bolso. Ou eu guardo esse dinheiro pra comer ou pago uma pensão. Ou eu como ou eu durmo.

ATÍLIO: Deixa que eu resolvo. Olha...

JOÃO: O senhor vai me desculpar, seu Atílio, mas é melhor cada um seguir seu rumo.

ATÍLIO: Não. Eu não concordo, vamos colocar em votação. Eu digo não.

JOÃO: Eu digo sim.

ATÍLIO: Empatado. Vamos adiar a discussão, continuamos juntos.

JOÃO: Chega, seu Atílio! Não vai me levar a mal, mas é assim que são as coisas!

ATÍLIO: Está bem. O atraso político é

bem característico do camponês!

JOÃO: O senhor parece que bebe!

Não sabe o que fala!

ATÍLIO: Não sei o que falo?! Eu conheço a história, eu fiz a história!

JOÃO: O senhor tem é cabeça fraca!

ATÍLIO: É isso que dá tentar ajudar. Meter alguma coisa na cabeça de um tabaréu.

JOÃO: O senhor é um cabeça fraca!

ATÍLIO: E você é um saquarema!

JOÃO: Doido!

ATÍLIO: Capiau!

JOÃO: Miolo mole!

ATÍLIO: Matuto!

JOÃO: Maluco!

ATÍLIO: Você é um... Um... Não vamos brigar por uma coisinha à toa. Se a gente se divide eles reinam. A gente forma uma boa dupla.

JOÃO (*chateado*): Tchau, seu Atílio!

ATÍLIO (*depois de uma pausa*): Está bem! Eu vou! (*Sai e volta.*) Você vai se arrepender. Ninguém joga fora anos de experiência impunemente! Não há nada como um dia atrás do outro. O mundo é redondo e na curva o trem apita. (*Sai e volta, quase pedindo.*) Pensa bem, João.

JOÃO: Eu já pensei, seu Atílio. Cada um segue seu trilhado.

ATÍLIO: Eu ainda vou te encontrar aqui mesmo, nessa praça, na rua da amargura, num mato sem cachorro, vertendo lágrimas de sangue, fudido e mal pago! Divisionista!

(*Sai.*)

CENA 10

João decide ficar na cidade

JOÃO (*com um gesto de enfado na*

direção que Atílio saiu): Diacho! Parece que bebe! Parece que tá com o danado no corpo, excomungado sem perdão! Home esquisito! Dana a falar coisa e me atrasar a vida! Vai embora mesmo! Tso. Se me dá na cabeça eu volto no mesmo passo que vim. Pego trem e volto. O home é do lugar que foi plantado. Cada qual tem o seu traçado, seu destino, seu já escrito que é o que o home não muda e Deus já assinô. E quando eu chegá, que me chamem de sujeito à toa, que num faiz parada! Num ligo. Se falarem que sô home errado, sem sustança eu deixo que falem, oras! Num arranca pedaço! Diacho! Eu já tava com meio caminho andado. Voltar. Se eu quiser eu volto que essa cidade num presta. E se eu quiser, eu também fico que ninguém tem nada a ver! Velho excomungado!

ATÍLIO (*entrando*): Só voltei pra falar que ainda não fui embora.

JOÃO: Num precisava nem falá que eu já tô vendo!

ATÍLIO: Eu não sou de abandonar um companheiro na mão.

JOÃO: Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece! Eu num quero mais trato com o senhor! Eu já tô de saída.

ATÍLIO: Pra onde?

JOÃO: O senhor num tem que sabê. Pra minha terra, pra qualquer canto. Se o senhor for pras direitas me avise que eu vou pras esquerdas!

ATÍLIO: Vai pra direita, vai pra esquerda, mas não volte, João. Quem já deu o primeiro passo

tem que continuar andando.

JOÃO: Cada vez que essa conversa mole entra no meu ouvido dá vontade de... de... Olha, seu Atílio, o senhor é o culpado. O senhor devia era me tirar desse embaraço.

ATÍLIO: Pois eu vim aqui pra isso João. Nós vamos...

JOÃO: Não! Eu num quero trato com o senhor, já falei!

ATÍLIO: Mas deixa de ser besta! Deixe as coisas comigo que você merece uma segunda chance. Vamos!

JOÃO: Num vou, não.

ATÍLIO: Que é isso, rapaz?! Eu vou te levar num lugarzinho especial. Mulher que não acaba mais.

JOÃO: Num tô precisando de mulher, não. Tô precisando de emprego.

ATÍLIO: Num fala uma blasfêmia dessa, não cuspa pra cima! Deixe por minha conta. Vamos dar uma relaxada que pra enfrentar essa selva só com ânimo alto. Nem só de pão vive o homem.

JOÃO: Olha, seu Atílio...

ATÍLIO: Larga dessa mania de ter um pé atrás. Se jogue na vida, se afogue um pouco pra aprender a nadar! Eu te prometo que hoje começa o seu futuro!

CENA 11 A revista

(A atriz que interpreta Lili deverá compor o papel de uma atriz inexperiente, que se embaraça nos passos e na fala. Isso é necessário pra que a cena do suicídio de Getúlio Vargas não passe para o público como um sarcasmo intencional, mas sim denote a precariedade da

*companhia de revista que montou a
cena.)*

ATRIZES: Nós, belas atrizes.

LOLA: Lola!

MARGOT: Margot!

ATRIZES / ATOR: Mais Antônio Flávio.

LOLA: O cômico!

LILI: O trágico!

MARGOT: O ator!

TODOS: Nós atores e atrizes!

Agora vamos rememorar.

Todos esses anos felizes

de Gegê a J.K.

MARGOT: Getúlio fez Volta Redonda

E nos deu a Petrobrás

Foi amigo do trabalhador

Mas J.K. não fica atrás.

ATÍLIO (*intervém durante a música*):

Quem fez a campanha do

petróleo fomos nós.

JOÃO (*puxando Atílio*): Não começa

não, seu Atílio!

ATÍLIO: Tá errado isso.

MARGOT: Onde Getúlio parou

J.K. continuou

O aço de Volta Redonda

Vira carro e caminhão

J.K. constrói Brasília

Orgulho da nação.

(*João e Atílio continuam discutindo.*)

Senhoras e senhores, um minuto

de vossa atenção. Revista é

tradicionalmente alegre. Porém,

pra contar a história da morte de

Getúlio, fomos obrigados a dar

cores dramáticas ao quadro.

(*Olhando João e Atílio que*

discutem.) Pedimos o máximo de

respeito e silêncio.

ATÍLIO: Democracia! Se vocês falam o

que querem, eu falo também.

JOÃO: Tá bom, o senhor já falou. Não

arma confusão.

(*Os atores saem, ficando no palco a
vedete e a atriz que desempenhará o*

*papel de Getúlio. Ao fundo,
visivelmente, o ponto.*)

MARGOT (*tomando de um livro e se
cobrindo com um manto preto*):

O dia 24 de agosto de 1954

começava a amanhecer e, no

Catete, Getúlio se preparava

para o último ato de sua

tragédia. (*Música. Lili, a atriz que*

fará o papel de Getúlio, está

visivelmente desconcertada.)

Qual a razão deste ar sombrio,

presidente?

GETÚLIO (*embaraçado*): É... É...

PONTO (*soprando*): É a campanha...

GETÚLIO: É a campanha... de...

PONTO (*soprando*): É a campanha de
calúnias...

GETÚLIO: É a campanha de calúnias...
de injúrias...

PONTO: É a campanha de calúnias,
de injúrias, de infâmias...

GETÚLIO: É a campanha de calúnias,
de injúrias... de calúnias, de
infâmias e de injúrias...

MARGOT (*irritada, cortando*): Senhor
presidente! Por acaso não é a
campanha de calúnias, de
infâmias e de injúrias que fazem
com o senhor por causa de seu
apoio à causa dos trabalhadores,
por causa da criação da
Petrobrás?

GETÚLIO: É isso mesmo!

MARGOT (*se irrita mais. Prossegue.*): E o
que querem seus inimigos?

GETÚLIO (*pensa breve tempo*): A
minha renúncia?

MARGOT (*mais irritada*): É senhor
presidente! É a sua renúncia.
(*Lendo.*) Pouco depois das oito
horas da manhã do dia 24 de
agosto, Getúlio Vargas se
recolheu aos seus aposentos e
suicidou-se com um tiro no

coração. *(Getúlio fica com a arma apontada para a cabeça. Margot faz gestos apontando o coração. Getúlio não entende.)* O coração! *(Getúlio corrige a posição do revólver)*... Se recolheu aos seus aposentos e suicidou-se com um tiro no coração! *(Olha em direção aos bastidores falando mais alto.)* Com um tiro no coração! *(Após breve pausa, ouve-se um tiro. Getúlio cai.)* Morreu deixando uma carta testamento que dizia:

GETÚLIO: Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias... *(Esquece novamente.)* Espera, eu sei, eu sei!

MARGOT *(irritada)*: O ódio, as infâmias, as calúnias não abateram meu ânimo. Agora voz ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.

(Música cessa. Getúlio sai.)

MARGOT: Pedimos agora um minuto de silêncio em homenagem ao grande estadista.

(Inicia-se a conversa de bastidores e de Afílio com João.)

LOLA: Tá vendo, Flavinho? Eu não te falei que não é qualquer uma que pode ser atriz?

FLÁVIO: Fala baixo.

LILI: Não enche meu saco!

(Margot olha em direção dos bastidores.)

ATÍLIO: Vocês não sabem o que fazem. Fazem tudo de orelhada. *(Margot olha para Afílio.)* Eu estava lá, na rua, quando Getúlio se suicidou.

Nós saímos, João, milhares de pessoas para protestar...

LOLA: Uma zoeira de bosta foi o que você!

LILI: Eu fiz melhor do que você faria!

LOLA: Você? Você nem tinha nascido e eu já estava no palco. Eu me fiz sozinha e nunca saí com o dono dessa companhia aqui pra ganhar papel.

LILI: Fecha essa matraca. Você tá em final de carreira!

LOLA: Mais respeito comigo, biscatinha! *(Entra música, entram as duas se comendo com os olhos, sorriem forçosamente para o público e cantam com Margot.)*

MARGOT: Depois da tempestade surge a bonança
Um novo país surge agora
Estradas cortam matas
Conduzindo a esperança
Um Brasil novo aqui, agora.

(Lola e Lili cantam, uma tentando roubar a cena da outra.)

LOLA: Eu sou a estrada de rodagem
Tenho curvas, aclives e retas
Venha conhecer minhas paisagens
de bicicleta, romiseta e caminhão.
Engate a marcha, acelere
Venha estacionar seu coração.

LILI: Mas é velha, toda esburacada
Ela é gasta cheia de remendos
Eu sou nova, todinha asphaltada.
Viaje aqui, nada te incomoda
Mas andar naquelas ribanceiras
Só com tração nas quatro rodas.

LOLA: Mas eu transportei o progresso desse país. Os caminhões iam e vinham.

LILI: Mas os carros quebravam a ponta do eixo, as molas...
Era o caminhão passar uma vez

em você...

Era o caminhão passar uma vez em você...

ATÍLIO: E ficava três meses vazando óleo na oficina.

LILI: E tome penicilina!

LOLA: Cala a boca, vovô, que nessa estrada não anda velho de tanque vazio!

(Atílio ri.)

LILI: Eu não tenho mão dupla direção como certas estradas. Sou estreitinha, sou lisa. Em mim só passam carros novos, estrangeiros...

LOLA: Pelo menos em mim não anda um certo Sinca Chambourd verde do dono de uma certa companhia de teatro.

LILI *(irritada)*: Isso não estava no script!

LOLA: A arte imita a vida, queridinha!

LILI: Olha aí, Margot! Depois ela fala que sou eu.

LOLA: Eu só digo a verdade.

MARGOT: Meninas, atenção! Vem aí a tradição.

(Entra travesti velho, apitando e fazendo barulho de trem de ferro, chora.)

LOLA: Ih, lá vem a ferrovia!

LILI: Não fala assim com ela. Como é que está, ferrovia?

JOÃO: É mulher ou homem?

ATÍLIO: É jacaré! Te abraça e te come.

JOÃO: Vira essa boca, seu Atílio!

FLÁVIO: Apitando na curva. Estou velha e desativada. Ninguém liga pra mim. Hoje é só estrada de rodagem!

LOLA: É o progresso, ferrovia. Nós somos mais rápidas, mais eficientes. Sua época acabou.

FLÁVIO: Vocês falam isso mas eu já conheci dias de glória. Eu andava por esses matos, toda

fagueira, assobiando... Chegava nas cidades, a população inteira me esperando, era a glória. Eu levava ferro... Pras construções, levava café aqui em São Paulo, levei toras... De madeira para as serrarias do Paraná...

JOÃO: Que coisa, seu Atílio! Um rapaz forte, bom pra carpir mato...

ATÍLIO: Vai se acostumando.

JOÃO: Vô, não!

LILI: Sinto muito, ferrovia.

FLÁVIO: Eu não preciso do consolo de vocês, suas hipócritas. Eu odeio todas vocês! Estradas de rodagem. Vulgaridade!

ATÍLIO: Ói ela! Sai daí!

JOÃO: Manda ele assentar tijolo! *(Ri.)*
(Enquanto os três contracenam, Atílio e João assobiam e gozam a ferrovia.)

LOLA: Vai pro asilo, ferrovia!

FLÁVIO: Isso é despeito de vocês. Vocês levam tudo o que é coisa e depois precisa fazer recapeamento de seis em seis meses!

JOÃO: Vai engatar vagão na sua locomotiva! Maricão.

FLÁVIO: Por que é que eu vim morar no Brasil. Na Europa eu sou muito melhor tratada.

LILI: Vai pro museu, ferrovia! Você não vale nada!

FLÁVIO: Não me ofenda que eu fico nervosa. E quando eu fico nervosa eu... descarrilho!

ATÍLIO: Vai descarrilhar na Serra do Mar. Cai de cabeça! Maricão!

FLÁVIO *(macho)*: Maricão o caralho! Eu desço aí e te arrebento a boca! *(João se assusta. Flávio, para as duas.)* Vocês gozam mas eu ainda tenho futuro. Eu ainda vou virar metrô e deslizar lépida e ligeira de Santana ao Jabaquara!

Um dia vocês vão me dar valor.
Estradas!

(Sai.)

ATÍLIO: Vai embora mesmo!

JOÃO: Ele é homem, seu Atílio. Fica quieto!

MARGOT *(música):* Nós já vamos terminar
Essa revista de Gegê a J.K.
Mas antes, uma homenagem
ao presidente imortal
que constrói Brasília
no Planalto Central.
(Entra Juscelino)
Sabem quem ele é? Olha o breque!
Juscelino Kubistcheck.

JUSCELINO: Estou construindo essa jóia,
no Planalto Central. *(Apresenta Margot. Malicioso.)* Estou interiorizando o desenvolvimento. Gerando empregos. Milhares de candangos, percorrem esses caminhos. Rompem as matas, erguem o braço forte e constroem a oitava maravilha do mundo. Estamos construindo o Brasil do futuro. Um futuro de desenvolvimento, de paz social e de trabalho pra todos.

LOLA: Quem quer trabalhar na oitava maravilha *(aponta Margot)* passando pela Belém-Brasília?

(Aponta para si.)

LILI: Ou prefere a via Anchieta todinha pra você. E parar no quilômetro 22 e conhecer o ABC?

ATÍLIO: Vai lá, João!

JOÃO: Fica quieto, seu Atílio!

ATÍLIO: Você não queria um emprego?
(Grita para o palco) ele aqui quer emprego!

(Lola e Lili se aproximam de João.)

LOLA: Vem comigo conhecer a nova cidade *(aponta Brasília)* passando

pelo caminho da felicidade.

(Aponta para si.)

LILI: Estrada nova, mas toda arreventada. Pega a via Anchieta.

JOÃO *(rindo desconcertado):* Ói que eu vou.

ATÍLIO: Vai lá, rapaz.

(Atílio empurra João que se levanta. Lili segura João.)

JUSCELINO: Belém-Brasília ou Anchieta?

JOÃO: Num é que eu num gosto da Belém-Brasília, gosto; mas prefiro a Anchieta. É melhor trabalhar aqui perto mesmo.

ATÍLIO: Pega nas curvas da Via Anchieta, João! Desce até a Baixada de Santos.

(João fica desconcertado.)

JUSCELINO: Então, meu amigo, vamos ao futuro! *(Todos cantam e conduzem o desconcertado João ao ABC.)*

Adeus, adeus, vamos embora
Pela estrada do futuro
Um novo tempo.
Rompe a aurora.

De um porvir rico e seguro.
Um Brasil novo nasce agora
Poderoso, industrial.

Vamos logo, está na hora
A revista de Gegê a J.K.

• Chega assim ao seu final.

(Debaixo de música grave, ritualística, João é paramentado com luvas e capacete de peão. Surge ao fundo o brasão de armas de qualquer cidade do ABC. João pega sua mala, acena para Atílio e entra pelo brasão.)

FIM DO PRIMEIRO ATO

CENA 1

A entrevista

(Em cena, três entrevistadoras. Entra João.)

JOÃO: Bom dia.

(As três fixam o olhar em João. Pausa.)

JOÃO *(desconcertado):* Me mandaram falar com as senhoras... *(As três permanecem estáticas)*... Pra fazer pergunta... Que... Pra eu responder... De teste pra entrar na firma...

(Cala-se. As entrevistadoras continuam a fitá-lo estáticas. João fita-as por leve tempo e depois desvia o olhar.)

ENT. 1 *(anotando em prancheta):* Inibição. Ausência de iniciativa e incapacidade em se adequar de pronto a novas situações.

JOÃO: Senhora?

ENT. 2: Nome?

JOÃO: O meu?

ENT. 3: É.

JOÃO: João Gregório.

ENT. 1: Tem doença contagiosa?
Tuberculose, sífilis, congêneres?

JOÃO: Não senhora.

ENT. 1: 5-4-7; 6-5-8; 7-6-9; quais os três números seguintes na série lógica?

ENT. 2: Casado ou solteiro?

JOÃO: Não sei, não senhora. Não sei os números... Sou solteiro, sim senhora.

ENT. 3: Tire a camisa.

ENT. 1: Teve todas as doenças infantis?
Sarampo, catapora, cachumba?

JOÃO: Tive todas essas e mais se a senhora quiser.

ENT. 2: Religião?

JOÃO: Católica.

ENT. 3: Respire fundo.

ENT. 1: Possui sinais particulares?
Cicatrizes, queimaduras etc.?

JOÃO: Não, senhora.

ENT. 3: Não solte o ar.

ENT. 2: Possui parentes ou família perto?

JOÃO *(tentando não soltar o ar):* Não senhora.

ENT. 3: Solte o ar.

ENT. 1: É sindicalizado? Participou de movimentos políticos?

JOÃO: Não senhora.

ENT. 3: Tem algum defeito físico?

ENT. 2: Idade?

ENT. 3: Onde mora atualmente?

ENT. 1: Se o gato é o melhor amigo do homem, diga: o cachorro é a resposta certa. Se o cachorro é o melhor amigo do homem, diga: o rato é a resposta certa.

JOÃO *(desorientado):* Assim eu não sei responder. Devagar. *(Para a entrevistadora 3.)* Não pra senhora. *(Para ent. 2.)* Pra senhora eu tenho 25 anos... *(Para ent. 3.)* Moro numa pensão... *(Para ent. 1.)* O cachorro é o melhor amigo do homem.

ENT. 1: Não foi essa a pergunta. Se o gato é o melhor amigo do homem, você tem que dizer que o cachorro é a resposta certa.

JOÃO: Pois é o que eu falei.

ENT. 1: Mas se o cachorro é o melhor amigo do homem, o senhor tem que dizer que o rato é a resposta certa.

JOÃO: Mas tá errado. O cachorro é o melhor amigo do homem.

ENT. 1: Você tem que responder ao que foi perguntado.

JOÃO: Então a pergunta tá errada. Como eu vou responder que o rato é o melhor amigo do homem sendo que não é?! Não senhora, o rato não presta. O que é certo é certo.

ENT. 2: Resiste a situação de pressão. Tendência generalizada à organização. Pouca profundidade de raciocínio abstrato.

JOÃO: Não entendi.

ENT. 3: Sabe ler?

JOÃO: Um pouco.

ENT. 2: Um pouco quanto?

JOÃO: O suficiente, né!

ENT. 1: O suficiente pra que?

JOÃO: Pra ler o que me interessa.

ENT. 3: E o que é que te interessa?

JOÃO: Muitas coisas.

ENT. 2: Diga uma.

JOÃO: Notícia.

ENT. 1: Que tipo de notícia?

JOÃO: Dessas de jornal.

ENT. 3: Que jornal o senhor lê?

JOÃO: Desses que ficam pregados nas bancas.

ENT. 1: Impossibilidade ou resistência de externar claramente a resposta a perguntas que julga embaraçosas.

JOÃO: Sim senhora.

ENT. 2: Que tipo de árvore você prefere. Alta, forte, sem galhos; média, frondosa e forte; ou baixa, fina e flexível?

JOÃO: Aí... Depende, né... Como se... por exemplo, se é árvore pra tirar madeira, alta, grossa e sem galhos é melhor. Agora... se é pra cerca... Pra fazer trançado e barrar pra fazer parede de barraco, árvore fina é boa. Pra caçar bicho de pena tem que ter galho...

ENT. 1: Não é essa a resposta que queremos.

JOÃO: É, tem também... A senhora precisa olhar... Se a senhora quer madeira pra tábua tem que ser madeira mole, pinho que é

melhor. Pra viga tem que ser peroba, baraúna, pau-ferro.

ENT. 2: A pergunta não foi essa. Você tem que escolher uma das três.

JOÃO: Mas se eu quiser fazer cerca eu não vou cortar pau-ferro. Não é que não pode; pode, mas tem que ter máquina e dá muito trabalho.

ENT. 2: E agora?

JOÃO: E agora o quê?

ENT. 3: Não tem registro.

ENT. 1: Acho que isso denota agressividade latente e insubmissão.

ENT. 3: Pode ser também relatividade de raciocínio.

ENT. 1: Ele se negou a responder a pergunta.

ENT. 3: Não concordo. Com sua resposta ele ampliou a pergunta e deu-lhe conotação prática.

ENT. 2: Mas a resposta é indicativa de raciocínio disperso.

ENT. 3: Pelo contrário. A explicação dele foi precisa e ampla.

ENT. 1: Na minha opinião, ele intencionalmente distorceu a pergunta pra nos confundir.

ENT. 2: Eu concordo. O subconsciente dele nos vê como inimigos. Ele se defende.

ENT. 3: De jeito nenhum. A resposta dele é criativa.

ENT. 1: Como vamos classificá-lo?

ENT. 2: Se ele de fato é insubmisso não podemos aprová-lo.

ENT. 3: Mas se ele for criativo, estaremos perdendo um bom funcionário.

ENT. 1: Um momento. Senhor João, o senhor deve responder corretamente às perguntas.

JOÃO: Sim senhora.

ENT. 1: Nessa questão da árvore, você

não deu a resposta que nós queríamos.

JOÃO: E como é a resposta que as senhoras querem?

ENT. 1: Isso eu não posso dizer. Você é que deve responder.

JOÃO: Se a senhora não diz, como é que eu sei qual a resposta que a senhora quer?

ENT. 2: Você não pergunta. Você só responde.

JOÃO: Eu respondo e a senhora fala que não serve...

ENT. 3: Aprova de uma vez e acaba logo com isso. Tem muita gente pra ser entrevistada ainda.

ENT. 2: Está bem, eu aprovo. Mas, na minha opinião, ele é um insubmisso latente. Tome. *(Dá-lhe uma fixa.)* Passe na seção do pessoal.

JOÃO: Obrigado. Deus lhe dê em dobro. *(Sai.)* Ô danação de povo.

CENA 2

Dia a dia Zoé e Lico

(Zoé e Lico dormem. Ator em ponto neutro do palco, interpreta um locutor de rádio num programa matinal, tipo Zé Bétio.)

ATOR: Acorda, gente. Acorda que a hora não espera. São quatro e vinte da manhã. Quatro horas e vinte minutos. Dona de casa! Ô dona de casa, dá um cotucão nele. Dá uma beliscada nas ancas dele. Joga um balde de água fria nele, dona Maria.

LICO: Vai jogar água fria na mãe!

ZOÉ: Acorda, Lico.

LICO: Já sei.

ATOR: Pula! Hoje é quarta-feira, não esmorece não, que tem dois dias

pela frente.

LICO: Tem café?

ZOÉ: Tem pó?

ATOR: Levanta logo que ocê perde a condução e ocê chega atrasado, já sabe, né, num adianta chorá qui o patrão desconta mesmo. Ocê num leu o regulamento? Meia hora de atraso, ocê perde o domingo.

LICO: Que horas são?

ATOR: Dona de casa, grita no ouvido dele: são quatro e vinte e dois minutos. Pula, não afrouxa não! Deixa pra dormi o restinho do sono dentro do ônibus.

(Zoé levantando-se. Os poucos móveis da casa devem ser dispostos de maneira tal que andar no ambiente seja um verdadeiro exercício, coisas pelo chão, coisas pendentes etc.)

ZOÉ: Levanta, bem. Tá em cima da hora.

LICO: Um dia eu ainda fico rico. Largo dessa vida de cachorro.

ATOR: Tsc. Tsc. Tsc. Desse jeito ocê num progride. Se ocê num tem disposição pro trabalho, ocê num vai pra frente. Dona de casa, o seu marido não se queixa de cansaço, de indisposição? Quem sabe ele num tem ameiba, solitária na barriga. Eu tenho pra senhora um remedinho bão, mas bão mesmo...

LICO: Desliga esse rádio, Zoé.

ATOR: Eu tô falando é pro seu bem...

ZOÉ: Eu quero escutar música.

ATOR: Daqui a pouquinho, viu dona de casa? Daqui a pouquinho vamos tocar aquelas música bunita lá do interior que é pra lembrar a vida boa...

ZOÉ: Você perde a hora, Lico.

LICO: Tou bebinho de sono.

ZOÉ: É das cachaça de ontem.

LICO: Tomei só duas.

ZOÉ: Depois da última.

ATOR: Dona de casa, seu marido bebe? Chega à noite cansado, nem liga pra mulher, num cumpre suas obrigações...

LICO *(para ator/locutor):* Cala a boca!

ATOR: Trabalha distraído, sem força... O chefe reclama... Isso é coisa muito ruim... Mas muito ruim mesmo. Mas tem remédio muito bom.

LICO *(levantando-se e se arrumando):* E as crianças?

ZOÉ: Perguntaram se no domingo você vai pescar na represa.

LICO: Fala que vou.

ATOR: As crianças têm lombriga, dona de casa? Tão com amarelão?

ZOÉ: Deixa dinheiro pra feira.

LICO: E o dinheiro que eu te dei?

ZOÉ *(maquinalmente):* 235,60 com arroz e feijão, duas lata de óleo a 135,00, quatro sabão de quadro minerva a 35,20, um quilo de sal.

LICO: Está bem, está bem!

ZOÉ: E outras coisas mais, num total de 700,00.

LICO: Que hora é agora?

ATOR: Dona de casa, diz pra ele que são quatro horas e quarenta e cinco minutos. Quatro horas e quarenta e cinco minutos.

LICO: Puta merda!

(Apronta-se rapidamente para sair.)

ATOR: É, num pode brincá com as horas que elas num espera. Agora sai correndo vestindo blusa pelo avesso, perdendo sapato pela rua. Agora não adianta mais, vai chegá atrasado, vai tomá advertência, vai tomá gancho, vai pegar suspensão de três dias.

LICO: Merda!

ATOR: Não adianta xingá.

LICO: Fica quieto! Cala a boca!

ATOR: É eu que tenho culpa? Eu tô avisando desde as quatro hora. No final do mês vem desconto... Num adianta chorá... Vai. Quem sabe o ônibus atrasou um bocadinho. Beija sua mulhé, dá um chute no cachorro e sai. *(Lico sai.)* Dona de casa, ô dona de casa, agora que seu marido saiu, eu vô fala uma coisa pra sinhora. O nome de um remedinho bom e baratinho... Mas antes vou dizer as horas...

(Som cai juntamente com a luz.)

CENA 3 **Fábrica**

(Indistintamente, homens e mulheres interpretam trabalhadores. João é um faxineiro. Sons de maquinário alto.)

TRABALHADOR 1: Ô, cunhado! Vamos ver a produção, rapaz!

TRABALHADOR 2: E eu tenho cunhado morto de fome?

TRABALHADOR 1: Por quê? Tua irmã só dá pra tubarão?

TRABALHADOR 2: Olha essa boca, peão!

TRABALHADOR 1: Vem pegá eu.

TRABALHADOR 2: Eu não vou sujar minha mão de bosta.

TRABALHADOR 1: Bosta é mineiro que não morre afogado. Tô precisando de peça.

TRABALHADOR 2: Vai comê farinha e cagá poeira, nordestino!

TRABALHADOR 1: Tu é baiano cansado!

LÍDER: Olha essa conversa fiada, aí! Quando alguém perde o dedo nas máquinas, vai dizer que pobre não tem sorte. Vamos, que

a linha tá atrasada.

TRABALHADOR 1: Esse mineiro num tá dando peça.

TRABALHADOR 2: Tá atrasado lá na frente. Na outra seção.

LÍDER: Olhai, gente! Se num tirá a produção vai tê hora extra!

TRABALHADOR 3 *(na outra seção):* Essa merda tá encrocada.

TRABALHADOR 1: Eu num vô fazê extra. Num posso.

LÍDER: Como é que quebrou?

TRABALHADOR 3: Quebrando, uai.

LÍDER: É a terceira vez nessa semana.

TRABALHADOR 3: E eu tenho culpa? Arranja uma máquina que preste.

TRABALHADOR 1: Eu já estou avisando que não vô fazer extra.

TRABALHADOR 2: Eu também não.

Quebrou na outra seção. Eu não tenho nada a ver com isso.

LÍDER: Eu quero ver vocês dois na hora de pedir aumento.

TRABALHADOR 1: Num é. É que minha mulher não está boa.

LÍDER: Eu sei. Um dia é a mulher, outro dia é a tia que morreu.

TRABALHADOR 1: É verdade. Eu trago até atestado médico.

LÍDER: E você?

TRABALHADOR 2: Eu tenho compromisso.

LÍDER: Que compromisso?

TRABALHADOR 2: É uma coisa que eu tenho com minha mulher.

TRABALHADOR 1: É hoje! É hoje!

TRABALHADOR 2: Porra! Não azucrina a vida!

LÍDER: Toda vez é compromisso ou é alguém da família que morre. Eu vô dizer uma coisa. Se não tiver a produção, vai ter extra e um vai ter que ficar, senão o nome fica marcado e no próximo listão de dispensa eu fodo mesmo.

(Sai)

TRABALHADOR 2: Eu não posso ficá!

TRABALHADOR 1: Ô Varginha, ocê sabe mexê nesta máquina? Aqui?

TRABALHADOR 3: Nem que soubesse! Com essa porcaria quebrada, meu trabalho vai atrasar também.

TRABALHADOR 1: Você vai ter que ficá. A última vez eu fiquei.

TRABALHADOR 2: Quebra a minha. Hoje eu não posso.

TRABALHADOR 1: Quem não pode sou eu. A mulher não tá boa.

TRABALHADOR 2: Caralho! Ô Varginha, você só fode! Num sabe trabalhar pede a conta!

TRABALHADOR 3: Vai encher o saco de outro.

(Entra João, com a vassoura e a pá.)

TRABALHADOR 1: Ô rola-bosta, já lavou as privada?

JOÃO: Já, sim senhor.

TRABALHADOR 1: Senhor não, que eu num sou pai de tabaréu! Limpou tudo direitinho?

JOÃO: Limpei.

TRABALHADOR 1 *(zombeteiro):* Então eu vou dá aquela cagada. Um pouquinho em cada uma.

TRABALHADOR 3: Pelo menos acerta o buco, que é uma fedentina que chega até aqui.

TRABALHADOR 1: Eu como o mesmo que você.

TRABALHADOR 3: Então vai no médico que ocê tá com as tripa podre. Ô João, o líder pediu pra quando você chegar aqui, ocê í lá no almoxarifado buscar um torno.

JOÃO *(desconfiado):* Óia!...

TRABALHADOR 3: É verdade. Pergunte pro Lico.

TRABALHADOR 1: É sim, João.

JOÃO *(a trabalhador 2):* É verdade?

TRABALHADOR 2: Se eles tão dizendo...

JOÃO: De que jeito é esse torno?

TRABALHADOR 3: Vai, rapaz, num empalha o serviço. Num vê que a gente tá parado.

JOÃO: Ói... Num sô bobo, não. É, eu sei. Ocês qué mi pegá pra ficá mangando depois de mim. Igual quando me mandaram buscar a prensa, que é uma máquina maior que casa. Aqui, ó. Num vô não. Sou bobo não.

TRABALHADOR 1: Você é que sabe.

JOÃO: No começo ocês podiam me pegá, agora não.

TRABALHADOR 3: Ocê vai ficar a vida inteira rolando bosta?

JOÃO: Eu queria mesmo é trabalhar em máquina, mas num dá. Tenho que começá por baixo, né?

TRABALHADOR 1: Você tá muito por baixo, peão. Limpando bosta.

TRABALHADOR 2: Fala com o líder. Se ele deixar a gente te ensina o serviço de máquina. É fácil.

JOÃO: Num é brincadeira?

TRABALHADOR 2: Claro que não. Fala direitinho com ele. Ele tá lá na manutenção.

JOÃO: Se for brincadeira vocês vão ver. *(Vai em direção à saída.)*

TRABALHADOR 1: João, me faz um favor? Quando voltar de lá, passa pelo lavatório e me traz o escovão.

JOÃO: Pra que?

TRABALHADOR 1: Pra você dar uma coçada no meu saco! *(João sai resmungando enquanto os outros riem. Toca a sirena de saída.)*

(Trabalhador 3 e trabalhador 1 preparam-se para ir embora.)

TRABALHADOR 2: Quebra a minha, Varginha.

TRABALHADOR 3: Hoje não dá mesmo,

Antônio. Se desse, você sabe...

TRABALHADOR 2: Tá bem. Peão tem é que se fuder.

TRABALHADOR 1 e 3: Tchau.

TRABALHADOR 2: Tsc! Que merda! Tchau.

(Os dois saem. Luz permanece apenas sobre Antônio. Que trabalha. Luz se acende sobre casa de Antônio onde está Matilde.)

CENA 4

Antônio e Matilde

(O foco de luz ainda permanece sobre Antônio. Matilde traz o relógio, acertado à vista do público de modo que os ponteiros apontem dez e meia.)

MATILDE *(apontando o relógio):* Dez e meia. O Antônio já devia ter chegado. Não. Ainda é um pouco cedo. Ele chega sempre quinze pras onze.

(Luz cai sobre Matilde. Antônio trabalha sob o som de máquinas. Luz volta a Matilde que coloca os ponteiros em onze e meia.)

MATILDE: Diacho! Onde é que está esse homem? Com certeza tá enfiado em algum boteco com os colegas. Se chegar aqui cheirando bebida ele me paga!

(Idem acima. Luz cai sobre Matilde e fixa em Antônio, barulho de máquina. Luz volta sobre Matilde.)

MATILDE *(acertando os ponteiros do relógio pra uma e quinze):* Falta de consideração! Puxa vida! Ele falou que vinha direto pra casa. Que nem Cristo obrigava ele a fazer hora extra. Meu Deus. E se aconteceu alguma com ele? Ele sofreu algum acidente com a máquina?

(*Idem acima. Luz cai sobre máquina e Antônio, cansado, vai pra casa. Matilde acerta o relógio para duas e meia.*)

MATILDE: Duas e meia. Ele vai ter que arranjar uma bela desculpa. Ah, se vai.

ANTÔNIO (*entrando*): Oi. Num deu, né...?
(*Matilde olha e vira o rosto*)

ANTÔNIO: Tem comida?

MATILDE: Tá no fogão.

ANTÔNIO: Eu vou comer fria?

MATILDE: Devia! Que trato a gente tinha feito?

ANTÔNIO: Eu tive que ficar, Matilde.

MATILDE: Você falou que vinha direto pra casa.

ANTÔNIO: Eu vim. Tô saindo de lá agora. A máquina quebrou, eu tive que ficar.

MATILDE: É? Deixe eu cheirar sua boca.

ANTÔNIO (*abrindo a boca*):
Aaaaaaaaahhhhh! (*Matilde cheira*) Posso comer alguma coisa agora?

MATILDE: Pode! Pode! Pode!

ANTÔNIO: Ô Matilde, eu não tive culpa.

MATILDE: A culpa é do bispo! Puxa vida, Antônio, você parece até que não liga pra gente.

ANTÔNIO: Não vem com essa conversa, poxa.

MATILDE: A gente casou só pra fazer lua-de-mel? Faz três meses que acabou a lua-de-mel e até agora nada.

ANTÔNIO: Três meses?

MATILDE: Noventa e três dias.

(*Tropeça num móvel. Pragueja.*)

ZOÉ: Não faz barulho para não acordar o pequeno.

LICO: Que que esse diabo tá fazendo aqui no meio do caminho?

ZOÉ: Eu comprei uma cama velha e pus no quarto das crianças. Tive que tirar isso de lá.

LICO: E vai deixar aqui?

ZOÉ: Vou, ué. Não foi você que falou que não queria a menina dormindo na nossa cama?

LICO: Isso não cabe no nosso quarto?

ZOÉ: Só se a gente tirar o guarda-roupa.

LICO: E na cozinha?

ZOÉ: E onde eu coloco o fogão?

LICO: Põe o fogão do lado do guarda-comida.

ZOÉ: E a mesa?

LICO: Arrasta pro lado.

ZOÉ: Aí a porta da rua não fecha.

LICO: Então isso vai ficar no caminho?

ZOÉ: Que jeito? Porque você não faz um quartinho a mais?

LICO: Cadê dinheiro? Dê graças a Deus da gente ter isso aqui.

ZOÉ: Recebeu? Quanto?

LICO: Seis mil a mais de hora extra.

ZOÉ: Não dá. Eu já fiz as contas. Vamos ter que dar o cano no depósito.

LICO: Não! O cimento tem que ser pago. O seu João do depósito já veio falar comigo. Não paga a conta de luz.

ZOÉ: É a terceira. Eles cortam. Vamos ter que economizar na feira.

LICO: A feira não. Não paga a água.

ZOÉ: Já tem conta pendurada. Não tem jeito. Pede emprestado pra alguém.

LICO: Aí fica mais uma conta pra pagar no dia do vale. Eu já te falei: É preciso economizar. Você fica fazendo prestação em loja.

CENA 5 Lico e Zoé

LICO: Zoé! Zoé!

ZOÉ: A última que fiz foi pra te comprar um par de calças. Você devia era parar de fumar. Faz mal à saúde e é dinheiro jogado fora.

LICO: Isso é mixaria. A gente podia vender o rádio.

ZOÉ: Você não se atreva. Além disso, o rádio não está pago.

(Lico prepara-se para sair.)

ZOÉ: Onde é que você vai?

LICO: Dá um pulo no boteco. Vê os camaradas.

ZOÉ: Não senhor! Com o dinheiro, não! Eu sei como você é. Começa a beber e a paga pra todo mundo. E depois, tá cheio de ladrão por aí. Dinheiro na mão.

(Lico lhe dá o dinheiro, separando umas notas pra si.)

ZOÉ: Quanto você tá levando?

LICO: Trezentos.

ZOÉ: Trezentos?

LICO: Que é? Eu trabalhei o mês inteirinho.

(Sai.)

ZOÉ: Tá, mas vê se não volta tarde.

LICO *(in off):* Tá, tá, tá!

ZOÉ: E passa na venda e traz meia dúzia de ovos.

LICO *(in off, mais longe):* Tá, tá!

ZOÉ: Olha! Traz também um quarto de café!

LICO: Tá!

ZOÉ: Bem! Benhê! Se o dinheiro der, traz também dois pedaço de sabão que eu não tenho pra lavar a roupa, viu? Mas passa na venda antes de ir pro bar porque ela fecha.

(Lico já não responde.)

ZOÉ *(calculando):* Um quarto de café... Meia dúzia de ovos... Dois sabão... Vai sobrar uns cento e pouco quando ele entrar no bar. Tá bom. Se eu não dou uma de

esperta...

FLASH N° 1

(Foco no proscênio, João espera o trem ansiosamente.)

VOZ: O trem, prefixo UHJ 125, procedente de Francisco Morato com destino a Paranapiacaba e que deverá estacionar na plataforma número 1, não terá prosseguimento. *(Vaías, assobios.)* O trem, prefixo UHJ 125, que deverá estacionar na plataforma número 1, não terá prosseguimento. Próximo trem às sete horas e 35 minutos.

CENA 6 Fábrica

LICO: Tá russo!

ANTÔNIO: Russo tava o ano passado.

LICO: Num dá pra você adiantá uma grana?

ANTÔNIO: Tá apertado. Quanto é que você quer?

LICO: Uns setecentos mango.

ANTÔNIO: Olha, dá pra emprestar quinhentos.

LICO: Dá pra quebrar! Porcaria! eu num gosto de pedir emprestado. Eu te pago quando sair o vale da firma. Você quebrou o galho da feira.

ANTÔNIO: Tá legal. Não esquenta. *(Apontando com a cabeça o cronometrista que entra.)*

Cronometrista se aproxima da máquina onde trabalha Varginha e começa a anotar a produção. Varginha começa a trabalhar em ritmo maior.)

(Luz cai sobre o guarda e João, e sobe

sobre a fábrica.)

GUARDA: Carteirinha!

JOÃO: Eu tinha colocado ela aqui...
Onde será? Num tá. Acho que esqueci.

GUARDA: Sem identificação não entra.

JOÃO: Eu preciso entrar.

GUARDA: Volta pra casa e busca.

JOÃO: Não dá. Eu moro longe.

GUARDA: Eu não posso fazer nada.

JOÃO: Num faz isso. Eu já estou atrasado. O chefe vai encrencar comigo, tenho coisa importante pra fazer.

GUARDA: Num posso fazer exceção. O que é pra um é pra todos. Sem carteirinha não entra.

(Luz cai sobre guarda e João e sobe sobre fábrica.)

LICO: Sacanagem!

ANTÔNIO: Varginha tá pisando na bola!

LICO: Tem que botá esse sacana na geladeira.

ANTÔNIO: Assim o sujeito ferra toda a linha. Sujeito trouxe.

(Cronometrista sai da máquina de Varginha e vem em direção dos dois.) Não vamos aumentar a produção, não. *(Lico e Antônio continuam trabalhando no mesmo ritmo. Cronometrista anota)*

(Luz sobre guarda e João. Cai luz sobre fábrica.)

GUARDA: Eu num tenho nada com isso. É regulamento. Só entra com identificação, senão vira casa da sogra, entra qualquer um.

JOÃO: Poxa, eu não sou qualquer um. Você me conhece. Todo dia a gente se vê.

GUARDA: Eu sei, mas é o regulamento. Você tem que ser mais responsável. Tem que ter

organização, senão vira anarquia. Hoje você esquece, amanhã esquece outra vez. Esqueceu a identificação, tem que voltar, pra aprender!

JOÃO: Num precisa desacatá também. Se eu num entrá eu vou perder dia. Tô pedindo um favor.

GUARDA: Isso não é da minha conta. Num tem favor.

JOÃO: Então liga pro meu líder pra ver se ele não autoriza.

GUARDA: Num tem que ligá!

JOÃO: O líder falou que eu num podia faltar. Se você não ligar o problema é seu.

(Luz cai sobre os dois e sobe sobre fábrica. Cronometrista anota e sai. Antônio faz uma careta para o cronometrista.)

ANTÔNIO: Tem gente que gosta de aparecer prus home.

LICO: Pois é. É só aparecer capa amarela ou capa branca que o sujeito se borra todo.

ANTÔNIO: Vou comprar três capa branca e dá pra ele levar pra casa.

LICO: Ele vai dormir abraçado com ela.

VARGINHA: Vocês tão falando comigo, é?

ANTÔNIO: Com você, não. Estamos falando é de você!

VARGINHA: Cada um sabe de si.

ANTÔNIO: No mundo tem muita gente à toa.

VARGINHA (irritado): É comigo?

ANTÔNIO (irônico): Eu não disse na fábrica, disse no mundo.

LICO: É, mas no mundo das vez tem fábrica. E nas fábrica das vez tem gente.

ANTÔNIO: Pô, Varginha, pra que você foi aumentá o ritmo? Só pra falá

que tira mais produção que a gente?

VARGINHA: Eu tirei porque posso tirar.

LICO: Qué subi, peão? Qué fazê bonito?

VARGINHA: Porque vocês não tira mais produção também?

LICO: Porque não somos trouxa! Agora o sujeito vai e marca na ficha que nós pode tirar tanto de produção e aumenta toda a produção da linha. Ferra todo mundo.

VARGINHA: Eu sei do meu serviço. Meu serviço eu faço direito.

ANTÔNIO: Você é um puta dum lóqui! Você tirou essas produção hoje, quer ver você tirar todo dia. Mas os home num vão querer sabê e vão mandá fazê extra. Vamo perdê o coro pra tirar a produção.

LICO: Eu quero ver é se a máquina quebrar, seu puxa!

VARGINHA: "Puxa", não!

ANTÔNIO: É puxa, sim! Uma mão vai lavar a outra, meu chapa.

LICO: Deixa pra lá. Sujeito assim não merece nem palavra.

(Entra João.)

ANTÔNIO: Ô rola-bosta, que é que aconteceu lá embaixo?

JOÃO: Aquele guarda lá embaixo não queria deixar eu entrar porque esqueci a carteirinha.

ANTÔNIO: E aí?

JOÃO: Aí eu falei que precisava entrar e falei pra ele falar com o líder. Aí o líder deixou eu entrar.

ANTÔNIO: Então você tava brigando pro guarda te deixar limpar merda! Ele dizia: Não, João, que hoje você não vai entrar pra limpar merda!

LICO: E você dizia: "Não, porque eu quero limpar as privadas!"

ANTÔNIO: "Pode falar com o líder! Eu quero limpar bosta!"

LICO: O cara é marrudo! Ele briga e mata pra limpar bosta!

JOÃO: Num torra o saco, poxa! Já cheguei atrasado, o guarda me encheu o saco lá embaixo. Entro aqui e vocês continuam me enchendo! Vão pra merda!

(Sai.)

LICO: Uai! Nunca vi o sujeito tão bravo!

ANTÔNIO: Que é João? Dormiu com a bunda descoberta?

FLASH Nº 2 Ônibus

(Atores seguram um cano como se estivessem num ônibus lotado.)

ATRIZ 1 (com sacola): Vai descer no próximo?

ATOR 2: Não.

ATRIZ 1: Então dá licença.

(Atriz passa à frente do ator.)

ATOR 1: Ô cobrador! Ainda não tem troco? Meu ponto tá chegando e eu não vou descer sem meu troco, não. Tô avisando.

ATRIZ 2: Que abafamento! Abre um pouco a janela.

ATRIZ 3: Se abrir a janela eu morro de pneumonia.

ATOR 2: Ô, motorista, fecha essa porta que tá frio.

ATRIZ 1 (para Ator 2): Não venha se encostando, não, seu sem-vergonha.

ATOR 2: Num tô fazendo nada.

ATRIZ 2: Eu num tô aguentando. Eu vou abrir a janela.

ATRIZ 3: Qualquer uma, menos essa.

ATOR 1: Mais devagar motorista que essa porcaria vai acabar virando.

ATRIZ 1: Seu sem-vergonha.

ATOR 2: Qual é minha senhora? Qué

espaço, anda de carro! Freta um ônibus só pra senhora, aí ninguém encosta.

ATRIZ 2: Eu vou abrir, sim senhora!

ATRIZ 3: Não senhora! Respeite um pouco a minha idade!

ATOR 1 (*para atriz 2*): Deixa essa janela fechada. A senhora morre de abafamento. Depois a gente abre. (*Para Atriz 3.*) A senhora morre de pneumonia. E aí todo mundo pode seguir viagem sossegado! Pombas!

ATRIZ 2: Seu mal educado!

ATRIZ 1: Você fala isso porque sou mulher. Se eu fosse homem você não tinha coragem.

ATOR 2: Vai andando!

ATOR 1: Ô, cobrador! Como é? Eu já vou descer.

ATRIZ 1: Hoje ninguém mais tem respeito!

FLASH

Jingle a favor do presidencialismo

(*Lico continua trabalhando na máquina.*)

FLASH Nº 2 Ônibus

CENA 7 Volta de Afílio

(*João e Antônio num ponto de ônibus.*)

JOÃO: Vai pegar o próximo ônibus?

ANTÔNIO: Se não tiver muito cheio. A mulher tá trabalhando mesmo.

JOÃO: Tô precisando arrumá um rabo de saia.

ANTÔNIO: Aproveite bem antes de

casá. Depois, se tu pegá uma mulher como a minha, michou.

(*Entra mulher e se coloca afastada dos dois.*) Olha essa aí. É lá da estamparia.

JOÃO: É boa. Dá até pra subir morro e atravessá brejo pra ir atrás dela.

ANTÔNIO: Ela dá.

JOÃO: É?

ANTÔNIO: Essas menina da estamparia dão tudinho.

JOÃO: Ocê já...?

ANTÔNIO: Eu não, mas me contaram que ela dá. O Lico.

JOÃO: O Lico é mentiroso.

ANTÔNIO: É, mas todo mundo fala. Se eu fosse você tentava. Joga uma conversa fora pra cima dela. Você vai vê que ela cai direitinho.

JOÃO: Vigé! Com uma mulher dessa eu...

ANTÔNIO: Vai! Chega do lado dela e começa uma conversa fiada.

JOÃO (*meio malandramente*): É isso que eu vou fazer. (*Começa a se aproximar dela.*) É tranquilo?

ANTÔNIO: Vai que é mole!
(*João se aproxima mais. Mulher volta-se e anda decidida em sua direção. João fica estatelado.*)

MULHER: Aqui passa o ônibus pra Diadema?

JOÃO: Passa, é?

MULHER: Eu estou perguntando.

JOÃO: Deve de... Das veiz... Passa sim.

MULHER: É, porque eu tenho que ir na casa de minha tia.

JOÃO: Sua tia mora em Diadema? Eu te vejo sempre lá na estamparia. Trabalho duro, né?

MULHER: Nem se fala. O pior é trabalhar por turno.

JOÃO: É fogo! Num tem muito tempo pra sair... pra namorar. Não tem disposição. Teu namorado não

reclama?

MULHER: Eu não tenho namorado.

JOÃO: Não? Então, assim num fim de semana...

ATÍLIO (*entra e grita*): João Saquarema! (*Vai em direção a João e o abraça efusivamente.*) Como é que vai, rapaz? Há quanto tempo! Você está diferente, melhor!

JOÃO: Eh, seu Atílio... O senhor sempre aparece na hora certa!

ATÍLIO: Obrigado, João, mas vamos sair daqui. Puxa, como demorei pra te achar! Tenho um papo sério pra bater com você. (*Extremamente sério.*) Sério. Entendeu?

JOÃO: Espera um pouco, seu Atílio! Tem essa moça aí...

ATÍLIO (*percebendo a mulher*): Você está casado, João? (*Para a mulher.*) Prazer, Atílio Ronchetto.

JOÃO: Não, seu Atílio... Ela é...

ATÍLIO: Noivos? Muito bem. Você está se saindo melhor aqui do que em São Paulo, hein safadão?

JOÃO: É colega, seu Atílio. Trabalha na fábrica.

ATÍLIO: Esposa, noiva ou colega o prazer é o mesmo, senhorita. Você se importa se eu levar o João?

JOÃO: Seu Atílio...

ATÍLIO: É muito importante, João. De importância vital!

MULHER (*que ficou o tempo todo paralisada pela ação de Atílio*): Não... Eu já estava indo embora mesmo.

JOÃO: Foi um prazer conhecê-la. A gente se encontra outra vez.

MULHER: Eu já estava de saída... Eu vou pro outro lado... Eu gosto de andar.

(*Sai às pressas.*)

ATÍLIO (*com um gesto*): Adeus e boa

sorte. Agora nós, João!

JOÃO: Puxa vida, seu Atílio! Eu tava tirando uma linha com a moça e o senhor me aparece e empalha tudo!

ATÍLIO: Com ela? Porque você não falou! Deixa comigo que eu arranjo tudo. (*Grita.*) Ô, moça!

JOÃO: Fica quieto, seu Atílio.

ATÍLIO: Você não quer falar com ela?

JOÃO: Agora não quero mais. O senhor já melou tudo. Vamos sair daqui. Ô Antônio, vamo dar uma chegada no boteco?

ANTÔNIO: Vamos lá.

ATÍLIO: Vamos que o João vai pagar uma cerveja.

JOÃO: Eu?

ATÍLIO: Questão de solidariedade. E depois você vai ter que pagar pelo prazer de ter me encontrado.

JOÃO: Pois foi o senhor que me encontrou.

ATÍLIO: A ordem dos fatores não altera o produto. Vamos.

CENA 8 Boteco

(*Dona Lurdes limpa o balcão. Ouve-se discussão fora de cena.*)

ATÍLIO (*entrando*): Não me falem do Jânio! Seis milhões de votos jogados pela janela.

(*Lurdes olha com raiva para Atílio que entra de costas.*)

ANTÔNIO: Seu Atílio...

ATÍLIO: Não tem conversa, Antônio. Fugiu! Escafedeu! Desprezou!

ANTÔNIO: Não é isso, seu Atílio.

ATÍLIO: É isso, sim! Quem tem bunda de seda não senta em cadeira de prego!

ANTÔNIO: O que eu quero dizer é que o senhor tá falando de corda na casa de enforcado.

LURDES: O que vão querer? O que é que o senhor tem contra Jânio?

ATÍLIO: Uma cerveja. Tudo! Tenho tudo contra Jânio!

LURDES: Fique sabendo que esse país não merece um homem como ele!

ATÍLIO: Ele não merecia nem ser presidente do Grêmio Recreativo Ipiranguinha, quanto mais ser presidente do País!

JOÃO: Tá bom, tá bom, seu Atílio. Vamo tomá logo essa cerveja.

LURDES: Vai um quebra gelo?

ATÍLIO: Vai alguém? Só um pra mim! Forças ocultas! A única força oculta que eu conheço é quando o sujeito se fecha na privada! Quem não tem competência não se estabelece!

LURDES: Brahma ou Antártica? Vocês só sabem meter o pau! Ele foi um dos únicos políticos honestos desse país!

ATÍLIO: Qualquer uma. Ser honesto não é louvor, é obrigação! "De tanto ver triunfar as nulidades... Patati, papapá, esqueci o resto, o homem hoje se envergonha de ser honesto"! E eu não vim aqui pra falar do Jânio. Faz dois anos que ele saiu e se fizesse vinte seria melhor. Eu quero falar do momento presente. João! Antônio! (*Grave.*) A situação é séria! (*Conspirando.*) Que ninguém nos ouça!

(*Lurdes, que havia ido buscar a cerveja, estica o pescoço querendo ouvir.*)

ATÍLIO: Eu vou repetir. A situação é grave. O governo não se

agüenta nas pernas.

LURDES (*voltando*): É bom que caia mesmo que esse governo não tem feito coisa que preste. Toda essa carestia é por culpa dele. Olha a ...

ATÍLIO: Ao contrário. Carestia e vida difícil sempre houve. O governo está sobre pressão. É preciso nos organizarmos.

JOÃO: Deixa disso, seu Atílio.

ANTÔNIO: Política dá dinheiro pros ricos e cadeia pros pobres.

ATÍLIO: Pois nós precisamos inverter. Política tem que dar cadeia pros ricos e dinheiro pros pobres. E depois a cadeia nos tempera...

JOÃO: Não começa, seu Atílio! O senhor fica falando coisa mas só faz coisa errada!

ATÍLIO: Você precisa voltar comigo pra São Paulo, João.

JOÃO: O senhor tá louco, seu Atílio! Num vem, num vem não que o senhor só me pegava pra essas coisas quando eu cheguei, quando eu era um capiau do mato. Agora não.

ATÍLIO: A nossa função é mais importante que um reles emprego, João!

JOÃO: O senhor fala isso porque num trabalha, num tem compromisso.

ATÍLIO: Mas trabalhei! Trabalhei mais do que qualquer um de vocês. Trabalho desde 1905.

JOÃO: Tá bom, seu Atílio. O senhor já trabalhou. Agora vamos tomar nossa cerveja e deixa eu e o Antônio trabalhar em paz.

ATÍLIO: Nunca vai existir paz no trabalho enquanto...

JOÃO: Chega, seu Atílio! Eu num vou mais discutir. Esse negócio de governo, sai um, entra outro e se

a gente não se vira, num trabalho, ninguém vem dá comida na boca!...

ATÍLIO: Tá bom, tá bom. Eu não falo mais nada. Fiz minha viagem à toa.

JOÃO: Não leve a mal, seu Atílio. Fruto verde não se colhe. Nem pra comer nem pra deixar semente.

ATÍLIO: Você tá certo. Fruto verde não se colhe. Lutador se faz na luta. Eu vou indo, João. Até outra vez.

JOÃO: Até, seu Atílio. Não leve a mal. *(Atílio sai.)*

ANTÔNIO: O final dessas conversas é sempre cadeia.

JOÃO: Pra quem fala e pra quem ouve. Eu já tive experiência.

FLASH N° 3 Multirão

ANTÔNIO: Dona Belinha, cadê o Jorginho?

BELINHA: Foi até o boteco.

ANTÔNIO: Sujeitinho safado! Chama a gente pra ajudar levantá o barraco e se enfia no bar!

BELINHA: Ele foi buscá mais cachaça e uns tira-gosto.

JOÃO: Melhorou! Sem cachaça não dá.

BELINHA: Com vocês bebendo desse jeito eu sei quando isso vai ficar pronto!

ANTÔNIO: É pra animá.

JOÃO: E o Carlão? Não veio por quê?

ANTÔNIO: Tá no seguro. Acidente.

BELINHA: Grave?

ANTÔNIO: Caiu peça em cima do pé. O pé dele tá que é isso (mostra com as mãos).

JOÃO: Como é essa bóia, dona Belinha?

BELINHA: Daqui a pouco.

JOÃO: Capricha, que antes da noite a gente cobre a casa.

BELINHA: Se vocês não caírem de cara cheia antes.

ANTÔNIO: O João aqui é que nas paredes tá entrando as curvas pelas retas, mas no fim dá tudo certo.

FLASH N° 4

Sons marciais: Revolução de 64

CENA 9 Fábrica

VARGINHA: Tá dormindo, peão?

JOÃO: Essa hora é broca.

ANTÔNIO: Num tem que corrê. Tem que acabá a produção na hora de saí.

JOÃO: Essa hora, depois da comida, dá zonzeira de sono.

VARGINHA: Vai matá peça que eles te come o rabo.

ANTÔNIO: Num tá bom na máquina?

JOÃO: Que tá, tá. Mas é fogo, né?

ANTÔNIO: Isso é serviço pra home, num é pra pedaço.

JOÃO: Você não virou quatorze hora de batente igual eu.

ANTÔNIO: Peão tem que se ferrá.

JOÃO: Você também é peão como eu... Que é que tá falando?

ANTÔNIO: Sou peão mas sou distinto. Tenho mais de cinco ano em cima dessa porra.

LICO: Cinco ano de merda é igual a merda.

JOÃO: Você viu o Paulo Henrique?

LICO: E o Gerson? Não tem ombridade, não sua a camisa!

JOÃO: Também, a seleção era toda carioca.

VARGINHA: Vocês acham que a

Inglaterra ia deixar trazer a taça?

ANTÔNIO: Correu grana nisso.

LICO: A seleção devia chegar no Brasil e ser toda presa.

JOÃO: Em São Paulo quiseram apedrejar a casa de um dirigente, não sei quem.

VARGINHA: E no Rio? Quase que lincharam um português que queimou a bandeira do Brasil, depois do jogo com Portugal.

ANTÔNIO: Devia ser linchado! Você vai ver. A Comissão Técnica vai ficar no Europa. Se vier pro Brasil os liga vão matar todos.

LICO: Agora só daqui a quatro anos.

ANTÔNIO: Do jeito que tá o futebol eu duvido que o Brasil se classifique para a Copa de 70. Seleção como de 62, nunca mais.

JOÃO: É uma pouca vergonha.

ANTÔNIO: Se botasse o time do Corinthians, ele fazia mais bonito que a seleção.

JOÃO: Pé no saco! Essa ardeu!

ANTÔNIO: E não?

JOÃO: Também não fala besteira. O Corinthians inteiro não vale três dos Santos.

ANTÔNIO: Santos só tem Pelé.

(Soa a sirene do final do turno.)

JOÃO: Penta-campeão paulista e bicampeão do mundo, meu chapa!

ANTÔNIO: Quando Pelé acabar, a torcida do Santos também acaba. Não é mesmo, Lico?

LICO: Eu quero é que se ferre. Seleção, futebol e a puta-que-pariu! Vam' bora que soldado em quartel no final do expediente ou quer cadeia ou qué serviço.

(Saem. Na saída, Lico é barrado.)

GUARDA: Você aí, espera um pouco. É. Você mesmo!

LICO: Que foi?

TRABALHADOR: Revista! Se o sujeito tiver um parafuso no bolso ele tá ferrado!

LICO *(enquanto o guarda começa a revistar):* Tô levando nada, não, seu guarda.

JOÃO: Ele tá estufado, mas é do salitre da comida, seu guarda.

VARGINHA: Tá levando carro no bolso, peão?

ANTÔNIO: Não alisa que ele gosta!

LICO: Eu tenho cara de ladrão?

GUARDA: É regulamento.

TRABALHADOR: Vai, peão, devolve logo o motor que você enfiou na meia.

GUARDA: Vão andando.

ANTÔNIO: Ô, seu Guarda, vê no fiofó que ele escondeu um virabrequim!

LICO: Vai gozá da mãe!

JOÃO: Vê no saco que ele colocou calota nos bago!

ANTÔNIO: Devolve logo o que ocê pegou senão vamo perde o ônibus!

LICO: Não tenho nada, não, seu guarda.

GUARDA: Vai. Pode ir.

LICO: Isso é marcação.

CENA 10

João e Selma

SELMA: Não! Aí não, João!

JOÃO: Eu num tô fazendo nada.

SELMA: É, mas eu tô avisando que é pra nem começá a fazer.

JOÃO: Você me conhece. Não vou fazê nada demais.

SELMA: Tô conhecendo. De uns tempos pra cá você tá ficando muito espertinho.

JOÃO: É mesmo?

(Investe sobre Selma.)

SELMA *(dura)*: Não apele, não!

JOÃO: A gente não vai casá mesmo?

SELMA: Quando? Faz mais de um ano que você tá falando.

JOÃO: Não vamos falá nisso agora.

SELMA: E depois, não tem nada a ver uma coisa com outra. Se vamos casar mesmo, a gente espera. Se não vamos, não quero ficar falada.

JOÃO: Quem é que falou que não vamos casar?

SELMA: Desse jeito?

JOÃO: Vamos deixar esse papo pra outra hora.

SELMA: Não. Vamos falar agora. Daqui a pouco a gente faz bodas de prata de namoro.

JOÃO: Você não confia em mim?
(A mão de João busca a perna de Selma.)

SELMA *(tirando a mão)*: Mais ou menos.

JOÃO *(meio irritado)*: Eu já te falei que só caso quando tiver casa! Nem que seja dois cômodos só.

SELMA: Sabe quando?

JOÃO: Eu não vou casar pra ficar que nem uns camarada que eu conheço que tão sempre enforcado.

SELMA: A gente podia casar logo. Com nós dois trabalhando dava pra juntar um dinheirinho.

JOÃO: Já te falei que não é meu costume a mulher trabalhar depois de casada.

SELMA: O que é que tem?

JOÃO: Num tem nada. Só que num gosto. Quando as coisas tiver melhor a gente casa.

SELMA: Até melhorar vai demorar muito.

JOÃO: Nada! Tem curso pelo correio

de eletricista. Vou fazer um. Com canudo eu posso subir na firma.

SELMA: João, você gosta mesmo de mim?

JOÃO: Claro. Pra você vê. Comecei como faxineiro. Sentei o pau no serviço e os home me reconheceram. Eles sabe que não enjeito serviço e me passaram pra linha.

SELMA: Minha mãe outro dia me perguntou...

JOÃO: Cortei um doze e ainda corto, mas as coisas vão mudar. Quem sabe eu não chego a líder.

SELMA: Líder?

JOÃO: E se duvidar chego até a mestre. Comigo é assim!

SELMA *(emburrada)*: E a gente casa só quando você for gerente de produção, é?

JOÃO: Não, amor. A gente casa bem antes. Tendo o terreno e dois cômodos a gente casa. Quem sabe se com o décimo terceiro eu já num dou a entrada?

SELMA: E a gente marca? Porque minha mãe só fica perguntando...

JOÃO *(abraçando Selma)*: Marca sim.

SELMA: Tá, mas num vem com essa mãozinha boba, não.

JOÃO: Calma. Eu não vou fazer nada.

SELMA: Eu conheço essa conversa. Olha que eu sou séria.

JOÃO *(abraçando)*: Eu também sou.

SELMA: Olha essa mão.

FLASH Nº 5

Antônio entra rindo, carregando uma bandeira do Corinthians. Grita com um interlocutor imaginário.)

ANTÔNIO: Aí, peão! Cadê o tabu! Dois a zero em cima com Pelé e tudo!

SELMA (*levantando-se*): Vem, João.
Vamos embora. Amanhã eu pego cedo.

ANTÔNIO: Paulo Borges, a gazela do parque, enfiou um. E pra vocês não reclamar do azar, Buião foi lá e enfiou o segundo. Que que é? Quem vai ficá onze anos sem ganhar do Corinthians é vocês. Dois a zero na cabeça! Tu tá ferrado! É peão, mora em Eldorado, tua mulher é uma cobra e teu time perdeu! Dois a zero! Pior que isso é só sustentar mulher, duas amantes e três filhos!
(*Sai.*)

FLASH Nº 6

Casa de Lico que faz as contas

LICO: Tá fogo! Estamos gastando muita luz.

ZOÉ: Preciso de dinheiro pra feira.

LICO: E o que eu te dei?

ZOÉ (*maquinalmente*): Duzentos e trinta e cinco e sessenta com arroz e feijão, duas lata de óleo a cento e trinta e cinco, quatro sabão de quadro a trinta e cinco e vinte, um quilo de sal...

LICO: Tá bom, tá bom!

ZOÉ (*dengosa*): Eu queria te falar uma coisa

LICO: Que é?

ZOÉ: Tou esperando criança.

LICO: Outra vez?

ZOÉ: Ué! Eu não fiz ela sozinha!

CENA 11

Morte de Afílio Ronchetto

(*Foco de luz no palco. João entra no foco de luz e bate palmas. Mulher entra no foco de luz.*)

JOÃO: É aqui que mora o seu Afílio?

MULHER: Entra.

(*Saem do foco de luz, dirigindo-se para o escuro, do outro lado do palco.*)

MULHER: Cuidado que esse corredor é escuro.

JOÃO: Eu vim logo que soube.

(*Acende-se foco de luz do outro lado do palco. Sobre um colchão está deitado Afílio. João e mulher entram no foco.*)

JOÃO: Como é que estão as coisas, seu Afílio?

ATÍLIO: Tou deitado, parado, duro. É assim que as estão as coisas. Como é, Saquarema? Chega mais perto. Não vem com essa conversa pra doente morrer feliz, João! Eu estou indo mesmo. É encostar o esqueleto de vez.

MULHER: João, você que é amigo dele, convence ele a deixar chamar um padre.

ATÍLIO: Num tem padre. Saia, só de mulher.

MULHER (*chora*): Se arrepende.

ATÍLIO: Não adianta insistir, dona Tereza, que eu vou pra cidade dos pés juntos antes de vencer o aluguel! (*Ri.*) Fala alguma coisa, João. Como é que está?

JOÃO: Vô levando. A vida não tá fácil.

ATÍLIO: Isso eu já estou sabendo. Os tempos estão tristes. Eu queria ir pro beleléu quando os tempos fossem melhores. Mas vou fazer o quê? Eu já vivi meu tanto. Como é o Brasil, João? Ganha domingo?

JOÃO: Claro que ganha, seu Afílio. Vai dá um show em cima da Itália. Ninguém tasca que o caneco é nosso.

ATÍLIO: A senhora vai trazer a televisão

aqui no quarto, não vai, dona Maria Tereza?

MULHER: Vou sim, seu Afílio.

ATÍLIO: Se o Brasil ganha eu encho a cara e... *(Põe a mão sobre o peito.)* João! Eita que é agora que eu me vou. Adeus, João.

(Cai sobre o leito.)

JOÃO: Seu Afílio!

MULHER: Chama por Deus! Ai! Minha Nossa Senhora Aparecida!

JOÃO: Chama um médico!

MULHER: Chama um padre que ainda dá tempo pra uma extremunção.

ATÍLIO *(voltando):* João! *(Arfando.)* Ainda não foi dessa vez. *(Solta um longo suspiro.)* Ninguém me leva fácil, não, João! Estou vendo... Estou vendo uma luz!

MULHER: É Deus!

ATÍLIO *(apontando o refletor):* É a lâmpada que tá muito forte!
(Ri.)

MULHER: Não brinca com coisa sagrada! Esse ataque foi um aviso de Deus.

JOÃO: É melhor chamar um médico, você ir prum hospital.

MULHER: Eu queria chamar, ele não deixou.

ATÍLIO: Não perca tempo com pouca vida nem vela com pouco defunto. Tô indo pro bebelê, pro fim da picada, pra última morada, pra casa do chapéu.

JOÃO: Não fala isso, seu Afílio.

ATÍLIO: Agora já falei! João, me queira bem que não paga imposto. Da última vez que a gente se encontrou você me chamou de louco.

JOÃO: Esqueça isso.

ATÍLIO: Não, você não estava de tudo errado. Todo mundo tem uns deslizes uma vez ou outra. Até

Deus escreve errado por linhas certas!

JOÃO: Está tudo bem.

ATÍLIO: É que minha cabeça nunca foi dona de um pensamento só. É que eu corri atrás de muitos sonhos. É que o homem tem muitos sonhos, muitas vezes. É. O problema, é que às vezes dá uma confusãozinha à toa, é que o sonho certo está no lugar errado, ou o sonho errado está no lugar certo, sei lá! *(Irritado.)* E você tá com essa cara por quê? Eu também não tenho que pedir desculpa a ninguém por ter existido! *(Outro ataque.)* É agora que eu vou!

(Cai.)

MULHER: Agora foi.

JOÃO *(sentido):* Seu Afílio!

MULHER: Tenha piedade, Senhor, do seu servo...

JOÃO: Velho besta!

(Chora.)

ATÍLIO *(voltando):* Larga de ser frouxo, homem! Isso aqui não é novela!

(Ri.)

JOÃO *(irritado):* Que coisa! Pára de brincar! Diabo de homem que só faz tropelia.

MULHER: O senhor se perde. Fica sem salvação.

JOÃO: É bom mesmo. Se um diabo desse for pro céu, Deus pede demissão!

ATÍLIO *(rindo):* Gostei, João! Vem cá, que eu tenho pouco tempo. João, o que você vê hoje, se você fechar os olhos por cinco anos, você não vai ver mais quando abrir. Nada se sustenta. Pra se afirmar isso eu tenho mais de setenta anos nas costas. Entendeu?

JOÃO: É... Mais ou menos.

ATÍLIO: O chão que o homem pisa é por direito seu. Aqui é que se decidem as coisas! Onde houver porta aberta entre, se estiver fechada bata, se estiver trancada arromba e tome assento à mesa. Afinal a porta fomos nós que fizemos, a casa fomos nós que construímos e o jantar fomos nós que preparamos.

MULHER: Tá delirando.

ATÍLIO: Há mais de setenta anos minha senhora! Pra mau entendedor meia palavra é bosta! *(Cai.)*

(Pausa. João e mulher se entreolham. Mulher faz um gesto de cabeça apontando Atílio, João dá de ombros.)

MULHER: Será que agora ele se foi?

JOÃO: Não sei. Vai ver é brincadeira dele.

MULHER: Mexe nele.

JOÃO: Seu Atílio! Não. Ele quer é tirar sarro da nossa cara.

MULHER: Será? Dá uma beliscada nele. *(Luz cai.)*

FLASH Nº 7 Vendedor

VENDEDOR: Senhora Matilde, não é? A senhora já conhece o plano de nosso novo carnê?

MATILDE: Não senhor, mas...

VENDEDOR: Então me dê dois minutinhos apenas. Esse novo carnê permite à senhora, através de módicas prestações mensais, concorrer a um automóvel, uma casa totalmente mobiliada e milhões em prêmios.

MATILDE: Desculpe, mas eu já estou atrasada e não tou interessada.

VENDEDOR: Mas a senhora vai ver as vantagens que o carnê lhe dá. A

senhora adquire o carnê agora, sem entrada e só dá a primeira prestação daqui a três meses. E concorre desde já a todos os prêmios.

MATILDE: O meu marido não quer saber de carnê.

VENDEDOR: Não acredito que o seu marido não vai aceitar todas essas facilidades. E concorrer a tais prêmios. A extração é feita toda a semana pela loteria federal. A senhora tem 52 chances por ano de ganhar.

MATILDE: Meu marido já vem vindo. Fala com ele. *(Antônio entra.)* Tchau, bem. Já vou andando.

(Sai.)

VENDEDOR: Meu senhor, eu estava justamente falando com sua esposa e ela estava maravilhada com os planos desse...

ANTÔNIO: Se ela estava ou não, eu não quero saber.

VENDEDOR: O senhor perceba bem que...

ANTÔNIO: Não vou comprar nenhuma porcaria.

CENA 12 Fábrica

LÍDER: Vieram me falar lá de cima sobre a linha. Os homens tão falando que num tá cumprindo. Eles não estão satisfeitos.

ANTÔNIO: Fala pra eles que a gente também num tá.

LÍDER: Tô vendendo é pelo mesmo preço que comprei. E se quer conselho, acerta o passo que é capaz de algum lordo sangrar!

(Sai.)

ANTÔNIO: A gente é o único pinico

com fundo. Todo mundo caga e a gente é que apara.

JOÃO: Manera.

ANTÔNIO: Eu falei, eu sei das coisas, pô. Eu falei que o serviço ia dar errado. O mestre não quis escutar, mandou fazer. Agora táí.

LICO: Mas não vai entrar na deles, né?

ANTÔNIO: Eu num falei de graça. Eu tenho nove anos dessa merda.

JOÃO: Tá, mas vamos devagar.

LÍDER (*entrando*): João! É pra você passar na seção pessoal.

JOÃO: Pra quê?

LÍDER: É eu que sei?

JOÃO: Deve ser pra assinar a papelada das férias.

JOÃO: Sacanagem! Trabalhava direito, num faltava. Me sacanearam!

SELMA: Só mandaram você?

JOÃO: Mandaram uma pancada.

SELMA: E agora?

JOÃO: Fazer o quê? É procurar outro serviço. Me azararam a vida!

.....
LICO: Zoé! Assim não dá.

ZOÉ: Num dá mesmo. Tive pouca costura esse mês.

LICO: A gente não pode deixar de pagar a venda.

ZOÉ: E nem pode deixar de fazer a feira.

.....
ATOR: Quem não tem o primário completo? Quem não tem o primário completo levanta a mão. Pode sair porque sem o primário completo não serve, está dispensado. Quem é prensista? Pode vir aqui. Um de cada vez. Com a carteira na mão.
(*Inquerindo.*) Que tipo de prensa? Leve ou pesada? Aguarde ali na

primeira sala.

.....
(*Atores esperam o trem.*)

VOZ: O trem prefixo UHJ 125, procedente de Francisco Morato com destino a Paranapiacaba e que deverá estacionar na plataforma número 1 não terá prosseguimento.

(*Vaias, assobios.*)

.....
ANTÔNIO: Ô xará, você viu o Rivellino? Fazendo corpo mole em decisão! Ainda mais com o Palmeiras. Um a zero. Ninguém que sabe de nada. Tão com o bom no bolso! Tinha barbado sentado no meio fio chorando como criança. Bandeira enrolada. Não quero nem falar do futebol, viu?

.....
LICO: Num tem nada não, Zoé. Amanhã vai ser outro dia.

ZOÉ: Do jeito que a gente tá com sorte é capaz de ser igual ao de ontem.

.....
SELMA: Como é que tá no emprêgo?

JOÃO: Tá indo. Num vai dar pra compra o terreno, não.

.....
ANTÔNIO: Matilde, qual o teu horário na semana que vem?

MATILDE: Das duas às dez. Vou chegar quase meia-noite em casa e você vai estar dormindo porque tem que levantar às quatro pra estar no serviço às seis.

ANTÔNIO: Até depois de amanhã, então.

.....
SELMA: João, eu estou grávida.

JOÃO: Cacete! E agora?

SELMA: A gente aluga um barraco e casa. Minha mãe vem morar com

a gente pra tomar conta da
criança. Eu continuo trabalhando.
No fim do ano que vem a gente
compra o terreno. Amanhã vai
ser outro dia.

JOÃO: Igual ao de ontem?

*(Som de maquinário se avoluma,
permanece e depois cessa como se as
máquinas estivessem paralisando. Som
de vozes de grande multidão cresce e,
aos poucos, vai caindo para o canto
final.)*

Canto final

Quem só vê o rio manso
Num vê rio, vê um lago
Vendo as águas em descanso
Não passa no pensamento
Qu'abaixo da linha d'água
O parado é movimento.

Quem só vê o rio seco
Não vê rio, vê o leito
Vendo o barro em pedra feito
Não para nem pra pensar
Que no inverno o rio nasce

E luta e busca o mar.

Quem nas barrancas se senta
E vê abaixo o rio frágil
Com a correnteza lenta
Pelas margens dominado
Não pensa nunca na vida
Ver o rio revoltado.

Mas choveu nas cabeceiras
Tromba d'água, tempestade
Rio avança pelas margens
Qual cavalo esporeado
Ruge, brame, treme, esturra
É bicho ferido, acuado.

Arrasta árvore, bicho morto
Fúria cega, cego esforço
De se ver livre das margens
Que trapaçam seu destino
Rompe barranca e barragem
Pra cavar outro caminho.

Tem muito que comparar
Rio homem e homem rio
Sempre em busca do mar
Rio manso ou rio bravio
Não difere o sonho do homem
Da busca e luta do rio.

FIM

COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

França Júnior

Comédia em três atos

PERSONAGENS

Major Limoeiro

Tenente-Coronel Chico Bento, do Pau Grande

Henrique, bacharel em Direito

Domingos, escravo de Limoeiro

Gregório, professor público da freguesia do Barro Vermelho

Custódio Rodrigo, juiz de paz da mesma freguesia

Flávio Marinho, inspetor de quartirão, idem

Pascoal Basilicata, italiano

Rasteira-Certa, capanga de eleições

Arranca-Queixo, idem

Pé-de-Ferro, idem, idem

1º Votante

2º Votante

Dona Perpétua, mulher de Chico Bento

Rosinha, sua filha

(Escravos e escravas da Fazenda do Riacho Fundo, votantes, capangas, povo, etc., etc. A ação passa-se no interior da Província do Rio de Janeiro.)

PRIMEIRO ATO

(O teatro representa o terreiro da Fazenda do Riacho Fundo. À esquerda, vê-se a varanda da casa com janelas e portas, que dão para a cena: à direita, árvores; ao fundo, morros com plantações de café.)

CENA I

Major Limoeiro e Domingos

(Ao subir o pano, estão em cena escravos e escravas da fazenda, com foices e enxadas.)

CORO: Oh! Que dia de pagode
Na fazenda de sinhô!

Sinhozinho chega hoje
Com a carta de doutô!
Nas senzalas satisfeitos,
Aguardente beberemos,
E, à noite, no terreiro
O batuque dançaremos.
DOMINGOS: Com crioulas e mulatas,
No feroz sapateado,
Hei de em casa de meu branco,
Trazer tudo num cortado.
Ninguém bula c'ô Domingos,
Que não é de brincadeira;
Quando solta uma umbigada,
Quando puxa uma fieira.
CORO: Oh! Que dia de pagode etc.,
etc.

(Dançam todos.)

LIMOEIRO *(que durante a cena esfrega as mãos satisfeito, na varanda):*
Esquenta, rapaziada! Vá o
pagode arriba! Não quero
ninguém aqui na pasmaceira!
(Descendo à cena; a Domingos.)
Logo que sinhozinho apontar no
capão do meio ataquem a
fogueteria.

DOMINGOS: Sim, sinhô. Está tudo na
orde.

LIMOEIRO: Onde colocaste a
girândola?

DOMINGOS: Na encruzilhada, sim
sinhô, do lado da tranqueira.
Chii!! Vosmecê não imagina
como está tudo bonito! Tem arco
de bambu; coqueiro da banda
daqui; coqueiro da banda dali.
Caminho está todo capinado e
folha de canela é mato!

LIMOEIRO: És um Tebas.

DOMINGOS: Um escravo de meu sinhô.

LIMOEIRO: E então, essa gente do Pau
Grande vem ou não vem?

DOMINGOS: Falei ontem com o seu
tenente-coroné, sim sinhô, dei o

recado de meu sinhô, e ele disse-
me que havia de vir com sinhá
Dona Perpétua e com sinhá
moça Rosinha.

LIMOEIRO: Já deviam estar cá. O rapaz
não tarda. Retirem-se a seus
postos. Hoje e amanhã não se
pega na enxada. Brinquem,
durmam, dancem, façam o que
quiserem. Mas fiquem sabendo,
desde já, que o que tomar
carraspana leva uma tunda
mestra.

DOMINGOS: Viva sinhô moço Henrique!

OS NEGROS: Viva!

LIMOEIRO: Dobrem a língua; digam:
viva sinhô moço doutô!

OS NEGROS: Viva sinhô doutô! *(Saem
com Domingos.)*

CENA II Limoeiro, só.

LIMOEIRO: Até que enfim! Aí vem o
rapaz formado, com uma
brilhante carreira na frente, e
pronto para dar sota e basto (se
não for tolo) nesta freguesia, onde
a maior capacidade, depois do
tenente-coronel Chico Bento com
seus latinórios, é este seu criado,
que mal sabe ler e escrever, mas
que tem ronha como trinta. O
rapaz, se quiser ser alguma coisa,
há de aprender na minha escola.

CENA III

*(Os mesmos, Domingos, o tenente-
coronel Chico Bento, Dona Perpétua,
Rosinha, uma Criada, com um
crioulinho ao colo; e um Pajem*

*fardado com uma caixa de folha
debaixo do braço.)*

DOMINGOS *(correndo com um foguete
e um tição de fogo na mão):*
Pararam cinco burros na porteira
do curral! É a gente do Pau
Grande!

LIMOEIRO: Veio a família toda. Manda
que entrem para cá.

(Domingos sai.)

CHICO BENTO *(entrando com Dona
Perpétua, Rosinha, a crioula e o
pajem):* Ora viva o nosso Major
Sebastião! *(Apertando-lhe a
mão.)* *Salutis pluribus interesse te
valerius.*

LIMOEIRO: Valério, não senhor,
Sebastião Limoeiro, um seu criado.
Como vai esta Sé Velha?

*(Cumprimenta a Rosinha e a
Perpétua.)*

CHICO BENTO: O rapaz já veio?

PERPÉTUA: Estou ansiosa por vê-lo.
(Para Rosinha.) Endireita este
corpo, sinhá. Nunca vi coisa
assim! Não tem jeito para nada!

ROSINHA: Mamãe já principia? Se eu
soubesse não tinha vindo, está
sempre em cima da gente, fucte,
fucte, só catucando.

PERPÉTUA: Vejam só como está este
chapéu! *(Admirada.)* O que é
que tu tens nesta barriga?

ROSINHA *(com arrebatamento):* Ué! Eu
sei lá! Foi aquela coisa, que meu
padrinho trouxe da cidade.

PERPÉTUA *(admirada):* As anquinhas!
Ora vocês estão vendo? Senhor
major, dê-me licença que entre,
para arranjar esta menina.

LIMOEIRO: Essa é boa! Sem cerimônia
(1), Dona Perpétua! Entre por aí
afora.

(Perpétua, Rosinha, a criada e o

pajem entram para casa.)

CENA IV

Limoeiro e Chico Bento

CHICO BENTO: Finalmente o pequeno
tomou juízo! Agora o que é
preciso é muito tino e prudência
nos negócios da freguesia. *Libertis
decuplis et anima nostri in duvido
essis.* Isto vai mal, meu major... As
eleições estão a bater à porta...

LIMOEIRO: E não temos ainda um
candidato.

CHICO BENTO: Lá quanto a isto, é o
que não falta.

LIMOEIRO: Dizem por aí que o governo
já designou o bicho.

CHICO BENTO: Há de ser quem quiser
este seu criado Matias.

LIMOEIRO: Apoiado, meu tenente-
coronel.

CHICO BENTO: Pensam, porventura, *(2)*
que hei de consentir que os
liberais assaltem a urna a
baionetas, como fizeram, há
quatro anos, na freguesia do
Rabicho?! Há de se agüentar no
balanço!

LIMOEIRO: Perdão, meu tenente-
coronel, foram os conservadores
que, desrespeitando o voto livre e
as garantias constitucionais...

CHICO BENTO: Foram os liberais que,
violando o princípio das
liberdades públicas...

LIMOEIRO: Discutamos no terreno dos
princípios.

CHICO BENTO: É para aí que o desafio.
Veja o que fez o Barnabé Antunes
em sessenta e cinco.

LIMOEIRO: Sim. O que foi que ele fez?

CHICO BENTO: Nada mais, nada

menos que mandar processar o Antônio Caipora, influência legítima, só para arredá-lo da eleição.

LIMOEIRO: Ora! Ora!

CHICO BENTO: Toda a freguesia sabe do fato.

LIMOEIRO: E o que era o Barnabé Antunes? Conservador.

CHICO BENTO: Está enganado. O Barnabé Antunes era liberal.

LIMOEIRO: Enganado está o tenente-coronel. O Barnabé Antunes era liberal em sessenta e dois, virou casaca em sessenta e três, e foi juiz de paz com o Partido Conservador.

CHICO BENTO: Desta maneira não se pode discutir.

LIMOEIRO: E o que me diz do Ambrósio da Silveira? Era porventura alguma coisa?

CHICO BENTO: Foi liberal.

LIMOEIRO: Nunca! (*Ouve-se o ruído de uma girândola.*) Chegou o rapaz!

CENA V

(*Os mesmos, Perpétua, Rosinha. E depois Domingos, Henrique e os negros.*)

PERPÉTUA (*descendo da varanda com Rosinha*): Que foguetada é esta, major? Parece-me que vem a casa abaixo!

LIMOEIRO (*com alegria*): É o meu Henrique, é o meu doutor!

NEGROS (*dentro*): Viva sinhô moço doutô!

LIMOEIRO: Viva!

PERPÉTUA (*a Rosinha*): Endireita este pescoço, menina!

ROSINHA: Oh! Homem! Que maçada! O pescoço é meu, posso fazer dele o que quiser.

CHICO BENTO (*indo ao fundo*): Aí vem ele!

CORO (*dentro*): Dos nossos braços valentes

Unidos em doce amor,
Façamos forte cadeira
P'ra conduzir o doutor.

(*Entram Domingos e os negros, carregando Henrique.*)

CORO: Os seus escravos, meu branco
Que vos amam com ardor
Aqui trazem satisfeitos
Da casa o doce penhor.

HENRIQUE (*Saltando ao chão, e abraçando Limoeiro.*)

LIMOEIRO: Meu filho... Sim, por que tu és meu filho, o filho das minhas entranhas.

CHICO BENTO (*levando o lenço aos olhos*): Estas cenas de família chocam-me extraordinariamente. *Beatus ventris qui te portavis!*

LIMOEIRO (*reparando em Henrique*): Mas que diabo é isto! Estás magro! Para que estudaste tanto, rapaz?

HENRIQUE: Não atribua a minha magreza ao estudo; mas sim às saudades que me devoravam, longe de vosmecê e destes campos, que me são tão caros.

ROSINHA (*vendo o estojo do diploma, que Henrique deve trazer a tiracolo*): Uê, mamãe! Que canudo tamanho é aquele que ele tem?

PERPÉTUA: Que te importas tu com o canudo?

LIMOEIRO: Quero te apresentar aos nossos amigos do Pau Grande. Aposto que já te não lembras do

Coronel Chico Bento?

HENRIQUE: Muito, muito. Passei dias agradabilíssimos em sua fazenda. Como vai a sua senhora? A sua menina já deve estar moça!

CHICO BENTO: Olha, aqui está uma e lá está outra. *Ambos orentis etats arcados dos ombros.*

HENRIQUE *(a Perpétua):* Minha senhora... *(Apertando-lhe a mão – a Chico Bento.)* Ainda está bem sacudida!

CHICO BENTO: E eu que o diga.

PERPÉTUA *(a Rosinha):* Que moço amável!

ROSINHA *(a Perpétua):* Pois eu não acho, enquanto não souber o que ele tem dentro daquele canudo.

HENRIQUE *(para Limoeiro):* E quem é esta interessante mocinha?

LIMOEIRO: Pois não conheces? Ora não conhecerás tu outra coisa!

(Rosinha esconde-se atrás de Perpétua.)

PERPÉTUA: É minha filha. *(Para Rosinha baixo.)* Passa para a frente, menina. Que modos são estes?!

HENRIQUE *(procurando vê-la):* É um rosto encantador.

CHICO BENTO: Dizem todos que é o retrato do pai.

PERPÉTUA *(baixo a Rosinha):* Passa para a frente, meninal!

ROSINHA: Não quero, está.

LIMOEIRO *(a Domingos):* Logo que escurecer, venham colocar as lanternas na varanda, acendam as fogueiras, e batuquem à grande.

DOMINGOS: Sim, sinhô.

CORO: Vamos, vamos, sem demora.

As lanternas preparar;

Pois está chegada a hora

Do batuque começar.

Oh que dia de pagode

Na fazenda de sinhô!

Sinhozinho já chegou

Com a carta de doutô!

LIMOEIRO *(aos negros, que saem com Domingos):* Vão rapazes. *(Para Henrique.)* O que é que trazes nesta folha?

HENRIQUE: A minha carta de bacharel *(Tira dos ombros e dá-lha);* a qual dedico-lhe, em prova dos muitos sacrifícios que tem feito pela minha felicidade.

LIMOEIRO: Obrigado, meu filho. *(Abre a caixa, tira a carta e examina-a.)*

PERPÉTUA: Agora já sabe o que é?

ROSINHA: Nunca vi carta daquele tamanho! Olhe, mamãe, tem uma fita e uma coisa dependurada até embaixo!

LIMOEIRO *(esfregando a carta entre os dedos):* Isto não é papel.

CHICO BENTO: É pergaminho.

PERPÉTUA *(também examinando a carta):* O que é pergaminho?

CHICO BENTO: É um papel feito de couro.

ROSINHA *(para Perpétua):* Mas não é couro de burro, mamãe?

LIMOEIRO: quem há dizer que é com este couro, que se têm formado os homens mais importantes deste país! *(Entrega a carta a Henrique.)* Minhas senhoras, tomem conta da casa; vão lá para dentro e dirijam aquilo como se estivessem em sua fazenda. *(Para Henrique.)* Quanto a ti, deves estar estafado da viagem, apesar de que vieste montado no Diamante. E é o primeiro burro destas dez léguas em redor. Vai mudar da roupa.

HENRIQUE (*a Chico Bento*): Se me dá licença...

CHICO BENTO: Essa é boa!
(*Saem Henrique, Perpétua e Rosinha.*)

CENA VI Limoeiro e Chico Bento

LIMOEIRO: Então o que diz do nosso doutor?

CHICO BENTO: Não é de todo desajeitado.

LIMOEIRO: Desajeitado! É um rapaz de muito talento!

CHICO BENTO: E diga-me cá uma coisa: a respeito de política, quais são as idéias dele?

LIMOEIRO: Tocou o tenente-coronel justamente no ponto que eu queria ferir.

CHICO BENTO: *Omnibus tulit puntos, quis miscuit util et dolcet.*

LIMOEIRO (*gritando*): Olá de dentro? Tragam duas cadeiras. O negócio é importante, devemos discutir com toda a calma.

CHICO BENTO: Estou às suas ordens.
(*Entra um negro e põe as duas cadeiras em cena.*) Tem a palavra o suplicante.

(*Sentam-se.*)

LIMOEIRO: Tenente-coronel, cartas na mesa e jogo franco. É preciso arrumar o rapaz, e não há negócio, neste país, como a política. Pela política cheguei a major e comendador, e o meu amigo a tenente-coronel e a inspetor da instrução pública cá da freguesia.

CHICO BENTO: Pela política, não, porque estava o partido contrário no poder, foi pelos meus

merecimentos.

LIMOEIRO: Seja como for, fato é que, apesar de estar o meu partido de cima, o tenente-coronel é e será sempre a primeira influência do lugar. Mas vamos ao caso. Como sabe, tenho algumas patacas, não tanto quanto se diz...

CHICO BENTO: Oxalá que eu tivesse só a metade do que possui o major.

LIMOEIRO: Ouro é o que ouro vale. Se a sorte não presenteou-o com uma grande fortuna, tem-lhe dado, todavia, honras, considerações e amigos. Eu represento o dinheiro; o tenente-coronel a influência. O meu partido está escangalhado, e é preciso olhar seriamente para o futuro de Henrique, antes que a reforma eleitoral nos venha por aí.

CHICO BENTO: Quer então que...

LIMOEIRO: Que o tome sob a sua proteção quanto antes, apresentando-o seu candidato do peito nas próximas eleições.

CHICO BENTO: *Essis modus in rebus.*

LIMOEIRO: Deixemo-nos de latinórios. O rapaz é meu herdeiro universal, casa com a sua menina, e assim conciliam-se as coisas da melhor maneira possível.

CHICO BENTO (*com alegria concentrada*): Confesso ao major que nunca pensei em tal; uma vez, porém, que este negócio lhe apraz...

LIMOEIRO: É um negócio, diz muito bem; porque, no fim de contas, estes casamentos por amor dão sempre em água de barrela. O tenente-coronel compreende... Eu sou liberal... O meu amigo conservador...

CHICO BENTO: Já atinei! Já atinei!
Quando o Partido Conservador
estiver no poder...

LIMOEIRO: Temos o governo em casa. E
quando o Partido Liberal subir...

CHICO BENTO: Não nos saiu o governo
de casa.

LIMOEIRO (*batendo na coxa de Chico
Bento*): Maganão.

CHICO BENTO (*batendo-lhe no ombro*):
Vivório! E se se formar um terceiro
partido?... Sim, porque devemos
prevenir todas as hipóteses...

LIMOEIRO: Ora, ora... Então rapaz é
algum bobo? Encaixa-se no
terceiro partido, e ainda
continuaremos com o governo
em casa. O tenente-coronel já
não foi progressista, no tempo da
Liga?

CHICO BENTO: Nunca. Sempre protestei
contra aquele estado de coisas;
ajudei o governo, é verdade, mas
no mesmo caso está também o
major, que foi feito comendador
naquela ocasião.

LIMOEIRO: É verdade, não o nego;
mudei de idéias por altas
conveniências sociais. Olhe, meu
amigo, se o virar casaca fosse
crime, as cadeias do Brasil seriam
pequenas para conter os
inúmeros criminosos que por aí
andam.

CHICO BENTO: Vejo que o major é
homem de vistas largas.

LIMOEIRO: E eu vejo que o tenente-
coronel não me fica atrás.

CHICO BENTO: Então casamos os
pequenos...

LIMOEIRO: Casam-se os nossos
interesses...

CHICO BENTO: *Et coetera* e tal...

LIMOEIRO: Pontinhos... (*Vendo*

Henrique.) Aí vem o rapaz, deixe-
me só com ele.

CHICO BENTO: *Fiam voluntatis tue.* Vou
mudar estas botas.
(*Sai.*)

CENA VII Limoeiro e Henrique

HENRIQUE: Como se está bem aqui!
Disse um escritor que a vida da
roça arredonda a barriga e
estreita o cérebro. Que amargo
epigrama conta esta natureza
grandiosa! Eu sinto-me aqui
poeta.

LIMOEIRO: Toma tenência, rapaz. Isto
de poesia não dá para o prato, e
é preciso que te ocupes com
alguma coisa séria.

HENRIQUE: Veja, meu tio, como está
aquele horizonte; o sol deita-se
em brilhantes coxins de ouro e
púrpura, e a viração,
embalsamada pelo perfume das
flores, convida a alma aos mais
poéticos sonhos de amor.

LIMOEIRO: Está bom, está bom.
Esquece estes sonhos de amor,
que no fim de contas, são sempre
sonhos, e vamos tratar da
realidade. Vira-te para cá. Deixa
o sol, que tens muito tempo para
ver, e responde-me ao que te vou
perguntar.

HENRIQUE: Estou às suas ordens.

LIMOEIRO: Que carreira pretendes
seguir?

HENRIQUE: Tenho muitas diante de
mim... A magistratura...

LIMOEIRO: Podes limpar as mãos à
parede.

HENRIQUE: A advocacia, a diplomacia,

a carreira administrativa...

LIMOEIRO: E esqueceste a principal, aquela que pode elevar-te às mais altas posições em um abrir e fechar de olhos.

HENRIQUE: O jornalismo?

LIMOEIRO: A política, rapaz, a política! Olha, para ser juiz municipal, é preciso um ano de prática; para seres juiz de direito tens de fazer um quadriênio; andarás a correr montes e vales por todo este Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão há por aí, e sempre com a sela na barriga! Quando chegares a desembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. Considera agora a política. Para deputado não é preciso ter prática de coisa alguma. Começas logo legislando para o juiz municipal, para o juiz de direito, para o desembargador, para o ministro do Supremo Tribunal de Justiça, para mim, que sou quase teu pai, para o Brasil inteiro, em suma.

HENRIQUE: Mas para isso é preciso...

LIMOEIRO: Não é preciso coisa alguma. Desejo somente que me digas quais são as tuas opiniões políticas.

HENRIQUE: Foi coisa em que nunca pensei.

LIMOEIRO: Pois olha, és mais político do que eu pensava. É preciso, porém, que adotes um partido, seja ele qual for. Escolhe.

HENRIQUE: Neste caso serei do partido de meu tio.

LIMOEIRO: E por que não serás conservador?

HENRIQUE: Não se me dá de sê-lo, se for de seu agrado.

LIMOEIRO: Bravo! Pois fica sabendo que serás ambas as coisas.

HENRIQUE: Mas isto é uma indignidade!

LIMOEIRO: Indignidade é ser uma coisa só!

CENA VIII

Os mesmos e Chico Bento

CHICO BENTO (*entrando alegre*): Já dei parte à menina, e à senhora; está tudo arranjado! E o que diz o nosso doutor?

LIMOEIRO: Ah! Ele está por tudo quanto eu quiser.

CHICO BENTO: Então deixe-me abraçá-lo já como meu filho.

HENRIQUE: Como seu filho?! Que diabo de trapalhada é esta?

CHICO BENTO (*a Limoeiro*): Pois ainda não lhe disseste?

LIMOEIRO: Ainda não; mas é o mesmo. (*Para Henrique.*) Meu Henrique, prepara-te para tomar estado.

HENRIQUE: Mas isto assim, à queimadura?

LIMOEIRO: É desta maneira que eu gosto de arranjar as coisas, zás-trás, nó cego.

CENA IX

Chico Bento, Limoeiro, Henrique, Rosinha e Perpétua

LIMOEIRO (*trazendo Rosinha pela mão*): Aqui está a tua noiva.

ROSINHA (*puxando a mão com força*): Eu não gosto destas brincadeiras comigo.

PERPÉTUA: Menina, tenha modos.

ROSINHA (*a Perpétua*): Eu já disse que não quero; e quando eu digo que não quero, é porque não quero mesmo. É à toa, escuta de estar nhen-nhen-nhen em cima da gente.

HENRIQUE (*à parte*): Mas que papel represento eu?

LIMOEIRO (*baixo a Perpétua*): O verdadeiro é deixá-los sós. Tenente-coronel, enquanto não chegam os convidados para a festa, vamos dar um passeio pelo laranjal. Ande, venha, dona Perpétua.

ROSINHA (*baixo, a Perpétua*): Eu não fico aqui sozinha com este homem.

PERPÉTUA: Espera, menina, eu já venho.

ROSINHA (*baixo*): Não quero.

PERPÉTUA (*baixo*): Vejam só que tola! Conversa com o moço, que tu hás de gostar dele...

ROSINHA: Que me importa lá com moço! Eu não como em casa dele.

PERPÉTUA (*baixo*): Pois bem; fique aí e não me conte mais histórias.

ROSINHA: Eu fico, mas não falo com ele. Ele pode dizer o que quiser, que entra por aqui e sai por ali.

LIMOEIRO: Vamos, Dona Perpétua, antes que chegue a hora de jantar.

CENA X Henrique e Rosinha

HENRIQUE (*a parte*): Que diabo hei de eu dizer a esta pamonha?

ROSINHA (*a parte*): Se tu esperas que te puxe pela língua, estás mal

enganado.

HENRIQUE (*a parte*): Vou perguntar-lhe que horas são.

ROSINHA (*a parte*): Estou quase perguntando-lhe que coisa é aquela que ele tem dependurada na carta.

HENRIQUE (*a parte*): Mas agora reparo que ela é bem interessante. Lindos olhos, cílios brandamente arqueados....

ROSINHA (*a parte*): Ué! Como ele olha para a gente!

HENRIQUE (*a parte*): Cintura fina e delgada, cabelos castanhos... Decididamente não é nenhuma asneira.

ROSINHA (*a parte*): Agora lá para que digamos, ele não é muito feio. Moreninho, cabelos encaracolados...

HENRIQUE (*a parte*): Eu vou dirigir-lhe a palavra.

ROSINHA (*a parte*): Se ele falar, eu respondo.

HENRIQUE (*a Rosinha*): Ô sinhá!
(*Rosinha finge que não ouve.*)
Sciu! Ó sinhá?

(*Henrique segura-lhe na cintura.*)

ROSINHA (*esquivando-se*): Não me catuque, que eu vou contar a mamãe.

HENRIQUE: Não fuja, não quero fazer-lhe mal. Olhe, sinhá, olhe para mim.

ROSINHA (*com mau modo*): Eu não me chamo sinhá.

HENRIQUE: Não se zangue.

ROSINHA: O senhor sabe muito bem meu nome.

HENRIQUE: Dona Rosinha?

ROSINHA: O que quer?

HENRIQUE (*aproximando-se*): Quero dizer-lhe que...

ROSINHA (*afastando-se*): Chegue-se para lá; fale de longe que eu não sou surda.

HENRIQUE (*a parte*): E não é que o diabinho da menina é bem interessante. (*Alto.*) Quero dizer-lhe que a senhora é a rosa mais encantadora destes prados, e que faz morrer de inveja e de ciúmes todas as flores que a cercam.

ROSINHA: O senhor está caçoando com a gente.

HENRIQUE: Estou-lhe abrindo o meu coração. Há algumas horas apenas que a conheço e confesso que sinto-me cativo de tanta singeleza.

ROSINHA: Ó gente! Então hoje é a primeira vez que o senhor me vê?

HENRIQUE: Creio que sim.

ROSINHA: Então o senhor come muito queijo! Pois não se lembra que já estive no Pau Grande caçando pombas? Eu até tenho ainda uma boneca que o senhor me deu.

HENRIQUE: E desde essa época, tem me conservado sempre em sua lembrança?

ROSINHA (*vexada*): Não sei...

HENRIQUE: Então por que censura-me por não havê-la reconhecido? É porque seus lábios não ousam dizer o que o coração sente.

ROSINHA: Nem tudo o que se sente, a gente diz.

HENRIQUE: Dona Rosinha, parece-me que meu tio não é tão tirano como eu pensava, por haver ajustado este casamento, sem consultar a nossa vontade. A sua candura inspira-me, e creio que serei muito feliz, aliando o meu

futuro ao seu. Quer casar comigo?

ROSINHA: Não sei...

HENRIQUE (*segurando-lhe na mão*): Responda.

ROSINHA: Aí vem papai. (*Sem poder tirar a mão da de Henrique.*)

CENA XI

Os mesmos, Chico Bento, Perpétua e Limoeiro

CHICO BENTO (*vendo Henrique segurando na mão de Rosinha*): Venham, venham depressa, que o negócio está concluído! *Jam proximus ardet.*

ROSINHA (*assustada*): Eu não lhe disse?!

LIMOEIRO: Não vai mal, senhor doutor!

HENRIQUE: Sou da escola de meu tio! Zás-traz, nó cego.

PERPÉTUA (*baixo a Rosinha*): Eu não te disse que o moço era bom?

CHICO BENTO: Agora só falta o – *finis coronnat opus* – ou o – *lte consummatum est.*

(*Ouve-se música dentro.*)

CENA XII

Rosinha, Henrique, Perpétua, Limoeiro, Chico Bento, Gregório, Custódio e Flávio Marinho

(*Gregório, Custódio e Flávio Marinho entram seguidos de uma banda de música precedida de um estandarte em que se lê: "Philarmônica Recreio do Pau Grande".*)

ROSINHA: Chii! Mamãe, temos música!

GREGÓRIO: Viva o doutor, que acaba

de chegar.

CUSTÓDIO e FLÁVIO MARINHO: Viva!

GREGÓRIO: Saúde, paz e tranqüilidade, eis o que desejo ao transpor os umbrais da residência do muito alto e nobre Senhor Major Limoeiro.

LIMOEIRO: Ora viva o Senhor Gregório. *(Para Henrique.)* Aqui te apresento o Senhor Gregório Simplício Anacoreta dos Goitacazes, distinto professor público da freguesia de Santo Antônio do Barro Vermelho.

HENRIQUE: Tenho muita honra em conhecer o digno preceptor da nossa mocidade.

LIMOEIRO *(baixo a Henrique):* Olha que é afilhado do vigário, e o primeiro eleitor cá da freguesia.

HENRIQUE: A fama de sua inteligência e de sua ilustração é apregoada por todos.

LIMOEIRO *(a parte):* Bravo! O rapaz tem dedo para o negócio. *(Alto.)* Este é o Senhor Custódio Rodrigo Netuno, do Mar de Hespanha, primeiro juiz de paz mais votado e digno do nosso eleitorado.

HENRIQUE: Já conhecia de tradição pelos serviços prestados à causa pública...

LIMOEIRO *(baixo a Henrique):* À guerra do Paraguai...

HENRIQUE: À guerra do Paraguai...

LIMOEIRO *(baixo à Henrique):* E à epidemia das bexigas.

HENRIQUE: E à epidemia das bexigas.

CUSTÓDIO: Favores dos meus concidadãos.

LIMOEIRO: Aquele é o Senhor Flávio Marinho, do Rio das Mortes, inspetor de quartirão, boticário, procurador da Capela das

Mercês e arrematante das rendas municipais.

HENRIQUE: Saúdo o distinto financeiro.

LIMOEIRO *(baixo a Henrique):* E muito digno representante do partido da ordem.

HENRIQUE: E muito digno representante do partido da ordem.

FLÁVIO: Vossa Excelência confunde-me.

GREGÓRIO *(consertando a garganta):* Senhor Major Limoeiro. Os nossos amigos que se acham presentes, querendo tributar elevada homenagem ao soberano anfitrião, que acaba de chegar das montanhas da Paulicéia, coroado com os louros virentes da sabedoria, incumbiram-me, a mim, humilde professor público desta freguesia, de saudar tão grande dia, saudando ao mesmo tempo o ditoso tio, que vê tão ditoso sobrinho em tão ditosa carreira. Ditosa condição, ditosa gente, como diz o poeta! Viva o Senhor Doutor Henrique. *(Toca a música.)* Agora hão de permitir que recite uma colcheia de minha lavra.

(Tira um papel do bolso e lê.)

MOTE: Alegrou-se a mocidade
Com a chegada do doutor

GLOSA: Ser escravo jamais há-de
Império brasileiro!

Com o filho do Limoeiro
Alegrou-se a mocidade;
Seu nome à posteridade
Há de chegar sem temor

Cheio de glória e louvor,
Pois nada o riacho Fundo
Cheio de gozo profundo
Com a chegada do doutor.

TODOS *(menos Henrique):* Viva!

GREGÓRIO: Viva o muito honesto e popular Major Limoeiro.

TODOS (*menos Limoeiro e Henrique*): Viva!

GREGÓRIO: Viva o Senhor Tenente-Coronel Chico Bento do Pau Grande.

TODOS (*menos Chico Bento*): Viva.

LIMOEIRO: Meus senhores, o jantar nos espera. À mesa.

Vamos, vamos, meus senhores

Para a sala de jantar,

Entre flores e iguarias

Este dia festejar.

CORO: Entre flores e iguarias

Beberemos com ardor

À ventura do major

E à saúde do doutor.

(Entram todos para casa ao som da música.)

(Cai o pano.)

SEGUNDO ATO

(O teatro representa a Praça da Freguesia de Santo Antônio do Barro Vermelho: ao fundo a matriz; à direita e à esquerda, casas com portas para a cena. Ao subir o pano, acham-se diversas pessoas na praça: grupos à porta da igreja e ao lado das casas.)

CENA I

CORO DE CAPANGAS: Que o voto é livre

Ninguém duvida!

Por nossos amos

Demos a vida.

Pra todo aquele

Que for canalha,
Cacete em punho,
Boa navalha.

Sejamos fortes
Em cabalar,
que bom dinheiro
Vamos ganhar.

Pra todo aquele
Que for canalha,
Cacete em punho,
Boa navalha.
(Dispersam-se, entrando uns nas casas, outros na igreja.)

CENA II

Henrique, Limoeiro e depois Domingos

LIMOEIRO: Parece-me que o negócio vai correndo às mil maravilhas.

HENRIQUE: Fie-se nessa. Não viu o sarilho que andou lá por dentro ainda há pouco?

LIMOEIRO: E o sujeito votou ou não votou?

HENRIQUE: Votou; mas eu não queria estar-lhe na pele.

LIMOEIRO: Onde está o Domingos?

HENRIQUE: Na igreja.

LIMOEIRO: Vai também para lá, chama-me o Domingos, e dá estas listas (*Dando-lhas.*) ao Flávio Marinho, para entregar ao João Corrêa. Não abandones a urna. Olha, coloca-te ao lado do Rasteira-Certa e do Arranca-Queixo, logo que houver rolo. (*Henrique sai.*) É preciso muito tino e sangue-frio.

DOMINGOS (*saindo da igreja*): Pronto, meu sinhô.

LIMOEIRO (*tirando a lista dos votantes e*

lendo): Antônio José da Purificação, Anastácio Antônio da Silva, Felipe dos Reis, José... José Antônio... Cá está. Manoel Maneco Manduba de Mandiroba. *(Para Domingos.)* Tome sentido neste nome. Quando gritarem por ele, vosmecê apresente-se e entregue esta lista. *(Dá-lhe a lista.)* Entendeu?

DOMINGOS: Sim, senhô.

LIMOEIRO: Repita. Como é seu nome, agora?

DOMINGOS: É Domingos, sim, senhô.

LIMOEIRO: Ô cabeça de burro, pois eu não acabo de dizer que você é Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

DOMINGOS: Ah! Agora já sei, sim senhô. Eu me chamo seu Mané Maneco.

LIMOEIRO: Muito bem. Veja lá, quando entregar a lista, se vai dizer, como o negro do Ribeiro: aqui está biete que siô moço seu Zé Ribeiro mandou para sinhô.

DOMINGOS: Eh! Eh! Domingos não é negro novo. Eu já não tem votado tantas vezes?

CENA III

(Os mesmos, Chico Bento, Henrique, Gregório, Custódio, Flávio Marinho, 1º votante, acompanhados de povo, saindo da igreja aos empurrões.)

POVO: É fósforo! É fósforo!

CHICO BENTO: É o próprio e idêntico!

HENRIQUE: É muito conhecido na freguesia!

POVO: É fósforo! É fósforo!

GREGÓRIO: À ordem, senhores!

CENA IV

Os mesmos, Pé-de-Ferro, Rasteira Certa e Arranca-Queixo

PÉ-DE-FERRO *(a Henrique)*: Pode falar grosso, senhor doutor, que o Pé-de-Ferro cá está com o Arranca-Queixo.

ARRANCA-QUEIXO: O cidadão prestante há de votar.

POVO: É fósforo! É fósforo! Não vota!

RASTEIRA-CERTA: Não é fósforo! É o próprio e idêntico; veve e reséde neste município.

LIMOEIRO *(baixo a Domingos)*: Toma estas listas. *(Dá-lhas.)* Aproveita o barulho, e ataca tudo na urna.

HENRIQUE: Respeitem as garantias constitucionais!

LIMOEIRO: Ordem, senhores! Eu conheço o homem, deixem-no votar. Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública!

PÉ-DE-FERRO: Apoiado!

1º VOTANTE: Vamos para dentro.

(Retiram-se todos, menos Limoeiro e Chico Bento.)

CENA V

Limoeiro e Chico Bento

CHICO BENTO: Major, o negócio está muito feio!

LIMOEIRO: Deixe correr o marfim. Trabalhe cada um para seu lado que afinal dá tudo certo.

CHICO BENTO: É verdade. Uma vez que o rapaz saia...

LIMOEIRO: Estamos nós dentro.

CENA VI

Os mesmos, Flávio e 2º votante

FLÁVIO (*gritando da igreja*): Jerônimo Tabu da Silva.

2º VOTANTE (*saindo da esquerda*): Pronto!

CHICO BENTO: Tome lá.
(*Entrega-lhe uma lista.*)

2º VOTANTE: Olhe, compadre, só para lhe servir. É triste ser pobre. Muito custa a ganhar a vida com honra! Com esta fazem quatro vezes que voto hoje.

(*Entra para a igreja.*)

CHICO BENTO (*vendo a lista*): Este já se pode riscar.

LIMOEIRO: E pode riscar também o Tenente Felício.

CHICO BENTO: Um dos esteios do partido da ordem!

LIMOEIRO: É verdade; não vota hoje, não, mas é o mesmo; mandei processá-lo, como vagabundo, por andar parado na rua de noite fora de horas.

CHICO BENTO: Pois fê-la bonita! Perdemos com ele toda a votação da gente da Samambaia e da Grota Funda.

LIMOEIRO: Grande prejuízo! Perdemos esses votos, mas ganhamos todos do Partido Liberal, sem contar com o recheio que mandei o Domingos meter na urna.

CHICO BENTO: Major, você é de todos os diabos.

CENA VII

Chico Bento, Limoeiro e Domingos

DOMINGOS (*saindo da igreja*): Está tudo dentro, sim senhô.

LIMOEIRO: Fica aí que não tarda a chegar a tua vez de votar.

CHICO BENTO: Pois o major manda o

escravo votar?

LIMOEIRO: Essa é boa! E por que não? E se o rapaz for eleito, ele já sabe, dou-lhe a carta de liberdade.

CHICO BENTO: Deus queira! Deus queira!

CENA VIII

Limoeiro, Chico Bento, Domingos e Flávio

FLÁVIO (*à porta da igreja*): Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

DOMINGOS: Pronto!

LIMOEIRO (*baixo a Domingos*): Anda, não te esqueças do nome.
(*Domingos entra na igreja.*)

CHICO BENTO: Vejamos a trovoadal!

CENA IX

Os mesmos, Henrique, Gregório, Custódio, Flávio, 1º votante, Pé-de-Ferro, Rasteira-Certa e Arranca-Queixo

(*Acompanhados pelo povo, no meio de grande desordem.*)

POVO: Fora o negro! É fósforo!
(*Assobiam.*)

1º VOTANTE: Eu bem o conheço. É o escravo do major.

POVO: Salta, tição!

LIMOEIRO: Perca-se tudo, senhores, mas salve-se a moralidade pública! Deixem o cidadão livre e independente votar!

1º VOTANTE: É um desaforo! Homessa!!

POVO: É fósforo! É fósforo!

CUSTÓDIO: Atenção, senhores!

1º VOTANTE: Não queremos palanfrórios!

HENRIQUE: Deixem falar o orador.

CUSTÓDIO: Em nome da paz da

freguesia, em nome de meus concidadãos, em nome da nossa honra, em nome da tranqüilidade pública, devemos respeitar o direito do cidadão.

HENRIQUE: Apoiado.

1º VOTANTE: Não apoiado.

ARRANCA-QUEIXO: O homem há de votar; não turrem. E quem decéde aqui está!

(Mostra o cacete.)

CUSTÓDIO: Eu asseguro que o suplicante é o mesmo Manoel Maneco Manduba de Mandiroba.

POVO: Não é! Não é!

ARRANCA-QUEIXO: Haja rolo!

PÉ-DE-FERRO: Haja!

(Trava-se um conflito de pedradas e cacetadas; intervém a guarda e retiram-se todos em debanda, entrando alguns na igreja e outros nas casas laterais. Chico Bento entra em uma das casas. Henrique, Domingos e Limoeiro entram na igreja.)

CENA X

Perpétua e Rosinha

(Que entram em cena, na ocasião em que se dispersa o povo.)

PERPÉTUA: Onde estará o meu homem, meu Senhor Bom Jesus?

ROSINHA: Eu não disse a mamãe que não viesse se meter neste angu?

PERPÉTUA: Deram-me um murro na cacunda, que quase deitei a alma pela boca fora!

ROSINHA: E eu, por um triz que não levei uma pedrada na barriga. Passou ventando, viim! Que nem uma bala.

PERPÉTUA: Onde está aquele homem,

meu Deus? Fico com o coração do tamanho de um pulga, todas as vezes que ele se mete em eleições!

ROSINHA: Estou aqui que nem posso.

PERPÉTUA: Parece-me que o vejo a cada momento entrar pela casa adentro com as ventas esmurradas, ou com alguma faca nas tripas.

ROSINHA: E eu que sonhei, esta noite, que tinham descadeirado seu Henrique, na igreja, com uma carga de chumbo grosso que lhe arrumaram?

CENA XI

As mesmas, Henrique e depois Limoeiro e Chico Bento

HENRIQUE *(saindo da igreja):* Oh! Minhas senhoras, ó que vieram cá fazer?

CHICO BENTO *(espiando da porta):* Está tudo acabado?

PERPÉTUA: Chico, não estás ferido?

CHICO BENTO: Retire-se, senhora, que isto daqui a pouco está um dilúvio de sangue.

LIMOEIRO *(saindo da igreja):* Eu não disse que o Domingos havia de votar? Lá está a cédula na urna, batidinha da silva! *(Para Rosinha e Perpétua.)* Também vieram cabalar?! Bravo! Gosto disto!

CHICO BENTO: Major, eu juro-lhe pelas cinzas de minha mulher... Não, quero dizer...

PERPÉTUA: Que é isso lá?

CHICO BENTO: *Erraris humanus és.* Quero dizer, Perpétua, que juro, por tudo quanto há de mais caro

neste mundo, que não me apanham noutra.

PERPÉTUA: Oxalá que fiques curado.

LIMOEIRO: Se lhe parece, abandone-me e deixe-me aqui às moscas. Como já lhe dei a minha palavra e já está servido...

CHICO BENTO: Abandoná-lo?... Lá isso não, porém...

LIMOEIRO: Porém o quê? Tenente-Coronel, o lugar do soldado é no fogo!

PERPÉTUA: No fogo?! Temos conversado. Chico, lembra-te que tens mulher e filha!

LIMOEIRO: Dona Perpétua, não me esfrie o homem! Tenente-Coronel, estamos perdidos e precisamos fabricar votantes, seja como for. *(Pensando.)* Espere, o Domingos votou uma vez só...

CHICO BENTO: Major, você ainda perde aquele negro, e olhe que ele é peçazinha que vale bem seus dois contos de réis.

LIMOEIRO *(que continua a pensar):* Ah! Achei! *(Para Henrique.)* Ó rapaz, pois tu por aqui ainda, quando devias estar lá dentro a tomar conta da urna?!

HENRIQUE: Estou ao lado da urna dos meus afetos.

LIMOEIRO: Deixa esta, que está segura, e vai tomar conta da outra, que está em perigo. Anda, vai. *(Para Rosinha e Perpétua.)* Minhas senhoras, entrem para esta casa e não tenham receio.

PERPÉTUA *(entrando com Rosinha):* Chico, toma cuidado, não facilites.

LIMOEIRO *(a Henrique que se dirige para a igreja):* Manda-me cá o Domingos.

(Henrique entra na igreja.)

CENA XII

Chico Bento, Limoeiro e Domingos

CHICO BENTO: Major, quer aceitar um conselho? *Res tua agitur.*

LIMOEIRO: O que é, tenente-coronel?

CHICO BENTO: A capangada está bravia; mande o Domingos para a fazenda e vamos nos arranjar com os votantes que temos. Olhe que naquela refrega o João Corrêa ficou sem uma orelha, o Flávio perdeu dois dentes da frente, eu levei um cascudo e o major viu-se em papos de aranha.

LIMOEIRO: Mas ainda não desanimei.
DOMINGOS *(saindo da igreja):* Estou aqui, sim sinhô.

LIMOEIRO: Estás machucado?

DOMINGOS: Não, sinhô. Levou só porretada na cabeça; pau quebrou mas cabeça não.

CHICO BENTO: *Irribus!*

LIMOEIRO: Prepare-se, que tem de votar mais uma vez.

DOMINGOS: Domingos está pronto para votar quantas vezes sinhô quiser.

CHICO BENTO: Isto não é negro; é um precipício!

LIMOEIRO: Entre ali naquela casa, *(Indica a casa da esquerda.)* Peça uma casaca a seu Zé Franco, calce umas botas, diga a seu Teles que lhe corte esta carapinha, e que lhe empreste umas barbas.

DOMINGOS: Sim, sinhô.

LIMOEIRO: Amarre um lenço ao pescoço e depois venha falar

comigo.
(*Domingos sai.*)

CENA XIII
Chico Bento, Limoeiro e depois
Pascoal Basilicata

CHICO BENTO: Major... Major!

LIMOEIRO: O seu compadre não pode votar ainda uma vez?

CHICO BENTO: Olhe que ele já votou quatro vezes!

LIMOEIRO: E o que tem isto? Quando a lei decretou que houvesse três chamadas, foi para que o cidadão votasse pelo menos três vezes. Vejamos a lista dos votantes.

(*Limoeiro e Chico Bento consultam, lendo a lista.*)

PASCOAL (*entrando com uma tábua ao ombro, na qual se vêem bonecos, cachorros, vasos, papagaios e santos de gesso*): *Io sono mascati.*

*Comprate signori
Uceli, macachi
E miei vasi de fiori*

*com quello que ganho
No ganho niente,
Perche non guadagno,
Ne cento per cento.
I sono mascati etc., etc.*

Nom volete comprare qualche cosa? Abbiamo cavalli, cani, gati, ogni santi del Paradizo, vasi di fiori. Vê-lo dono per pouco danaro.

LIMOEIRO (*para Chico*): Oh! Que idéia luminosa! Que famoso achado! Tenente-coronel, este italiano é um diamante que nos caiu do

céu.

CHICO BENTO: Major, eu tremo de adivinhar o que lhe passa pela cabeça.

LIMOEIRO (*a Pascoal*): *Ó monsiú!*

PASCOAL: *Cosa vuole?*

LIMOEIRO: Como se chama você?

PASCOAL: Pascoale Basilicata, *humilíssimo servitore di lei.*

LIMOEIRO: Pois, senhor monsiú Basilicata, você está disposto a mudar de nome por uns cinco minutos?

PASCOAL: *Cambiare mio nome?*

LIMOEIRO (*a Chico Bento*): *Cambiare, não sei o que é. (A Pascoal.)* Não se trata de câmbio, de trocar dinheiro...

CHICO BENTO: Trata-se de trocar de nome, monsiú.

PASCOAL: *Ma, perchê trocare il mio nome?*

LIMOEIRO: *Usted não quer guadanhar la plata?*

PASCOAL: *Si, si já. Ma chi me dona danaro?*

CHICO BENTO: Aqui este monsiú.

PASCOAL: *Está bene; cosa devo fare?*

LIMOEIRO: *Usted larga el taboleiro aqui com tutas las bugigangas, está entendendo? Toma isto (Mostra a lista.)* e, quando o chamarem ali, da porta da igreja, entra e mete este papel *nel buraco del caixone*, que está em cima *della mesa*. Ponha sentido no seu nome.

PASCOAL: *Si sinhore.*

LIMOEIRO: O seu nome é Albino Catalão Carapuça dos Enjeitados. Repita.

PASCOAL: *Alano, Catabine, Caranjolle do Singipuça.*

LIMOEIRO: Não, não é isto. Albino

Catalão Carapuça dos
Enjeitados.

PASCOAL: *Babibo...*

CHICO BENTO: Não é *Babibo*; é Albino.

PASCOAL: Albino.

LIMOEIRO: Catalão.

PASCOAL: Tacalão.

LIMOEIRO (*a Chico Bento*): O diabo do carcamano tem cabeça de barro, como a dos cachorros que vende.

CHICO BENTO: O essencial é que ele acuda à chamada.

PASCOAL: *Sicuro, sinhore; ma quanto guadanho?*

LIMOEIRO: *Guadanha vinte mil réis.*

PASCOAL: *O sinhore poteva dare um pouco piu.*

LIMOEIRO: Não tem que piar; com vinte mil réis está muito bem pago.

PASCOAL: *Vá bene, sinhore.*

CENA XIV

Os mesmos e Domingos

DOMINGOS (*de casaca, completamente transformado*): Domingos está pronto, sim sinhô.

LIMOEIRO: E então, tenente-coronel, veja só como está o negrinho!

CHICO BENTO (*vendo Domingos com os braços semi-abertos*): Parece que ele quer voar.

DOMINGOS: É casaca, que está muito pretada debaixo do braço, sim sinhô.

LIMOEIRO (*a Domingos*): Você há de votar mais tarde; por ora o que tem que fazer é acompanhar este *monsiú* até a igreja. Não me saia de lá enquanto ele não tiver votado.

DOMINGOS: Sim sinhô. (*Para Pascoal.*)

Vamos, *monsiú*.

(*Entram os dois na igreja.*)

CENA XV

Limoeiro e Chico Bento

CHICO BENTO: Está me parecendo que o tal carcamano não dá conta da empreitada.

LIMOEIRO: Olé se dá! Aquilo é pássaro bisnau!

CHICO BENTO: Será bom mandar dizer à capangada que esteja alerta.

LIMOEIRO: Não se incomode; ela está bem industriada. Mas tem-se trabalhado bonito, hein, tenente-coronel?!

CHICO BENTO: Nem por isso. Nas eleições passadas fizemos mais e não houve tanto barulho. Só o defunto Matias sacristão votou seis vezes.

LIMOEIRO: Isto lá pelo seu lado; porque pelo de cá foram cinco, batidinhas, dadas por mim. Se ele ainda fosse vivo... Coitado, Deus ponha a sua alma em bom lugar!

CHICO BENTO: Pobre Matias! *Pallidus mortis equis expulsat pedibus tabernas...*

LIMOEIRO: Foi mesmo a taverna, que o levou. Mas deixemos coisas tristes e pensemos nos que estão vivos.

CENA XVI

Os mesmos e Henrique

HENRIQUE (*saindo apressado da igreja*): Meu tio? Meu tio?

CHICO BENTO: O que é? Alguma novidade?!

HENRIQUE: Estamos perdidos!
LIMOEIRO: Perdidos?!
HENRIQUE: Irremediavelmente perdidos!
LIMOEIRO: Mas o que há? Explica-te, rapaz!
HENRIQUE: Nada mais, nada menos, que uma conspiração dos descontentes, para roubar a urna e levar tudo a ferro e fogo.
LIMOEIRO: Quem te disse isto?
HENRIQUE: O João Corrêa.
LIMOEIRO: E como foi que ele soube?
HENRIQUE: Apanhando na sacristia este bilhete, que caiu do bolso de um votante.
CHICO BENTO: Deixe-me ver. (*Lendo.*) Estamos traídos! O chefe do nosso partido está ligado com um membro do partido contrário. Às duas horas em ponto estejam todos no coro, prontos para o que der e vier. É preciso a todo o custo quebrar a urna e mandar ao diabo esta eleição. Os escravos da fazenda de Dona Miquelina estão a postos.
LIMOEIRO: Mas a quem foi dirigido este bilhete?
HENRIQUE: Não se sabe.
CHICO BENTO: Que horas são, major?
HENRIQUE: Uma hora e três quartos.
CHICO BENTO: É tempo de salvar a mulher e a menina que ali estão. (*Vai a sair.*)
LIMOEIRO: Não senhor, espere. Agora é que mais precisamos da sua presença.

CENA XVII

Limoeiro, Chico Bento, Henrique, Povo, 1º votante, Arranca-Queixo, 3º votante, Gregório, Custódio, Pé-de-Ferro,

Rasteira-Certa, Pascoal, Rosinha e Perpétua

POVO (*saindo da igreja*): É um desaforo! É um desaforo!
CUSTÓDIO : Deixem o cidadão votar!
CHICO BENTO: Estamos perdidos!
POVO: Fora! Fora! Fora!
1º VOTANTE: É estrangeiro!
ARRANCA-QUEIXO: É cidadão brasileiro tão bão como tão bão.
PASCOAL: *Si sinhori, sono brasilêro.*
POVO: Morra o engraxate! Morra!
LIMOEIRO (*gritando*): Ordem, senhores! Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública! Deixem o cidadão votar!
1º VOTANTE: Não pode votar! É estrangeiro!
LIMOEIRO: É nosso compatriota. Foi um dos bravos da Campanha do Rosas, e lá perdeu a língua.
POVO: Haja! Haja!
(*Trava-se uma luta de cacetadas; alguns seguram nos bonecos e cachorros de gesso e atiram às caras uns dos outros.*)
CHICO BENTO (*batendo com força na casa onde estão Rosinha e Perpétua*): Abra esta porta, senhora!
PERPÉTUA e ROSINHA (*de dentro*): Misericórdia!
CHICO BENTO: Abram, pelo amor de Deus!
PERPÉTUA e ROSINHA (*de dentro*): Aqui d'el-rei!
LIMOEIRO: Ordem! Ordem! Paz! (*O barulho serena.*)
PASCOAL (*com a cara ensangüentada*): Vado a queixar-me a il mio consule.
1º VOTANTE: Vamos para dentro, que este já não vota.

(Entram todos na igreja, menos Pascoal.)

CENA XVIII

**Chico Bento, Henrique, Limoeiro,
Domingos e Pascoal**

PASCOAL: *E miei figurini sono tutti
quebrati. Bisonha pagare tutto.*

LIMOEIRO: Sim, *monsiú*, deixa estar;
tudo se arranja em paz.

DOMINGOS *(saindo da igreja
apressado):* Meu sinhô? Meu
sinhô? O negócio não está bom,
não. Povo no coro da igreja está
assim. *(Batendo na mão, fechada
em forma de óculo.)* Tudo com
pedras e porrete.

LIMOEIRO *(para Henrique):* Vai para a
igreja.

(Henrique entra na igreja.)

CHICO BENTO: Não se afoite, doutor.

LIMOEIRO *(a Domingos):* Leva este
homem para a botica, e manda-
o depois para a fazenda.

DOMINGOS: *Ande, monsiú*, venha lavar
o nariz.

(Domingos sai com Pascoal.)

CHICO BENTO *(batendo na porta da
casa):* Saia, senhora, aproveite a
estiada.

CENA XIX

**Chico Bento, Limoeiro, Rosinha e
Perpétua**

(Saindo de casa.)

PERPÉTUA: Já não sinto as pernas.

ROSIHA *(saindo):* Tenho ferreteadas
por todo o corpo. Parece que me
sentaram em cima de um
formigueiro.

LIMOEIRO: Formigas temos que ver
agora.

CENA XX

**Os mesmos, Povo, Henrique, Gregório,
Custódio, Flávio Marinho, 1º, 2º, e 3º
votantes, Pé-de-Ferro, Rasteira-Certa,
Arranca-Queixo e seis Soldados**

POVO *(dentro):* Quebra! Quebra!
(Ouvem-se tiros dentro da igreja.)

PERPÉTUA: Misericórdia!

ROSIHA: Me segurem, que senão (3)
eu caio com um ataque!

*(Sai a urna, carregada pelo povo.
Entram todos em grande desordem.)*

1º VOTANTE: Vamos fazer a eleição em
casa do 2º juiz de paz.

3º VOTANTE: Apoiado!

POVO: Vamos! Vamos!

HENRIQUE: Protesto, meus senhores.

Deixem-me falar, em nome da lei
e das garantias do cidadão,
conta este ato iníquo, praticado
contra a liberdade do voto.

1º VOTANTE: Fora o doutorzinho!

LIMOEIRO: Perca-se tudo, senhores, mas
salve-se a moralidade pública!

3º VOTANTE: A eleição está viciada!

1º VOTANTE: Levemos a urna para a
casa do 2º juiz de paz.

**ARRANCA-QUEIXO, PÉ-DE-FERRO e
RASTEIRA-CERTA:** Não vai! Não
vai!

PERPÉTUA: Ai! Ai! Ai!

(Cai nos braços de Chico Bento.)

CHICO BENTO: Ainda mais esta.

ROSIHA: Ui! Ui! Ui!

(Cai nos braços de Henrique.)

LIMOEIRO: Não derramemos o sangue
de irmãos. Faremos outra eleição
aqui, e o governo decidirá quem
tem razão.

1º VOTANTE: Havemos de ver.

CORO: Conduzamos esta urna
Bem longe da confusão,
Vamos ver outro juiz,
Que presida esta eleição.

LIMOEIRO: Ameaças não me assustam,
Que eu não conto com bravatas;
Façam lá o que quiserem,
Que eu sou forte em duplicatas.

CORO: Conduzamos esta urna
Bem longe da confusão,
Vamos ver outro juiz
Que presida esta eleição.
(*Cai o pano.*)

TERCEIRO ATO

(*A mesma cena do primeiro ato. À esquerda uma mesinha com duas cadeiras e duas xícaras de café.*)

CENA I

Rosinha e Perpétua

ROSINHA (*zangada*): Eu já não posso aturar este inferno!

PERPÉTUA: Estás doida, menina?

ROSINHA: Ora mamãe fala porque não ando com o pescoço direito; ora porque estou com a cabeça torta. No outro dia implicou com o meu vestido porque estava muito escorrido; agora porque está muito estufado... Hoje diz que falo assim... Amanhã diz que falo assado... Eu não entendo.

PERPÉTUA: Mas não vês, toleirona, que tudo o que te digo é para teu bem.; que o Senhor Henrique...

ROSINHA: Aí vem a maçada do Senhor Henrique. Já tardava! Desde que amanhece até que anoitece não

se fala em outra coisa. É só seu Henrique! Almoça-se com seu Henrique, janta-se com seu Henrique, ceia-se com seu Henrique... Não sei o que há de fazer mais com seu Henrique!

PERPÉTUA: Uma menina, que está para tomar estado, minha filha, deve agradar seu noivo.

ROSINHA: Não temos agrados, nem meios agrados. Ele gostou de mim, eu gostei dele, está acabado. Nós vamos casar mesmo.

PERPÉTUA: Não duvido; mas, mesmo depois de casada, terás ainda a obrigação de não aborrecer teu marido.

ROSINHA: Se era preciso tanta história, por que é que não me avisaram logo? Eu dizia que – não –, e estava tudo acabado.

PERPÉTUA: Mas tu não gostas tanto dele?

ROSINHA: Gosto; porém não é para estarem a todo o momento em cima da gente... Endireita esta fita... Levanta a cabeça... Abaixa o vestido, não pises como periquito, não rias tão alto... Que inferno!

PERPÉTUA: Tolinha! Não sabes que a mulher de um doutor, que acaba de ser eleito deputado provincial, e que muito breve será ministro, deve ser uma moça bem educada, bem arranjadinha...

ROSINHA: Aí temos outra! Pois a mulher de um deputado ou ministro não é o mesmo que as outras?

PERPÉTUA: É verdade; porém é uma senhora que tem o dever de ser amável, de dar reuniões em sua casa, de lisonjear uns e outros, e

de se apresentar sempre bem.
ROSINHA: Não se incomode; eu hei de saber apresentar-me.
PERPÉTUA: Está bem.

CENA II As mesmas e Limoeiro

LIMOEIRO: Ora vivam. O doutor ainda não chegou?
ROSINHA (*contrariada*): Ainda não.
LIMOEIRO: Olhem só como ela disse aquele – ainda não.
ROSINHA: Ué! Chentes!
LIMOEIRO: Está se lendo mesmo naquela carinha rubicunda: – Tomara já que chegue o dia! Tomara já que chegue o dia!
PERPÉTUA: É natural. Quando se ama...
LIMOEIRO: E creia, Dona Perpétua, não é por ser o rapaz meu sobrinho, sua filha fica muito bem servida.
PERPÉTUA: E se assim não pensasse, não consentiria em tal união.
LIMOEIRO: Moço, rico, talentoso, deputado provincial aos vinte e quatro anos, futuro representante da nação aos vinte e cinco, futuro ministro aos vinte e seis, futuro chefe de partido aos trinta e futuro senador do império aos quarenta! Quando penso no futuro mais que perfeito que lhe está reservado, quase que enlouqueço de prazer! Olhe, se eu fosse pai, e tivesse seis filhas, dava-lhas todas.
ROSINHA: Credo!
LIMOEIRO (*tirando um jornal do bolso*): Vejam o que diz este jornal. (*Lendo.*) “Parabéns aos nossos comprovincianos. Acaba de ser eleito deputado provincial pelo 3º

distrito o Senador Doutor Henrique da Costa Limoeiro, uma das mais esplêndidas esperanças da sua terra natal. A atitude nobre, sustentada por sua excelência, nas últimas eleições, defendendo o voto livre e as garantias constitucionais contra os botões da anarquia, foi felizmente recompensada pelos dignos eleitores, que souberam colocar-se na altura de tão nobre missão.” Hein? O que dizem a isto?

ROSINHA: É por isso que ele está tão cheio de vento.

LIMOEIRO: Como cheio de vento?

ROSINHA: Porque há dois dias que não nos aparece lá em casa.

LIMOEIRO: Pois se o rapaz nem tempo tem para se coçar! Estes dias tem sido pouco para escrever cartas de agradecimento aos eleitores e aos amigos. O tenente-coronel ainda não veio?

PERPÉTUA: Está lá dentro. Menina, vai chamá-lo.

(*Rosinha sai.*)

CENA III Chico Bento, Dona Perpétua e Limoeiro

LIMOEIRO: Dona Perpétua, foi um verdadeiro triunfo!

PERPÉTUA: Mas um triunfo que nos ia custando bem caro.

LIMOEIRO: Não se apanham trutas a bragas enxutas.

CHICO BENTO: *Se valis bene, ego quid valis.* Como vai esta bizzaria?

LIMOEIRO: Como vê; alegre e satisfeito. Temos que tratar de negócios de alta monta.

CHICO BENTO: Senhora Dona Perpétua, *oculos ruorum*.

PERPÉTUA: Tu nunca tiveste segredos para comigo.

LIMOEIRO: A seu tempo sabê-lo-á, minha senhora.
(*Perpétua sai.*)

CENA IV LIMOEIRO e CHICO BENTO

LIMOEIRO: Tenente-coronel, as coisas tem marchado de modo tal que, quando penso nas dificuldades com que lutamos e nos resultados que obtivemos, digo a mim mesmo: "Seu major, você é um homem da pele dos diabos".

CHICO BENTO: Pois olhe, eu vi o negócio quase perdido.

LIMOEIRO: Fez-se a duplicata, foi aprovada pelo poder competente, votou o Domingos, o seu compadre votou cinco vezes...

CHICO BENTO: Pena foi que não votasse o carcamano.

LIMOEIRO: Mas há de votar na próxima eleição. Instalei-o aqui e já principiando a tomar língua. O nosso doutor obteve carga cerrada, foi o primeiro deputado da combinação, e talvez seja o presidente da salinha. Que carreira de rapaz, meu Deus!

CHICO BENTO: E quanto à deputação geral?

LIMOEIRO: Foi justamente para tratar deste negócio que vim procurar o meu amigo.

CHICO BENTO: O major manda e não pede.

LIMOEIRO: É preciso que combinemos a maneira de arredar qualquer

dificuldade. Além do interesse que temos, lá diz o ditado que duas cabeças valem mais do que uma.

CHICO BENTO: *Todis capitibus, totis sententiis.*

LIMOEIRO: Portanto, é preciso que o tenente-coronel por sua parte escreva aos seus amigos, que eu cá pela minha tratarei de fazer o mesmo. E creia que não tenho cochilado. Veja isto.

(*Mostra o jornal.*)

CHICO BENTO (*lendo*): Bravo.

LIMOEIRO: Pois olhe, foi feito cá pelo degas e corrigido pelo Custódio, o nosso professor público. Se aquele diabo compreendesse tudo o que lê, ninguém podia com ele.

CHICO BENTO: *Legeris et non intelligeris est negligeris.* Pois, meu major, fique sabendo, que não me leva as lampas, porque também mandei escrever o meu artiguito, que a esta hora já deve estar publicado na "Voz da Verdade" de que sou humilde assinante. Eis o rascunho.

LIMOEIRO: Leia lá isso, tenente-coronel.

CHICO BENTO: *Tu Marcellus eris!*

LIMOEIRO: Marcelo, não. é Henrique.

CHICO BENTO: Não, isto é cá o latinório. (*Lendo.*) "Já não pertence à classe dos homens vulgares o Doutor Henrique da Costa Limoeiro! Sua família..."

LIMOEIRO: Homem, isto está com ares de discurso de defunto.

CHICO BENTO: Pois olhe, foi escrito por um homem bem vivo e esperto; pelo nosso vigário! Ouça o resto. (*Lendo.*) "Sua família, transbordando de alegria, por vê-lo no número dos eleitos da

província, agradece a todos aqueles que o acompanharam em tão justa quão nobre pretensão. Fazemos votos para que tão pesado encargo lhe seja leve.” Hein? Que tal?

LIMOEIRO: O meu está muito melhor. Mas, deixemos o que está feito, e tratemos do que há a fazer. O rapaz é candidato à representação nacional. Segundo o trato que fizemos, ele tem de ser recomendado por ambos os partidos. O tenente-coronel apresenta-o pelo lado conservador...

CHICO BENTO: E o major recomenda-o pelo lado liberal.

LIMOEIRO: Justamente.

CHICO BENTO: Mas, pensando bem, o meu amigo não julga que isto poderá comprometer o nosso candidato? Eu achava melhor que ele aceitasse, por ora, um partido – o que está no poder, por exemplo, e que mais tarde, conforme o jeito que as coisas tornassem, ou fosse para o outro que tivesse probabilidade de subir.

LIMOEIRO: Tá, tá, tá.

CHICO BENTO: Na sua circular ele tem que apresentar um programa. Nesse programa há de definir as suas idéias...

LIMOEIRO: E o que têm as idéias com o programa, e o programa com as idéias? Não misture alhos com bugalhos, tenente-coronel, e parta deste princípio: o programa é um amontoado de palavras mais ou menos bem combinadas, que tem sempre por fim ocultar aquilo que se pretende fazer.

CHICO BENTO: Porém cada partido

tem a sua bandeira...

LIMOEIRO: Aqui para nós, que ninguém nos ouve, tenente-coronel, qual é a bandeira do seu?

CHICO BENTO: A bandeira do meu é... Sim... Quero dizer...

LIMOEIRO: Ora eis aí! Está o tenente-coronel com um nó na garganta. Meu amigo, eu não conheço dois entes que mais se assemelhem que um liberal e um conservador. São ambos filhos da mesma mãe, a senhora Dona Conveniência, que tudo governa neste mundo. O que não pensar assim deixe a política, vá ser sapateiro.

CHICO BENTO: O major fala como um pregador ex-cathedra!

LIMOEIRO: O rapaz portanto, não se apresentando nem por um lado, nem por outro, fica no meio. Do meio olha para a direita e para a esquerda, sonda as conveniências, e no primeiro partido que subir encaixa-se muito sorratamente, até que, caindo este, ele possa escorregar para o outro que for ao poder.

CHICO BENTO: Sim, senhor.

LIMOEIRO: Vai ver como as coisas se arranjam. *(Assobiando.)* Domingos? *(Entra Domingos.)* Depressa papel, pena e tinta. *(Domingos sai.)* Sente-se o tenente-coronel ali naquela mesa, e vá escrevendo o que eu for lhe ditando.

CHICO BENTO *(Sentando-se à mesa):* Pronto.

(Domingos entra e põe o papel, o tinteiro e a pena em cima da mesa e tira as xícaras.)

LIMOEIRO: Ilustríssimo Senhor – Esta tem por fim recomendar-lhe muito

especialmente o Doutor Henrique da Costa Limoeiro. Vírgula... Que pretende uma cadeira no seio da representação nacional. Ponto.

CHICO BENTO: Agora é preciso enumerar as virtudes do doutor, suas aptidões, seu talento brilhante...

LIMOEIRO: Deixe o negócio por minha conta... *(Continuando com ênfase.)* Sim!... Não... Quero dizer...

CHICO BENTO: Em que ficamos? Sim ou não?

LIMOEIRO: Risque este sim.

CHICO BENTO: E deixo o não?

LIMOEIRO: Não; risque ambos.

CHICO BENTO: Mas eu ainda não escrevi ambos!

LIMOEIRO: Ora... isque tudo.

CHICO BENTO: Desde o princípio?

LIMOEIRO: Não; o sim – e o não.

CHICO BENTO: Ah! Já sei.

LIMOEIRO *(continuando com ênfase):*
O Doutr Henrique da Costa Limoeiro é uma destas estrelas que raiaram... que raiaram... *(Mudando de tom.)* Espere lá, deixe-me ver uma frase, dessas de estrondo. Ah! *(Com ênfase.)* Que raiaram no horizonte do Brasil para mudar a face dos nossos acontecimentos políticos. *(Mudando de tom.)* Bravo, seu Limoeiro. Já escreveu?

CHICO BENTO: Ticos.

LIMOEIRO: Ticos?!

CHICO BENTO: Sim, políticos.

LIMOEIRO *(com ênfase):* Destinado a representar um papel brilhante entre os seus concidadãos, o Doutor Henrique Limoeiro promete... *(Mudando de tom.)* Vejamos agora o que ele há de prometer.

CHICO BENTO: *Ó copos hic labor esdis.*

LIMOEIRO: É preciso que ele prometa o que se pode prometer, sem comprometer-se. Vamos lá. *(Com ênfase.)* O Doutor Limoeiro promete...

CHICO BENTO: Já está escrito.

LIMOEIRO *(com ênfase):* Retalhar a província...

CHICO BENTO: Menos essa!

LIMOEIRO *(com ênfase):* Com uma grande rede de estradas de ferro, vírgula. Bondes... Bibliotecas...

CHICO BENTO: Retalhar a província com bibliotecas?

LIMOEIRO: Não; não é isso. *(Com ênfase.)* – Bondes e estradas vicinais. *(Mudando de tom.)* Aí pode pôr um ponto de admiração. *(Com ênfase.)* Proteger a lavoura...

CHICO BENTO: E o elemento servil? Aí é que eu quero ver-lhe a habilidade.

LIMOEIRO: Não, não se fala nisso. Deus nos livre. *(Continuando.)* – Proteger a lavoura...

CHICO BENTO: Já está escrito.

LIMOEIRO: Animar as indústrias, o comércio...

CHICO BENTO: Comércio tem vírgula ou dois pontos?

LIMOEIRO: Arrume-lhe ponto e vírgula. *(Continuando.)* Acoroçoar as artes e as letras...

CHICO BENTO: A co có roró ri... Bonito, escrevi caroço.

LIMOEIRO: E a instrução pública, criando escolas noturnas de duas em duas léguas. *(Mudando de tom.)* Isto deve ser grifado.

CHICO BENTO: Isto deve ser grifado.

LIMOEIRO: Não; não é isto; não escreva, grife.

CHICO BENTO: Grife.

LIMOEIRO: Grifo é isto.

(Pega da pena e risca o papel.)

CHICO BENTO: Então, por que não disse logo – risque por baixo?

LIMOEIRO: Onde é que tínhamos ficado?

CHICO BENTO: Criando escolas noturnas de duas em duas léguas. *(Em outro tom.)* Mas para que tanta escola, se não temos gente?

LIMOEIRO: É para acompanhar a moda. *(Com ênfase.)* As suas idéias políticas visam tão somente o progresso do Brasil, escudado na ordem e liberdade bem entendida. *(Mudando de tom.)* Vê isto? Progresso, ordem, liberdade... Liberdade, ordem, progresso. Aí está o programa perfeitamente definido. Agora termine dizendo: o Doutor Limoeiro é deputado provincial pelo 3º distrito; espero que o amigo recomende-o a todos os seus amigos e mande-me as suas ordens. Sou etc., etc. E passe-me para cá, para mandar tirar umas cópias.

CHICO BENTO: Que efeito isto não vai produzir entre os conservadores!

LIMOEIRO: Muito maior efeito ainda produzirá no ânimo dos liberais!

CHICO BENTO: Aqui tem. *(Dá a Limoeiro.)*

LIMOEIRO: Agora é não perder tempo.

CENA V

Os mesmos e Henrique

HENRIQUE *(zangado, com um jornal na mão):* Bom dia, meu tio. Como

tem passado, senhor tenente-coronel?

LIMOEIRO: O que tens? Estás com a cara tão enfarruscada.

HENRIQUE: Veja isto.

(Mostra o jornal a Chico Bento.)

CHICO BENTO *(à parte):* O meu artigo.

HENRIQUE: E só desejava saber qual foi o burro que escreveu esta série de sandices.

LIMOEIRO *(vendo o jornal):* Foi o tenente-coronel.

CHICO BENTO: Está enganado; não fui eu, foi o vigário.

HENRIQUE: Pois hei de dar-lhe os meus sinceros agradecimentos.

LIMOEIRO: Asneira no caso; vais açular o homem contra ti, e perderás toda a votação do colégio.

HENRIQUE: E que me importa a mim a votação do colégio?

LIMOEIRO: Verdade é que serás bem recomendado pelos outros...

HENRIQUE: Maldita seja a hora em que se lembraram de meter-me em semelhante comédia.

LIMOEIRO: Ó rapaz, tu perdeste o juízo?

HENRIQUE: Acabo de sair dos bancos da academia, do meio de uma mocidade leal e generosa, cheio de crenças, sonhando a felicidade de minha pátria, e eis que de chofre matam-me as ilusões, atirando-me no meio da mais horrível das realidades deste país – uma eleição, com todo o seu cortejo de infâmias e misérias.

LIMOEIRO: E ainda em cima te revoltas, tu, que começaste por onde os outros acabam!

HENRIQUE: Não comecei, meu tio, Acabei; porque o quadro que se desenrolou ante os meus olhos foi de tal natureza, que sufocou-me

no peito as aspirações de moço e patriota.

LIMOEIRO: E então, tenente-coronel, o que diz a isto?

CHICO BENTO: Estou abismado.

HENRIQUE: Se queriam fazer de mim um político, por que desiludiram-me tão cedo? Por que não deram-me gota a gota o veneno?

LIMOEIRO: Então, não pretendes ir à assembléia?

HENRIQUE: Não, senhor.

LIMOEIRO: Mas, rapaz, como combinar esta série de disparates que estás dizendo agora, com o que fizeste nas eleições?!

HENRIQUE: Não me recorde esta página negra; foi uma loucura; passou.

LIMOEIRO: Então?

CHICO BENTO: Pois o senhor não tem a ambição de representar o seu país?

HENRIQUE: E o senhor chama isso representar o país? O que é que eu represento? Quais são as minhas idéias? A que partido estou filiado? Que solução posso dar a todos os grandes problemas sociais que se agitam presentemente?

LIMOEIRO: Porém...

HENRIQUE: Formado apenas há dois meses, sem experiência da vida, sem a mais pequena noção dos negócios públicos, o que vou fazer na Câmara? O papel triste e ridículo de um filhote, apresentado por um tio liberal e um futuro sogro conservador. Que manancial fecundo para os folhetins dos jornais de oposição!

LIMOEIRO: E os outros não começam por filhotes?

CENA VI

Limoeiro, Chico Bento, Henrique e Rosinha

ROSINHA: Bom dia, Senhor Henrique. Por onde tem andado? Há dois dias que não o vejo.

HENRIQUE: Não me crimine.

LIMOEIRO (*a Henrique*): Ainda não foste falar com Dona Perpétua. Vai cumprimentá-la, anda.

ROSINHA: Eu vou chamá-la.

HENRIQUE: Com licença.

(*Sai.*)

LIMOEIRO (*baixo a Chico Bento*): Vá também, tenente-coronel; deixe-me só com sua filha.

(*Chico Bento sai.*)

CENA VII

Limoeiro e Rosinha

LIMOEIRO: Fique, minha menina, preciso falar-lhe em particular.

ROSINHA: O que quer?

LIMOEIRO: Promete-me que é capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir?

ROSINHA: Uê chentes! Se eu não sei o que é como posso prometer?

LIMOEIRO: Trata-se da felicidade da menina, de Henrique, de sua mãe, de seu pai, de mim, de todos nós, enfim.

ROSINHA: Sendo assim, prometo.

LIMOEIRO: Henrique está com os miolos virados e quer, a todo o transe, abandonar a carreira que tão brilhantemente começa agora.

ROSINHA: Por quê?

LIMOEIRO: Eu lá sei! Porque está com a cabeça cheia de poesia, e entende que este mundo deve

ser governado a seu jeito.
Compete agora à menina, que soube prendê-lo pelos dotes do coração, dissuadi-lo destas tolices e mostrar-lhe o bom caminho.

ROSINHA: Se estiver nas minhas mãos...

LIMOEIRO: Está, está. E a menina tem também o maior interesse nisto. Irá para a corte, terá ricos vestidos, bonitas jóias, aparecerá nos grandes bailes, freqüentará todos os teatros, divertir-se-á, enfim, como uma verdadeira princesa.

ROSINHA: Ora! Eu ouço dizer que lá na Corte há tanta impostúria... (4)

LIMOEIRO: Isto dizem, da boca para fora, aqueles que lá vão sem dinheiro e que não podem gozar de todos os encantos de uma grande capital.

ROSINHA: Mas lá há mesmo muitos bailes?

LIMOEIRO: A menina faz lá idéia! São cinco e seis por dia!

ROSINHA: Muitos teatros?

LIMOEIRO: Não tem conta.

ROSINHA: Há cavalinhos também?

LIMOEIRO: Há tudo, tudo; não falta nada, além disso, andar de carruagem, puxada por lindos cavalos...

ROSINHA: Chii!!! Deve ser muito bom! Se a gente no carro-de-boi vai tão a seu gosto, quanto mais numa carruagem!

LIMOEIRO: E que carruagem! Toda envernizada, com quatro rodas, estofadas de seda...

ROSINHA: Que belo!

LIMOEIRO: E a rua do Ouvidor?

ROSINHA: A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr a gente de queixo caído.

LIMOEIRO: É um céu aberto! De noite,

então, nem falemos. É clara como o dia e tem mais gente que o arraial no dia de festa de Santo Antônio. A menina só de braço com seu marido, para baixo e para cima, a comprar uma jóia aqui, ali um vestido, acolá um chapéu, e todos a perguntarem: quem é aquela moça? Que peixão! Pois não conheces? É a mulher do Deputado Limoeiro. Há nada que pague isto?

ROSINHA: Eu quero ir para a Corte, eu quero ir para a Corte! Nunca ninguém falou-me deste modo.

LIMOEIRO: É porque nunca dissera-lhe a verdade.

ROSINHA: Vou já falar com Henrique, e não sossego enquanto ele não prometer que há de ir para o Rio de Janeiro.

LIMOEIRO: Como deputado, está visto.

ROSINHA: Aí vem ele.

LIMOEIRO: Aperte-o.

(*Sai.*)

CENA VIII

Rosinha e Henrique

HENRIQUE: Esperava-a lá dentro; não sei por que não veio ver-me.

ROSINHA: Conversava com seu tio.

HENRIQUE: E o que lhe disse ele?

ROSINHA: Falava do senhor, como sempre.

HENRIQUE: Por que tratas-me por senhor, quando nossas almas terão de unir-se dentro em pouco, na mais completa intimidade?

ROSINHA: É porque a gente tem vergonha.

HENRIQUE: Se tu soubesses como me cativas de dia em dia com esta

singeleza!

ROSINHA: É que eu sou uma pobre moça da roça, não tenho educação...

HENRIQUE: E que importa a educação, quando Deus mimoseou-te com todos os predicados de um anjo!

ROSINHA: Ora está; eu sinto o mesmo que o senhor sente; mas infelizmente não posso dizer tanta coisa bonita.

HENRIQUE: Mas tu falas com o coração, e eu sinto-lhe o perfume na candura de tuas expressões.

ROSINHA: O senhor ama-me muito?

HENRIQUE: Ainda o duvidas?

ROSINHA: É capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir?

HENRIQUE: O que pedirás tu que eu não deva fazer?

ROSINHA: Veja bem; promete?

HENRIQUE: Prometo e até juro.

ROSINHA: Eu queria ir para a Corte.

HENRIQUE: E que dúvida há nisto? Pensas porventura que desejo enterrar a tua e a minha mocidade nestas brenhas? Passaremos aqui a nossa lua-de-mel; partiremos depois para o Rio de Janeiro, e mais tarde iremos ver o velho mundo, que é o objeto constante dos meus sonhos.

ROSINHA: Há, porém, uma condição em tudo isso.

HENRIQUE: Qual é?

ROSINHA: É que desejo ir como a mulher do senhor Deputado Limoeiro.

HENRIQUE: Por que me falas de política quando falo-te de amor?

ROSINHA: Porque a política dar-te-á a posição, e eu quero ver-te um grande homem.

HENRIQUE: Compreendo. Meu tio, depois de haver tentado plantar em meu peito a ambição, procura agora arraigar no teu a vaidade! Se o não estimasse como um verdadeiro pai, e se não visse que tudo quanto ele tem feito é com as melhores intenções, diria que a serpente procura Eva para tentar Adão.

CENA IX

(Os mesmos e Limoeiro, que deve estar ouvindo ao fundo.)

ROSINHA: Lembre-se, porém, que prometeu...

HENRIQUE: E a minha palavra não volta atrás. Partirei como deputado, e envidarei todos os esforços para bem cumprir os meus deveres.

LIMOEIRO *(ao fundo)*: Bravo!

HENRIQUE: Levo, porém, desde já a convicção de que a descrença, mais tarde ou mais cedo, far-me-á tragar a taça dos dissabores. E então para onde apelar?

ROSINHA: Para este coração que te adora.

HENRIQUE *(abraçando-a)*: Rosinha, és um anjo!

LIMOEIRO: Vitória! Vitória!

CENA X (5)

**Chico Bento, Perpétua, Limoeiro,
Henrique e Rosinha**

CHICO BENTO: Que alegria é esta, major?!

LIMOEIRO: Veja aquele quadro; o rapaz está ali, está deputado.

CHICO BENTO: Peço a palavra, pela ordem.

HENRIQUE (*rindo*): Tem a palavra o Tenente-Coronel Chico Bento.

CHICO BENTO: Senhor presidente, pedi a palavra para dizer...

LIMOEIRO: Apoiado!
(*Ouve-se dentro o som de uma banda de música.*)

PERPÉTUA: Que música é esta?

LIMOEIRO: Uma manifestação ao nosso deputado.

CENA XI

(*Os mesmos, Custódio, Flávio Marinho, Arranca-Queixo, Rasteira-Certa, Pascoal Basilicata, 1º votante, 2º votante e mais pessoas do Povo, precedidas de uma banda de música e foguetes.*)

CUSTÓDIO: Viva o Doutor Limoeiro!

TODOS: Viva!

FLÁVIO: Viva o legítimo deputado!

TODOS: Viva!

CUSTÓDIO: Meus senhores, este dia assinala uma época gloriosa nos fastos...

FLÁVIO (*baixo, lendo um papel, por detrás de Custódio*): Nos fastos da nossa história.

CUSTÓDIO: Nos fastos da nossa história.

Sois vós o nosso legítimo representante, a nossa glória, o nosso porvir. Avante, cidadão prestimoso...

FLÁVIO (*baixo*): Não; não é isto. Ah! É, é.

CUSTÓDIO: E que as bençãos da pátria caíam sobre vós. Viva o Doutor Limoeiro!

TODOS: Viva!

CENA XII

Os mesmos e Domingos

DOMINGOS: Meu sinhô; se vosmecê nos dá licença, nós vem saudar também sinhozinho com a nossa festa.

LIMOEIRO: Chegaste a propósito. (*Com ar solene.*) Domingos, de hoje em diante serás um cidadão livre. Aqui tens a tua carta, e na minha fazenda encontrarás o pão e o trabalho que nobilita.

DOMINGOS (*ajoelhando-se e abraçando as pernas de Limoeiro*): Meu senhor!

LIMOEIRO: Levanta-te. (*Levanta-o e dá-lhe um abraço.*) – Venha agora à festa.

(*Entram os negras e negros e dançam o batuque.*)

FIM

Obs.: representada pela primeira vez no Rio de Janeiro no Teatro Recreio Dramático, em 14 de Abril de 1882.

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1. 123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel. : _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua Mauá, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907**



IMPrensa Oficial
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE